

Flávia de Castro Alves

O TIMBIRA FALADO PELOS CANELA APÃNIEKRÁ:
UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA MORFOSSINTAXE DE
UMA LÍNGUA JÊ

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Lingüística

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucy Seki

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

Outubro de 2004

UNIDADE	56
Nº CHAMADA	AL87t
V	EX
TOMBO BC/	619829
PROC.	16-86-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	16,00
DATA	04-2-05
Nº CPD	

Bibid: 340165

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

AL87t	<p>Alves, Flávia de Castro</p> <p>O Timbira falado pelos Canela Apâniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê / Flávia de Castro Alves -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.</p> <p>Orientadora: Prof^a Dr^a Lucy Seki</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Gramática comparada e geral – Construções ergativas. 2. Lingüística histórica. 3. Língua indígena. 4. Gramática comparada e geral – Análise sintática. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Slávia de Castro

Alves

BANCA EXAMINADORA

e aprovada pela Comissão Julgadora em
26/11/2004.

Lucy Seki

X Lucy Seki

Profª Drª Lucy Seki

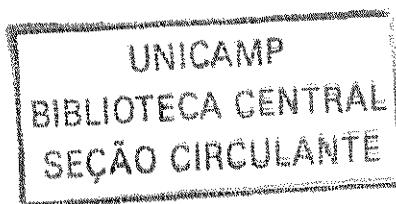
Prof Dr Spike Gildea

Profª Drª Luciana Dourado

2005004747

Prof Dr Frantomé Bezerra Pacheco

Prof Dr Angel Corbera Mori



RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição de aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua Timbira falada pelos Apâniekrá da Área Indígena Porquinhos, localizada no interior do estado do Maranhão.

O trabalho comprehende seis capítulos. O capítulo 1 apresenta informações gerais relacionadas aos povos Timbira (quem e quantos são, sua localização e um breve histórico da minha relação com eles (como lingüista e como assessora lingüística)); os trabalhos anteriores sobre a(s) língua(s) falada(s) por esses povos e sobre a minha proposta de classificação, baseada na comparação dos inventários fonêmicos, das categorias de tempo, aspecto e modo, da ordem dos constituintes e da ergatividade morfológica, de serem duas as línguas dos povos Timbira (a língua Timbira, falada pelos povos Timbira à direita do Rio Tocantins (Apâniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Gavião Pykobjê e Krikatí) e pelos Gavião do Pará, e a língua Apinajé, falada pelos Apinajé que estão à esquerda do mesmo rio). O capítulo 2 apresenta uma análise de aspectos da fonologia do Apâniekrá, resultado de uma revisão da minha dissertação de mestrado. Os capítulos 3 a 5 apresentam uma descrição de tópicos selecionados da morfossintaxe do Apâniekrá que contribuem para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da ergatividade em Timbira e nas línguas Jê: o capítulo 3 (classes de palavras) apresenta as características semânticas, sintáticas e morfológicas das principais classes de palavras: nome, verbo, advérbio, pronome, numerais, posposições, conjunções e partículas; o capítulo 4 (orações simples) apresenta a ordem dos constituintes, os sistemas de marcação de caso (Ativo-Estativo, Nominativo-Absolutivo e Ergativo-Absolutivo), os principais tipos de predicado (verbais e não-verbais) e a estrutura das orações declarativas e negativas das orações simples da língua; o capítulo 5 (orações complexas) apresenta as sentenças complexas (as subordinadas completivas, com verbos de modalidade, de manipulação e de percepção, cognição, expressão, as relativas e as coordenadas), os mecanismos de co-referenciação e o sistema de *switch-reference*. O capítulo 6 apresenta uma hipótese para o aparecimento da ergatividade morfológica em Timbira: a partir da comparação de determinadas propriedades morfossintáticas com outras três línguas Jê (Apinajé – Kayapó – Suyá), levanto uma hipótese para o aparecimento da ergatividade em Timbira. Foi proposto considerar também, dentro da família lingüística Jê, o subgrupo Apinajé – Kayapó – Suyá – Timbira.

Palavras-chave: Timbira, Apâniekrá, morfossintaxe, ergatividade, lingüística histórica.

ABSTRACT

This work endeavors to describe the phonological system, word classes, case marking and agreement systems, phrases, simple clauses, types of predicate and complex sentences of Timbira Apāniekrá, language of northern branch of the Jê family. This language is spoken by approximately 450 people living at Área Indígena Porquinhos in the state of Maranhão, Brazil.

This dissertation explore too the hypothesis that the nominalization construction is one possible source for ergativity in this language.

Key-words: Timbira, Apāniekrá, morphosyntax, ergativity, historical linguistics.

Aos Povos Timbira,
em especial aos Canela Apāniekrá

‘JAH jamais permitirá que as mãos do terror venham sufocar o amor.’

Bob Marley, por Gilberto Gil

Não tenho nada com isso nem vem falar
Eu não consigo entender sua lógica
Minha palavra cantada pode espantar
E a seus ouvidos parecer exótica.

Mas acontece que eu não posso me deixar
Levar por um papo que já não deu, não deu...

Nenhuma força virá me fazer calar
Faço no tempo soar minha sílaba
Canto somente o que pede pra se cantar
Sou o que soa, eu não douro pílula.

Tudo que eu quero é um acorde perfeito e maior
Com todo mundo podendo brilhar num cântico
Canto somente o que não pode mais se calar
Noutras palavras sou muito romântico.

Muito romântico
Canção de Caetano Veloso
do disco *Muito (dentro da estrela azulada)*, 1976

AGRADECIMENTOS

Ao povo Canela Apāniekrá, pelo acolhida sempre alegre e fraternal nas minhas visitas à aldeia. Ao meu amigo formal Neno. Não importa qual seja a minha retribuição à hospitalidade e zelo dos Apāniekrá, vou estar eternamente em débito com eles. Às lideranças Apāniekrá, pela cordialidade. À minha mãe, irmã e sobrinhas Apāniekrá, pela companhia e por me ensinarem tantas coisas sobre mim mesma com a sua visão feminina e feminista do mundo. E finalmente aos meus informantes, pela colaboração com a pesquisa e pela paciência e seriedade dedicadas às intermináveis entrevistas para coleta de dados lingüísticos. Se não fossem vocês, esse trabalho não teria sido realizado.

Aos professores Timbira, pelos anos de convívio e de reflexão metalingüística. Por me considerarem uma aliada na sua luta e, acima de tudo, por me mostrarem que a nossa relação não pode se resumir a uma proposta de grafia.

À minha orientadora Lucy Seki, pela contribuição na elaboração deste trabalho e pela tolerância (e paciência) com que lidou com essa orientanda aquariana, que admira incondicionalmente a liberdade e a independência.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro recebido através da bolsa de estudos que me permitiu desenvolver as atividades do doutorado em dedicação exclusiva.

À Pós-Graduação do IEL e ao Faep, pelos auxílios financeiros concedidos.

Aos professores do Departamento de Lingüística do IEL, em especial aos que participaram da banca das minhas duas qualificações em área complementar (Maria Bernadete Marques Abaurre, Wilmar da Rocha D'Angelis, Maria Filomena Spatti Sândalo, Angel Humberto Corbera Mori).

Às professoras Luciana Dourado (UnB), que participou da minha banca de qualificação de tese, e Stella Telles (UFPE), que participou da minha banca de qualificação em Gramática, pela leitura cuidadosa e pelas valiosas sugestões.

A Spike Gildea (University of Oregon), pelas discussões e pelas sugestões sempre valiosas ao meu trabalho, mas também pelo alto astral e lindas canções.

Sei que este espaço é reservado para agradecermos a pessoas, não a trabalhos. No entanto, não resisti à tentação de mencionar um autor em especial, cujo trabalho admiro enormemente. Não poderia deixar de fazer referência a esse autor que me ajudou a compreender o Apāniekrá e, principalmente, como, perdida entre tantas sentenças (simples, complexas e cada vez mais complexas...), mas com dois de seus livros, *Syntax I, II (an introduction)*, pude começar a montar o quebra-cabeça da gramática do Apāniekrá. À sua compreensão da linguagem, complexa, inovadora e incrivelmente genial, senhor Talmy Givón.

Aos colegas da Área de Línguas Indígenas da Unicamp, por formarmos uma comunidade.

Às minhas amigas lingüistas. Juntas desabafamos, nos solidarizamos, nos fortalecemos e nos divertimos muito.

À minha mãe, pela força e pelo seu apoio logístico total.

À minha família (que maneira mais feliz de viver!):

Meus filhos, que são feras na doçura, na força e na graça.

Alice: a menina solta, decidida, cheia de vida etc e tal. Não tem onde caiba, eu te amo.
Minha flor, serei pra sempre o teu cantor.

Arrigo: te amar e te deixar livre para amar, brincar, correr, cansar, dormir em paz. Meu leãozinho, te amar e deixar ser o que você é.

Meu marido e super companheiro Viena: sem grilos, sem desespero, sem tédio, sem fim...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. OS TIMBIRA	3
1.1 Minha relação com os Timbira: pesquisa e educação	3
1.1.1 O Programa de Educação Indígena do CTI e a construção de uma grafia uniformizada para a língua falada pelos povos Timbira	6
1.1.2 A questão dialetal e a elaboração da grafia uniformizada	7
1.1.3 Levantamento das propostas de grafia para a língua falada pelos povos Timbira	8
1.1.4 Resultados da Oficina de Grafia Timbira (dezembro de 2003)	10
1.1.5 Reflexões sobre a metodologia usada na elaboração da proposta de grafia uniformizada	12
1.1.6 Próximos passos	13
1.2 Os povos Timbira	14
1.2.1 Os povos Timbira e sua língua	16
1.2.2 Trabalhos anteriores sobre a língua falada pelos povos Timbira	16
1.2.3 Classificação da língua dos povos Timbira	17
1.2.3.1 Inventários fonêmicos	17
1.2.3.2 As categorias de tempo, aspecto e modo	19
1.2.3.3 Ordem dos constituintes	20
1.2.3.4 Ergatividade morfológica	20
2. FONOLOGIA	24
2.1 As unidades distintivas	24
2.1.1 As obstruintes surdas	25
2.1.2 As consoantes nasais	31
2.1.3 Os glides	35
2.1.4 Vogais	39
2.2 Constituição silábica	42
2.2.1 Onsets	42
2.2.2. Cudas	43
2.3 Acento	44
3. CLASSE DE PALAVRAS	46
3.1 Principais classes de palavras	46
3.1.1 Critérios de classificação	46
3.1.2 Critérios morfotáticos	46
3.2 Nomes	47
3.2.1 Caracterização semântica	47
3.2.2 Caracterização sintática	49
3.2.3 Caracterização morfológica	51
3.2.3.1 Morfologia derivacional	53
3.3 Verbos	54
3.3.1 Caracterização semântica	54

3.3.2 Caracterização sintática	57
3.3.2.1 Verbos intransitivos	57
3.3.2.1.1 Verbos intransitivos ativos	57
3.3.2.1.2 Verbos intransitivos não-ativos	57
3.3.2.1.3 Verbos intransitivos com ‘sujeito’ no dativo	60
3.3.2.1.4 Verbos intransitivos com ‘objeto indireto’	60
3.3.2.2 Verbos transitivos	62
3.3.2.2.1 Verbos transitivos bivalentes	62
3.3.2.2.2 Verbos transitivos trivalentes	62
3.3.2.2.3 Verbos transitivos com ‘sujeito’ experienciador	63
3.3.2.3 Operadores	63
3.3.3 Caracterização morfológica	64
3.3.3.1 Tempo, aspecto e modo	66
3.3.3.2 Vozes do verbo	68
3.3.3.2.1 Reflexiva	68
3.3.3.2.2 Recíproca	71
3.3.3.2.3 Voz média	71
3.3.3.3 Morfologia transitivizadora e detransitivizadora	73
3.3.3.3.1 Causativo morfológico	73
3.3.3.3.1.1 Causativização de verbos intransitivos não-ativos	73
3.3.3.3.1.2 Causativização de verbos intransitivos ativos	75
3.3.3.3.2 Detransitivizador	78
3.3.3.4 Morfologia derivacional	78
3.4 Advérbios	79
3.5 Pronomes	80
3.5.1 Pronomes pessoais	80
3.5.1.1 Pronomes pessoais enfáticos	80
3.5.1.2 Pronomes pessoais livres	81
3.5.1.3 Pronomes pessoais prefixos	82
3.5.2 Pronomes reflexivos	84
3.5.3 Pronome recíproco	84
3.5.4 Pronomes demonstrativos	85
3.5.5 Pronomes indefinidos	85
3.6 Numerais	86
3.7 Posposições	86
3.7.1 Cópula	88
3.8 Conjunções	88
3.9 Partículas	89
4. ORAÇÕES SIMPLES	92
4.1 Ordem dos constituintes	92
4.2 Marcação de caso	96
4.2.1 Sistema Ativo-Estativo	97
4.2.1.1 Hierarquia de pessoa, um subsistema do Ativo-Estativo	104
4.2.2 Sistema Nominativo-Absolutivo	106
4.2.3 Sistema Ergativo-Absolutivo	108

4.3 Principais tipos de predicado	110
4.3.1 Predicados verbais	110
4.3.1.1 Predicados Intransitivos	110
4.3.1.1.1 Predicados Intransitivos Simples	111
4.3.1.1.2 Predicados Intransitivos Não-ativos	112
4.3.1.1.3 Predicados Intransitivos com ‘Sujeito’ Experienciador	113
4.3.1.1.4 Predicados Intransitivos com ‘Objeto Indireto’	114
4.3.1.2 Predicados Transitivos	116
4.3.1.2.1 Predicados Transitivos Simples	116
4.3.1.2.2 Predicados Transitivos com ‘Sujeito’ Experienciador	117
4.3.1.2.3 Predicados com Verbos Bi-Transitivos	118
4.3.1.2.4 Predicados com Complemento Oracional	119
4.3.2 Predicados não-verbais	120
4.3.2.1 Predicados Equativos	120
4.3.2.2 Predicados Possessivos	122
4.3.2.3 Predicados Locativos	124
4.4 Tipos de oração	124
4.4.1 Orações declarativas	125
4.4.1.1 Declarativas básicas	125
4.4.1.2 Declarativas clivadas	126
4.4.1.3 Declarativas focalizadas	126
4.4.1.3.1 Foco apresentacional	126
4.4.1.3.2 Foco contrastivo	127
4.4.1.4 Declarativas topicalizadas	128
4.4.1.4.1 Tópico (deslocamento à esquerda)	128
4.4.1.4.2 Tópico contrastivo	129
4.4.2 Orações negativas	129
4.4.2.1 Negação do predicado verbal	129
4.4.2.2 Negação do predicado não-verbal	131
5. SENTENÇAS COMPLEXAS	132
5.1 Sentenças completivas	132
5.1.1 Verbos de modalidade	133
5.1.2 Verbos de manipulação	135
5.1.3 Verbos de percepção, cognição, expressão (PCU)	138
5.2 Sentenças relativas	140
5.2.1 Relativização primária	141
5.2.1.1 Relativização do sujeito	141
5.2.1.2 Relativização do objeto	141
5.2.2 Relativização de objeto indireto	141
5.2.3 Relativização de oblíquo	142
5.3 Sentenças coordenadas	142
5.3.1 Mecanismos de co-referenciação	143
5.3.2 Continuidade do tópico e <i>switch-reference</i> : uma perspectiva diacrônica	145
6. AS FORMAS VERBAIS: DESCRIÇÃO SINCRÔNICA E HIPÓTESE DIACRÔNICA	
	148

CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
ANEXOS	164

ABREVIATURAS

ABS	absolutivo
ALT	alternativo
ASP	aspecto
BEN	benefactivo
CAUS	causativo
CLV	clivagem
COL	coletivo
COM	comitativo
CONJ	conjunção
COP	cópula
Co-ref	co-referente
CRD	coordenativo
DAT	dativo
DEF	definido
DEM	demonstrativo
DIR	direcional
DS	sujeito diferente
DSJ	disjunção
DTR	detransitivizador
Excl	exclusivo
ERG	ergativo
EVD	evidencial
FRS	frustativo
FUT	futuro
GEN	genitivo
GNR	genérico
HAB	habitual
HRT	hortativo
Incl	inclusivo
IND	indefinido
INS	instrumental
INT	interrogativo
INTR	intransitivo
IRR	irrealis
LOC	locativo
MAL	malefactivo
MD	voz média
MOV	movimento
MS	mesmo sujeito
Msuj	marca de sujeito
NEG	negação
NEGT	negativo
NF	não-finito
NMZ	nominalizador
PAS	passado

PD	passado distante
PG	prefixo genérico
PL	plural
POS	posse
POSP	posposição
POST	positivo
PR	prefixo relacional
Pred	predicativo
PROG	progressivo
PROSP	prospectivo
RCP	recíproco
REL	relativizador
RFL	reflexivo
RLS	realis
SN	sintagma nominal
SUB	subordinador
SV	sintagma verbal
TCL	termo de classe
TOP	tópico
TRZ	transitivizador
1	1 ^a pessoa
2	2 ^a pessoa
3	3 ^a pessoa
-	prefixo
=	clítico
?	ainda sem definição

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é, primeiramente, documentar a língua Timbira falada pelos Apâniekrá da Área Indígenas Porquinhos, no estado do Maranhão. Em segundo lugar, apresentar informações gerais sobre esses povos para contextualizar a discussão e definição de sua política lingüística (cujo resultado mais evidente é, sem dúvida, a construção de uma grafia uniformizada para ser usada pela totalidade dos povos Timbira).

O objetivo principal, no entanto, é fornecer uma primeira descrição de aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua. Este trabalho também tem como finalidade dar subsídios para o leitor levantar suas próprias hipóteses em relação à ergatividade em Timbira Apâniekrá e, mais especificamente, fornecer informações de uma língua Jê para as teorias sobre sistemas de ergatividade cindida.

A pesquisa sobre sistemas ergativos nas línguas do mundo é interessante e tem sido altamente produtiva na lingüística funcional-tipológica. Urban (1985) considera que o Brasil Central fornece um laboratório para o estudo do fenômeno da ergatividade. Nesse sentido, minha intenção ao apresentar os fenômenos relacionados à ergatividade cindida do Apâniekrá numa perspectiva diacrônica foi a de que a compreensão da ergatividade será ainda mais abrangente (e interessante) se fizermos referência à história da língua, lançando mão de reconstruções hipotético-dedutivas.

O trabalho apresenta informações relacionadas aos povos Timbira, quem e quantos são, sua localização e um breve histórico da minha relação com eles (como lingüista e como assessora lingüística) (capítulo 1), uma análise de aspectos da fonologia da língua falada pelos Apâniekrá (capítulo 2), dos seguintes aspectos da morfossintaxe: classe de palavras (capítulo 3), orações simples (capítulo 4) e orações complexas (capítulo 5), e uma hipótese para o aparecimento da ergatividade morfológica em Timbira (capítulo 6).

Os dados utilizados para a elaboração deste trabalho foram coletados de outubro de 1994 a julho de 2004. Parte dos dados foi coletada em trabalho lingüístico de campo. Na aldeia dos Apâniekrá, a coleta foi o mais ampla e abrangente possível, incluindo os seguintes tipos de dados: produções espontâneas, diálogos; textos de diferentes tipos: narrativos (mitos, relatos históricos, relatos pessoais etc.), procedurais (instruções de como desenvolver atividades etc.), expositórios (explicações de fenômenos, conceitos, crenças, costumes). Todo esse material está gravado em mini disc e fitas K7. Também foram coletados dados especialmente elicitados, a partir de questionários já existentes e de outros que foram elaborados segundo a necessidade da pesquisa. Esse material está registrado em transcrições fonológicas e apenas parte dele está gravado em mini disc e fitas K7.

A realização de pesquisa de campo constitui uma situação mais adequada, por permitir abordar a língua em seu contexto histórico e sócio-cultural. No entanto, dada a escassez de recursos para a realização de trabalho de campo, trabalhei com meus informantes principalmente durante as noites ou nos dias subsequentes aos cursos ou oficinas que participei. Outra consequência da falta de apoio das agências brasileiras de fomento à pesquisa de campo com línguas indígenas é que a maioria absoluta dos textos narrativos, procedurais e expositórios ainda não foram trabalhados.

O trabalho de análise da língua foi realizado segundo uma abordagem funcional tipológica, como apresentada nos trabalhos de Comrie, Dixon, Foley, Givón, Nichols entre outros, utilizando a metodologia habitual da Lingüística Descritiva que trabalha com

generalizações no nível de fatos, já que se quer chegar à descrição o mais extensiva e informativa possível das línguas.

O objetivo desse tipo de abordagem não é a elaboração de construtos teóricos, mas a análise de fenômenos lingüísticos considerados em seus próprios termos. Essa linha metodológica dá prioridade a generalizações mais concretas como primeiro passo essencial para o trabalho de lingüística descritiva. Por outro lado, é conveniente também na medida em que seus resultados podem ser utilizados por diferentes especialistas e podem se reverter em benefícios para a comunidade falante.

1. OS TIMBIRA

1.1 Minha relação com os Timbira: pesquisa e educação

O meu interesse pelo estudo da língua Timbira surgiu quando ainda era aluna do curso de Letras da FFLCH/USP, em 1994, enquanto esperava o parecer de um projeto de pesquisa (o segundo) com a língua guarani. Nessa época, o professor Waldemar Ferreira Netto procurava um estudante de Letras para assessorá-lo nas aulas de português do curso de formação de professores Timbira, que seria realizado no estado do Maranhão. Como era, por um lado, a possibilidade que eu tinha de conhecer um povo jê, cuja língua, cultura e temperamento diferiam enormemente dos guarani que eu conhecia e com quem eu trabalhava e, por outro, de ser uma oportunidade de conhecer e contribuir com a educação escolar indígena, achei que seria uma boa experiência para mim participar do curso.

Durante esse que era o II Seminário de Professores Timbira, realizado pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI, uma organização não-governamental) na cidade de Carolina (MA), pude conhecer os representantes de vários povos Timbira: os Apâniekrá, os Krahô, os Apinajé e os Pykobjê.

As aulas de português foram extremamente produtivas, com os alunos se sentindo muito motivados. O professor Waldemar e a coordenadora do Programa de Educação Timbira do CTI, Maria Elisa Ladeira, observando meu interesse pela língua Timbira e o interesse dos Timbira pelo estudo de sua língua materna, acharam interessante ter um lingüista que se dedicasse ao estudo dessa língua (pelo menos de uma de suas variantes). Seria bom para a Academia (no caso específico, para a Fonologia) e bom para o Programa de Educação Timbira (que poderia, por exemplo, propor oficinas para a construção de grafia). Como era eu que estava lá participando do curso, foi para mim que fizeram a proposta de realizar o estudo da fonologia do Timbira. E eu, feliz coincidência, que tinha acabado de saber que a Fapesp tinha negado o meu projeto para o estudo do guarani, aceitei a proposta.

Foi assim que se definiu o tema do meu trabalho de iniciação científica (desenvolvido nos anos 1994-95, com bolsa do CNPq), que teve como título *Levantamento fonêmico contrastivo das línguas Apinayé, Canela e Krahô (família lingüística Jé)*. O objetivo da pesquisa era realizar um primeiro mapeamento das diferenças e semelhanças dessas línguas, comparando seus inventários fonêmicos e suas constituições silábicas. O objetivo foi o de entender, no nível da fonologia, quão diferentes e quão semelhantes são o Apinajé, o Canela e o Krahô.

O meu primeiro trabalho de campo para coleta de dados lingüísticos foi realizado na Área Indígena Porquinhos (MA), em julho de 1995. O motivo de eu ter ido para a aldeia dos Apâniekrá foi o fato de o CTI, que foi quem subsidiou essa minha primeira viagem a campo, querer incorporar a escola da aldeia apâniekrá em seu Programa de Educação. Por isso, o meu objetivo era fazer um relatório sobre as condições da escola. O outro objetivo dessa viagem era coletar dados da língua Timbira falada pelo povo apâniekrá para que eu pudesse escrever o meu projeto do mestrado. A necessidade em realizar o trabalho de campo antes da definição do projeto se justificou porque, nesse ano, eu estava grávida da minha primeira filha.

Em setembro de 1995, já comprometida com o Programa de Educação Timbira do CTI, ajudei a organizar na Faculdade de Letras da FFLCH / USP o **III Seminário de Professores Timbira**, cujo tema foi *A uniformização na grafia Timbira*. As atividades que

desenvolvi nesse encontro foram: 1) docência (lingüística, língua portuguesa e suas variantes, língua timbira e suas variantes, tipos diferentes de escrita (exemplos de pictogramas, ideogramas, silabários etc)); 2) iniciar a discussão para a construção de uma proposta de grafia uniformizada para a língua falada pelos povos Timbira; 3) elaboração de textos para serem usados como material didático nas aulas de português e de lingüística: **As diferentes formas de escrita** (sobre conceitos lingüísticos, tipos e propostas de grafia), **As letras e seus sons** (sobre conceitos lingüísticos, grafema, fonema e língua portuguesa), **Línguas faladas e língua escrita: as variações do português falado e a unidade do português escrito** (sobre conceitos lingüísticos e língua portuguesa).

No ano de 1998, durante o **VII Curso de Formação de Professores Timbira**, o primeiro que participei no Centro de Ensino e Pesquisa Timbira Pēnxwŷj Hēmpejxŷ, tive a oportunidade apresentar e discutir os resultados preliminares da minha pesquisa de mestrado aos professores Timbira. Foi muito interessante a reação deles, principalmente ao saber que um lingüista (na época eu estava mais preocupada com a fonologia) se preocupa com questões no mínimo estranhas. Sem contar as soluções que a gente encontra para esses problemas (por exemplo, que em todas as variantes da língua Timbira não há sílabas que começem com tr, e que isso pode ser explicado por uma tendência comum nas línguas do mundo que evita que consoantes com mesmo ponto de articulação ocorram no início da sílaba). Achei muito natural a cara deles de espanto e admiração. Por outro lado, estavam começando a se encantar com a Lingüística. Queriam saber mais e mais.

Depois que comecei o doutorado, só encontrei novamente os professores Timbira em março de 2002. Mas o número de vezes que nos encontramos nesse ano compensou os quase três anos que fiquei sem vê-los: um curso do magistério indígena para os professores Křikatí (onde tive a oportunidade de conhecê-los), dois encontros para discutir a uniformização das grafias para a língua Timbira e a Oficina Pedagógica Timbira (realizada pela Coordenadoria Geral de Apoio às Escolas Indígenas do Ministério da Educação em parceria com o CTI, a Gerência de Desenvolvimento Humano (Área de Educação Indígena) do Estado do Maranhão e Fundação Nacional do Índio (FUNAI)) para a discussão sobre o funcionamento, currículo e programa da Escola Timbira.

No entanto, o que mais me alegrou nesse ano foi poder ter voltado à aldeia dos Apāniekrá, e ter levado comigo a minha filha:

Quando cheguei em Barra do Corda, fui buscar a minha autorização na Funai e encontrei alguns Apāniekrá. Alguns já meus conhecidos: professores, compadres e comadres (meus amigos formais), inclusive o cacique da aldeia, que veio conversar comigo com toda a sua diplomacia, típica dos povos Timbira. Foi muito bom encontrá-los, ser reconhecida por eles, ainda que a minha última passagem pela aldeia tivesse sido em 1995. Soube então como estavam as coisas na aldeia, as novidades, perguntei da intſe (mulher em cuja casa eu fico hospedada e que eu chamo de mãe), das festas que eu perdi e das que eu poderia participar se pudesse ficar na aldeia um pouco mais.

Cheguei na aldeia nesse mesmo dia, por volta das 21h. A distância não é grande, são 120 quilômetros apenas, mas a estrada é muito ruim. Não importa, o lugar é muito lindo: um areião sem fim, no meio da vegetação do cerrado.

É sempre uma emoção muito grande a chegada na aldeia. Para minha surpresa, os Apāniekrá não estavam me esperando. Achei que a Funai tivesse passado um rádio (o único meio de comunicação da aldeia), avisando que eu estava chegando, mas não. Por isso as pessoas me olhavam, tentando me reconhecer, mas sem lua estava muito escuro. Até que

alguém que viajava na traseira da Toyota disse que eu era a Pañõ e que aquela menina, que estava lá atrás também, era a minha filha. Pañõ é meu nome apāniekrá, que recebi quando fui para a aldeia pela primeira vez.

Rapidamente chegamos à casa da minha mãe apāniekrá. Ela, que já é velha, estava muito emocionada, com uma cara de choro, praticamente me arrancou de dentro do carro. Logo me perguntou do krare ('filhinho'), que quando eu estive lá em 1995 estava na minha barriga. E aí eu pude dizer 'Está aqui', mostrando a Alice.

Nessa noite recebi muitas visitas, famílias inteiras que queriam me ver e conhecer a minha filha. Perguntavam da viagem, do marido, do filho que ficou na cidade, de São Paulo e o porquê de eu ter levado tanto tempo para voltar. Pergunta difícil de responder, porque me dei conta de que eles estiveram me esperando.

Na manhã seguinte, fui chamada para ir ao pátio (o lugar das reuniões) para expor o objetivo da minha passagem pela aldeia. Falei então longamente sobre a minha pesquisa: que era um estudo do dialeto Apāniekrá, que eu precisava de informantes que pudesse trabalhar comigo etc. Eu na verdade já tinha um informante, Anelivaldo Pihok, mas precisava saber a opinião da comunidade. Existe mais ou menos um consenso entre os apāniekrá que diz que para estudar, por exemplo, os mitos o melhor é trabalhar com o Moisés; já a história das lutas dos antigos é com o Eusébio; as canções com o Luís Kraiba. Embora todos eles conheçam os mitos, as histórias de guerras, as canções etc, para esses tipos de textos narrativos (mitos, relatos históricos, etc.) e expositórios (explicações de fenômenos, conceitos, crenças, costumes) somente alguns são "autorizados", no sentido de serem competentes, a reproduzi-los.

Com relação ao Pihok, eu disse que preferia trabalhar com ele porque já estava acostumada, mas que se a comunidade achasse que ele não era um bom professor para mim, que não tinha problema, não. Eu iria trabalhar com quem eles me indicassem. O Pihok é o professor que dá aulas há mais tempo na aldeia (contratado pelo estado do Maranhão), e por isso tem um certo prestígio. Como a comunidade não se opôs à minha escolha, eu pude continuar trabalhando com ele mesmo. Ele é indicado para trabalhar com o que nós lingüistas chamamos de dados especialmente elicitados, com relatos pessoais e procedurais (instruções de como desenvolver atividades etc.) e na transcrição desses pequenos textos. Falei também sobre a minha assessoria ao Projeto de Educação Timbira, coordenado pelo CTI. Mostrei como a partir da minha pesquisa eu me engajei nos cursos de Lingüística para os professores Timbira, na elaboração de uma grafia Timbira, de material didático etc.

Importante dizer que esse tipo de compromisso que se estabelece com a comunidade não é nenhum tipo de problema moral do pesquisador, embora pareça pela maneira como normalmente o lingüista expõe o problema (argumentando que "Os resultados da pesquisa precisam voltar para a comunidade", só se for para servir de papel para enrolar cigarro!). A verdade é que quando me dei conta já está envolvida, aí não é mais possível recusar pedidos (ou determinações) da comunidade. Por exemplo, em junho de 2002, durante a Oficina Pedagógica Timbira, uma professora Krikatí queria saber com quem os Krikatí teriam que falar para exigir a minha presença na aldeia. Ora, ela não estava me perguntando se eu queria ir para a aldeia Krikatí. Ela estava dando isso como certo. O problema era conseguir quem iria arcar com as despesas. O interessante é que os Krikatí tem uma relação de muitos anos com missionários que moram na aldeia e estudam a língua. No entanto, eles

não são reconhecidos pela comunidade, ou seja, não são as pessoas que a comunidade vai exigir para assessorá-la nas ações relativas à língua.

O tempo na aldeia é diferente do tempo na cidade. Não é possível trabalhar com o informante mais que quatro horas por dia. As entrevistas realizadas para coleta de dados da língua são sempre muito chatas e parecem intermináveis. Por isso sempre admirei a paciência e seriedade com que os Timbira encaram essas entrevistas, às vezes parecem mais animados do que eu.

Os Apâniekrá parecem gostar da presença de visitantes na aldeia, sobretudo se essas pessoas se interessam pela cultura deles. Tratavam-me com a maior deferência, minha filha (que na época tinha seis anos) com extraordinários carinho e cuidados. Ela também recebeu nome, quis cortar o cabelo como eles, foi pintada com urucum e ganhou, como as outras meninas que são iniciadas, muitos, muitos presentes.

As atividades sociais também são intensas. Tem as brincadeiras no pátio, que começam à noite e entram pela madrugada. Ou ainda quando um cantador vai para o pátio, bem antes do sol nascer (segundo eles ‘no cantar do primeiro galo’) e a ‘mulherzada’ vai se juntando, uma a uma, para ajudá-lo a cantar.

Nas conversas à noite, na frente das casas, sempre falamos de várias coisas. Querem saber sobre o avião que me deixou em Teresina ou em Imperatriz, sobre São Paulo (que alguns já conhecem) e me pedem mais e mais histórias da cidade grande. Contam também as histórias da aldeia, das viagens que fizeram, falam das pessoas que morreram. Nessas horas eu ficava só ouvindo, porque esquecem de mim e falam na língua. Umas histórias cumpridas, em que a fala ficava meio musical, sobretudo a fala das mulheres. É difícil não lembrar do artigo de Anthony Seeger (1986) sobre os Suyá: ‘é tudo música para os meus ouvidos’. Nessas horas eu me sinto uma pessoa muito, muito afortunada.

Assim são os meus dias na aldeia, em que me divido entre as atividades de pesquisa e a vida social.

De 2002 até hoje não voltei para a aldeia dos Apâniekrá. Por outro lado, tenho trabalho bastante com a Comissão¹ de Professores Timbira no Centro de Ensino e Pesquisa Timbira Pēnxwŷj Hêmpejxŷ, na cidade de Carolina (MA). Terminando o doutorado, espero poder me envolver mais com as reivindicações da Comissão, principalmente na concretização das expectativas que eles têm em relação a mim (como, por exemplo, a criação de um acervo de narrativas Timbira (nos moldes do Acervo Musical Timbira, coordenado pela etnomusicóloga Kilza Setti com assessoria do CTI)).

1.1.1 O Programa de Educação Indígena do CTI e a construção de uma grafia uniformizada para a língua falada pelos povos Timbira

Os Programas de Educação do CTI, entre eles o desenvolvido com os povos Timbira, têm como proposta contribuir para a manutenção de práticas sócio-culturais dos povos indígenas, capacitando-os para que elaborem e promovam seus próprios projetos de futuro numa perspectiva de respeito à diversidade cultural.

¹ A Comissão de Professores Timbira é como um “departamento” da Associação Wy’ty-Caté das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, uma associação indígena que representa seis povos Timbira (Krahô, Apinajé, Krikati, Gavião (Pykobjê), Canela Apâniekrá e Canela Ramkokamekrá) e que surgiu junto com a implantação do Projeto Frutos do Cerrado, em 1993.

Desde 1993, através dos cursos de formação de professores organizados pelo CTI com a assessoria do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH / USP, tem sido discutida a possibilidade de uma política lingüística consensual para a totalidade dos povos Timbira. A realização de um Seminário Lingüístico realizado para os professores Timbira na Faculdade de Letras da USP em 1995, a formação de duas lingüistas especializadas, (com as especificidades da língua falada pelos Apâniekrá Canela e outra com os Pykobjê (Gavião), Rosane de Sá Amado) no âmbito do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Lingüística da USP, a realização de um levantamento lingüístico (Alves: 2002) em parceria com os professores Timbira, e a realização de inúmeras oficinas no Centro de Ensino e Pesquisa Timbira Pénxwyj Hémpejy voltadas para a definição de uma grafia uniformizada (na totalidade das aldeias abrangidas pelo Programa de Educação do CTI), foram as atividades desenvolvidas pelo CTI em parceria com lingüistas da Faculdade de Letras da USP. Estas discussões, levadas ao longo de nove anos, resultaram na definição de uma política lingüística que compreende uma proposta de grafia uniformizada para ser utilizada no contexto das escolas, na comunicação interna nas diferentes aldeias e na manifestação de logomarcas e nomes para a comunicação externa.

A proposta das oficinas de grafia era a de que a Comissão de Professores Timbira, assessorada por lingüistas e demais especialistas, pudesse convencionar uma grafia uniformizada e organizar um pequeno material para circular entre os demais professores Timbira. O objetivo desse acordo é que ele pudesse, posteriormente, orientar a elaboração de um material para alfabetização a ser utilizado na totalidade das escolas Timbira.

1.1.2 A questão dialetal e a elaboração da grafia uniformizada

Um acordo ortográfico não se resume a uma questão técnica. A construção de uma escrita ‘padrão’ está orientada muito mais por questões de natureza sócio-cultural e política do que propriamente lingüística. A definição das fronteiras língua/dialeto é um reflexo da necessidade de seus falantes de marcar a distância ou proximidade de uma língua/dialeto em relação à/ao outra/o. Um bom exemplo é a história da codificação lingüística do português do século XVI: os intelectuais portugueses codificaram o dialeto de maior prestígio (em detrimento dos outros), sendo que o acordo ortográfico resultante vem contribuindo para construir essa diferença.

O conceito de língua abrange o sistema, que é do domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e as normas, que, como variantes desse sistema, são do domínio de grupos sociais, regionais etc. (Coseriu, 1987). Em outras palavras, as variantes dialetais de uma mesma língua precisam compartilhar (em sua forma e função), as categorias gramaticais, tais como pessoa, número, gênero, caso, tempo, aspecto, modo ou modalidade etc. Nesses termos, o Apinajé não pode ser considerado, ao lado do Krahô, Kríkatí, Pykobjê, Parkatejê, Apâniekrá e Ramkokamekrá, um dialeto da língua Timbira (a evidência para essa consideração é que, embora a princípio pareça que o Apinajé se diferencie do Timbira apenas por aspectos que caracterizariam modos de realização das variantes de uma mesma língua, uma análise mais apurada mostra que o Apinajé não compartilha o mesmo sistema gramatical que o Timbira (com relação, por exemplo, à marcação de caso)). Por isso, do ponto de vista da Lingüística Descritiva, é preciso considerar o Apinajé e o Timbira como línguas diferentes.

Apesar das diferenças lingüísticas (e algumas sócio-culturais) entre os diferentes povos Timbira (Apinajé, Krahô, Kríkatí, Krêjê, Kukojrekatejê, Pykobjê, Parkatejê, Apâniekrá e Ramkokamekrá), de maneira geral, estes grupos são suficientemente similares para serem considerados conjuntamente: apresentam como características comuns a música, o corte de cabelo, a morfologia da aldeia e a corrida com toras.

Mesmo que a Lingüística mostre que o Apinajé e o Timbira são línguas diferentes, do ponto de vista dos próprios Timbira, há que se chamar atenção para o fato de que a identidade lingüística é o mais importante símbolo da identidade coletiva entre todos os povos Timbira (incluindo aí o Apinajé). Por isso mesmo, os professores Apinajé seguem participando das discussões para a elaboração de uma grafia uniformizada. Essa participação é imprescindível, já que a proposta de grafia precisa ser discutida e elaborada por representantes de TODOS os povos Timbira (uma vez que muitas das atividades desenvolvidas pelos professores Timbira não se definem independentemente, mas segundo a realidade e as expectativas dessas comunidades).

Nesse sentido, a política lingüística Timbira se diferencia enormemente da história da codificação lingüística do português do século XVI: intelectuais / professores, lideranças e comunidade vêm construindo uma escrita que seja visível, no plano gráfico, a semelhança entre os seus dialetos (para ‘nós que falamos a mesma língua’ como dizem), uma vez que consideram que todos os dialetos são de prestígio. Dessa forma, a escrita uniformizada representa, simbolicamente, mais um instrumento de fortalecimento da unidade dos povos Timbira.

1.1.3 Levantamento das propostas de grafia para a língua falada pelos povos Timbira

Com exceção da proposta de grafia apresentada por Leopoldina Araújo (lingüista, UFPA) para o Parkatejê, todas as outras propostas apresentadas a seguir foram elaboradas pelo Summer Institute of Linguistics (SIL) (para o Apâniekrá, Ramkokamekrá e Krahô (*Canela-Kraho*, grafia única para as três línguas) e para o Apinajé) e pelas Novas Tribos (NT) (para o Kríkatí e que é usada também para a grafia do Pykobyê).

É preciso dizer que há tantas propostas de grafia quantos foram os missionários que passaram pelas aldeias Timbira, o que faz com que povos que falam a mesma língua não consigam se entender pela escrita (tamanha a divergência das propostas). No entanto, o problema principal dessas propostas não são elas em si, mas a maneira como foram construídas (sem a participação de representantes Timbira) e como elas vêm sendo ensinadas (como se fossem ‘as ortografias’, isto é, a maneira ‘correta’ de se escrever a língua Timbira).

Motivados, portanto, pelo descontentamento por parte dos povos Timbira em relação às propostas de grafias elaboradas para suas línguas (com exceção dos Parkatejê), pela proximidade entre essas línguas e por reforçar fundamentalmente a identidade Timbira entre esses povos, partiu do CTI a idéia de se discutir uma proposta de uma grafia uniformizada para todas esses dialetos. O primeiro encontro foi em 1995, em que se fez necessária a presença de um lingüista (Alves) para realizar o levantamento dessas variantes, mediar a discussão e conduzir o debate. Nessas discussões sobre a elaboração da grafia (se uniformizada para todos os dialetos ou não), a presença de um lingüista que estuda a língua Timbira vem permitindo aos representantes indígenas escolhidos por seus respectivos povos (quase sempre professores) o acesso ao conhecimento lingüístico especializado.

Segue abaixo o inventário de fonemas (em negrito) e grafemas (em itálico) do Apinajé e de seis dialetos Timbira:

Apinajé ²	Apân / Ramko / Krahô	Parkatejê	Krikatí / Pykobyê
pp tt t̪sx kk ?'	pp tt t̪sx kc,qu k^bk ?h	pp tt t̪sx kk ?h	pp tt t̪sx kk k^bk ?'
mbb nd ndʒj ngg	mm nn g	mm nn	mm nn
mm nn jnh ñg	ww rr jj	hh	ww rr jj hh
wv rr jj	īī īī īy īy uu ūu		īī īī w̄y w̄y uu ūu
īī īī īy īy uu ūu	ēē ēȳ oō		īī īȳ uu
ēē ēȳ oō	eēeē ə̄ā oōō		eēeē ēȳ oōō
eēeē ə̄ā eēoōō	aa aa	aa āā	aa aa
aa āā			

Como se pode observar, para selecionar os grafemas, mesmo em se tratando de línguas tão próximas, os autores das propostas das grafias não se preocuparam em dialogar, no sentido de selecionarem grafemas comuns para as diferentes línguas (um mesmo grafema para um mesmo fonema). As grafias se desenvolveram de maneira independente. Por exemplo, a grafia Canela-Krahô e a Apinajé, ambas propostas pelos missionários do SIL, apresentam **w** e **c**, **qu**, na primeira e **v** e **k**, na segunda, respectivamente para os fonemas **w** e **k**. Poderíamos pensar que a escolha de **v** foi uma decisão dos próprios Apinajé, mas posso dizer que no caso de **c**, **qu**, do Canela-Krahô não só foi uma decisão, mas uma imposição, por analogia ao português (**qu** antes de **e**, **i**, e **c** diante das outras vogais).

Mas o que vai realmente dificultar a leitura por um Krahô de um texto escrito por um Gavião, por exemplo, é a variação na escrita das vogais: 1) há vogais que são pronunciadas diferentemente, dependendo da nação do leitor, mas que são escritas de uma única maneira (é o que eu chamo de feliz coincidência); 2) há vogais que são pronunciadas de uma mesma maneira, mas que são escritas de formas diferentes; e 3) há vogais que são pronunciadas e escritas de maneira diferente. Essa variação está sistematizada abaixo (os fonemas vocálicos antes da barra e os grafemas em itálico):

Apinajé	Apân / Ramko / Krahô	Parkatejê	Krikatí / Pykobyê
ēē ō / ēȳ ō	ēē ō / ēȳ ō	ēȳ ō / ēȳ ō	īī ū / īȳ ū
īī ū / īȳ ū	īī ū / īȳ ū	īū ū / īȳ ū	ēē ō / ēȳ ō
ēə̄ ō / ēə̄ ō	ēə̄ ō / ēə̄ ō	ēə̄ ō / ēə̄ ō	
ā / ā	ā / ā	ā / ā	ā / ā
īīū / īȳū	īīū / īȳū	īūū / īȳū	
ē̄ə̄ō̄ / ē̄ə̄ō̄	ē̄ə̄ō̄ / ē̄ə̄ō̄	ē̄ō̄ / ē̄ō̄	ē̄ō̄ / ē̄ō̄
ā̄ / ā̄	ā̄ / ā̄	ā̄ / ā̄	ā̄ / ī̄

² mb, nd, ndʒ, ng são considerados variantes dos fonemas m, n, nh, ñ, respectivamente, estes quando ocorrem em início de sílaba com núcleo oral (Burgess & Ham, 1968).

em que se lê os fonemas **i i u** do Apinajé, que são escritos *i y u*, respectivamente, equivalem aos fonemas **e e o** no Kríkatí / Pykobyê, que por sua vez são escritos *ê ÿ ô*. Os exemplos abaixo representam a variação vocálica que ocorre na escrita :

1) vogais que são pronunciadas diferentemente, mas que são escritas de uma única maneira (*e, o*)

Apinajé	Apān / Ramko / Krahô	Parkatejê	Kríkatí / Pykobyê
tep / <i>tep</i> ‘peixe’	tep / <i>tep</i>	tep / <i>tep</i>	tep / <i>tep</i>
mō / <i>mō</i> ‘ir’	mō / <i>mō</i>	mō / <i>mō</i>	mō / <i>mō</i>

2) vogais que são pronunciadas de uma mesma maneira, mas que são escritas de formas diferentes

Apinajé	Apān / Ramko / Krahô	Parkatejê	Kríkatí / Pykobyê
krā / <i>krā</i> ‘cabeça’	k ^h rā / <i>krā</i>	krā / <i>krā</i>	krā, k ^h rā / <i>cry</i>

3) as vogais que são pronunciadas e escritas de maneira diferente

Apinajé	Apān / Ramko / Krahô	Parkatejê	Kríkatí / Pykobyê
kri / <i>kry</i> ‘frio’	k ^h ri / <i>kry</i>	krui / <i>kry</i>	krə, k ^h rə / <i>cry</i>
ti / <i>ti</i> ‘grande’	ti / <i>ti</i>	ti / <i>ti</i>	te / <i>te</i>

Ao longo desses quase dez anos de discussão, o que tenho tentado mostrar aos professores Timbira é que, uma vez estabelecidas as diferenças, eles podem se juntar e combinar como é que querem escrever, todos de uma mesma maneira. Que é possível chegar a uma uniformidade na língua escrita sem perder a variedade da língua falada. E que há um método de trabalho para se construir uma grafia. Nos nossos últimos encontros tenho feito a exposição dessa metodologia, e vejo entre os professores um grande interesse no acesso e apropriação desse conhecimento (as técnicas e os procedimentos da Lingüística).

1.1.4 Resultados da Oficina de Grafia Timbira (dezembro de 2003)

O objetivo principal dessa Oficina foi alcançado: conseguir mostrar o mecanismo de elaboração de uma grafia de maneira que os membros da Comissão de Professores Timbira entendessem e se apropriassem dele. O que aconteceu foi realmente fascinante: os professores tomaram a frente, discutiram, brigaram, ameaçaram ir embora, aprovaram consoantes e vogais e depois ainda foram para a lousa fazer os primeiros exercícios para testar as letras que eles mesmos tinham aprovado.

Adoraram fazer as listas de palavras (mas este foi só o primeiro exercício usando as letras aprovadas), tanto que minha previsão que era de três ou quatro dias para terminar as quase 400 palavras não se concretizou: eles fizeram e corrigiram essas listas em menos de dois dias! Outro momento importante foi fazer a carta de apresentação da proposta de grafia para levar para as aldeias (em anexo). Nesse momento ficou claro que, para eles, a escrita uniformizada representa mais um instrumento de fortalecimento da unidade desses povos.

Timbira: o que antes era importante marcar na escrita como diferente, agora é importante marcar como se fosse quase igual.

No jantar de confraternização, um branco, questionando que agora ele ia ter dificuldade para ler, um professor Krahô tentou mostrar a ele que uma grafia uniformizada era o melhor a se fazer sim, mesmo que os *kupẽ* ('os brancos') não saibam ler bem, o importante é que todos os Timbira vão poder se entender. Ou um professor Gavião, que disse, no momento em que todos os participantes da Oficina fizeram sua avaliação, que tinha gostado muito de participar das discussões, de conhecer e de ajudar a fazer a grafia uniformizada, e que agora ele acreditava que ela era o melhor para as crianças Timbira. Sem falar nas palavras do seu irmão, dizendo que os Timbira, mesmo tendo se espalhado há muitos anos atrás, hoje precisavam se manter unidos. E que a escrita uniformizada é uma ferramenta para os Timbira afirmarem essa unidade.

A seguir, farei algumas considerações gerais sobre as atividades realizadas durante a Oficina de Grafia Timbira, cujos objetivos (alcançados!) foram discutir e construir uma grafia uniformizada para a língua falada por esses povos.

Confesso que não tinha certeza se algum dia os professores iam chegar a um acordo sobre a uniformização de uma grafia, mas acreditava que o importante era que eles estivessem fazendo essa discussão. Mesmo assim, a minha previsão era a de que, se um dia isso acontecesse, os povos Krahô (das aldeias Rio Vermelho, Nova e Cachoeira) e os Canela Apāniekrá, que são os únicos que não têm presença missionária na aldeia, adotariam só essa grafia (a uniformizada), uma vez que não há outra sistematizada (na verdade, houve uma proposta em 1982, a Ortografia Canela-Krahô, feita por Popjes & Popjes, no entanto eles não estão nas aldeias para implementá-la). Já os Canela Ramkokamekrá, Gavião (Pykobjê), Kríkatí e Apinajé continuariam usando suas grafias que já estão sistematizadas, sendo nelas alfabetizados e, em algum momento de sua vida escolar, conheceriam a grafia uniformizada Timbira e sua história.

Durante a Oficina de Grafia, observando o comportamento e/ou a fala dos professores, pude constatar que só as minhas previsões relacionadas aos Krahô e Apāniekrá parecem ter se confirmado. Com relação aos Ramkokamekrá, Gavião, Kríkatí e Apinajé ainda não sei dizer o que vai acontecer.

Os professores Ramkokamekrá, se dependesse só da vontade deles, abandonariam a grafia "missionária", mesmo com os missionários (embora não sejam os autores) morando na aldeia. Os motivos: 1) não houve representatividade Ramkokamekrá na construção da grafia pela Missão; 2) é muito melhor que os povos que falam a mesma língua possam também se comunicar pela escrita.

Quanto aos professores Gavião e Kríkatí, esses realmente me surpreenderam. Começaram a comentar, primeiro de brincadeira, que a grafia uniformizada estava saindo melhor que a que eles vinham usando (bem menos complicada, diga-se de passagem), por isso iam chegar na aldeia e dizer para o missionário que não iam mais usar a grafia que ele tinha feito. Depois seriamente, ao explicar a proposta de grafia uniformizada ao presidente da Associação Wy'ty-Catë (Jonas Gavião, também professor) que chegou nos últimos dias da discussão. Os motivos que levaram esses professores a querer a substituição da grafia foram: os mesmos 1) e 2) acima dos Ramkokamekrá; 3) as crianças vão ter menos dificuldade na hora de escrever (uma vez que a grafia uniformizada é mais simples); 4) a grafia uniformizada Timbira é mais um instrumento para reforçar a unidade dos povos Timbira.

A situação dos Apinajé é um pouco diferente: mesmo que eu (língüista não indígena) saiba que os Apinajé são falantes de uma outra língua, essa divisão não é evidente para os povos Timbira, principalmente porque os Krahô, Kríkatí, Gavião (Pykobjê), Canela Apâniekrá e Canela Ramkokamekrá não parecem ter muita dificuldade em entender a língua Apinajé. Por outro lado, a participação dos professores Apinajé na construção da grafia uniformizada Timbira é imprescindível, talvez não para substituir a grafia que eles já vêm usando, mas porque é extremamente importante para os professores Timbira que a idéia de uma grafia uniformizada fosse discutida e proposta por representantes de todos os povos Timbira pertencentes à Associação Wy'ty-Caté. Por que isso é tão importante? Porque muitas das atividades desenvolvidas pela Comissão de Professores não se definem independentemente, mas segundo a realidade e as expectativas dessas comunidades (como já mencionado anteriormente). Vou dar o exemplo dos Gavião (Pykobjê) e dos Kríkatí: mesmo eles, pelo menos a princípio, não querendo substituir a grafia que vinham usando (que foi proposta por missionários das Novas Tribos), sempre participaram das discussões. Aliás, as discussões sobre grafia nunca começam sem que os representantes de todos os povos Timbira estejam presentes. O mais importante para os professores não é que esses dois povos abandonem a escrita do missionário para usar a que a Comissão está construindo, e sim que se tenha uma grafia comum para possibilitar a comunicação interna entre os Timbira (os mais entusiasmados na construção dessa grafia, sem dúvida, sempre foram os Krahô e os Canela). Como disse o Cornélio Canela, da Aldeia Escalvado, "para que nós podemos se entender melhor através da escrita".

Portanto, para saber se eles vão mesmo abandonar a grafia missionária e ficar só com a uniformizada ou se vão ficar com as duas, é preciso esperar. Eles ainda precisam discutir exaustivamente tudo isso, entre eles (professores) e com as lideranças e a comunidade. No entanto, para mim, o mais importante de tudo isso foi ver o quanto as discussões sobre grafia fizeram com que esses professores Timbira se fortalecessem e como, unidos, vêm discutindo seus projetos de futuro.

No caso específico dos Apinajé, ainda é preciso avaliar se a apropriação da grafia uniformizada será tão tranqüila como foi para os outros povos Timbira, uma vez que essa grafia pode revelar-se extremamente abstrata para os falantes do Apinajé. Se por um lado, a intuição dos falantes dos dialetos Timbira permitiu reduzir as diferenças na escrita (sobretudo as com relação à grande variação vocálica) de maneira que ela possa ser recuperada na fala sem maiores problemas, por outro lado, dado o fato de apenas uma professora apinajé estar presente na Oficina, não pude avaliar a "performance apinajé" no uso da grafia uniformizada.

Nesse sentido, é imprescindível um encontro da Comissão de Professores Timbira com um grande número de professores e lideranças apinajé, para discutirmos, testarmos e avaliarmos se, uma vez conhecido os segredos da grafia uniformizada (uma letra representa quais sons, dependendo dos dialetos), os Apinajé poderão se apoderar desse sistema de escrita e fazer uso dele usando seu conhecimento da língua materna (como os outros Timbira), sem a necessidade de ficar "decorando" o jeito certo de escrever as palavras.

1.1.5 Reflexões sobre a metodologia usada na elaboração da proposta de grafia uniformizada

A minha função, como lingüista, nas oficinas de grafia é falar que os sistemas de escrita são convenções, mostrar o mecanismo de elaboração de uma escrita e mostrar onde é que os Timbira estavam escrevendo diferente e/ou igual (porque com ou sem sistematização de uma grafia, eles já vinham escrevendo!), provar que eles é que são os mais bem autorizados a propor e discutir uma escrita para a sua língua. Porque eles têm uma intuição que eu, que não sou falante nativa da língua, jamais terei. E, por fim, provocar e mediar essa discussão.

Importante dizer que nos encontros que tenho com os Timbira (cursos, oficinas, trabalho de campo etc) sempre deixo claro que o lingüista é um pesquisador da língua, não uma autoridade. Assim, as decisões sempre foram deles, inclusive com generalizações bastante interessantes (do meu ponto de vista de lingüista).

Acredito que a proposta de criação de uma grafia é um processo longo, e que meu trabalho (que não precisa se resumir à produção de cartilhas em língua indígena) tem sido orientado pelas seguintes questões: ‘para que vocês querem uma grafia?’, e ‘que tipo de grafia eu, lingüista não indígena, estou ajudando a construir?’.

Sendo que para responder a essas questões (que sempre parecem óbvias, mas que precisam ser amplamente discutidas ‘com a comunidade’, nas palavras deles), eles têm que ter em mente uma outra bem mais complexa: ‘qual é o futuro que os Timbira estão construindo?’. Há uma questão para o lingüista também: ‘como a grafia (e outras ações relativas à língua) pode ajudar a construir o futuro desses povos?’.

Enfim, minha atividade como consultora lingüística é resultado de uma longa discussão e tem procurado atender aquilo que o grupo está querendo.

1.1.6 Próximos passos

Ainda há muito trabalho a fazer, inclusive alguns ajustes que eu não mencionei na uniformização porque acho que já no próximo encontro os próprios professores vão sugerir como mudanças. Como a língua é um objeto dinâmico, criar uma tradição escrita requer paciência e muito empenho, isso sem contar o grande número de variantes dialetais que a grafia uniformizada quer contemplar... Mas uma vez estabelecido que é isso mesmo que se quer, é continuar trabalhando duro!

Para dar prosseguimento a essa oficina e à tradição escrita na língua Timbira, seria ideal que a construção da grafia uniformizada Timbira (ainda temos muito que discutir: propostas de ajustes que virão, separação das palavras, pontuação etc.) fosse feita a partir da elaboração de um material de consulta (para os professores, alunos e comunidade). Ou seja, os dois produtos das próximas oficinas seriam versões preliminares de um dicionário escolar (que inclusive já começou a ser elaborado na oficina passada) e de uma gramática pedagógica (ao invés da cartilha, que ficaria para um segundo momento). Esse material, que não será nesse primeiro momento exaustivamente trabalhado (por isso chamei de versão preliminar), também serviria como divulgação, para circular nas aldeias, do que vem sendo discutido e produzido pelos professores da Comissão nas Oficinas de Grafia. E mais, seria o lugar onde a comunidade poderia dar suas sugestões.

Não podemos esquecer que, para que todo o nosso esforço não vire depois papel de enrolar cigarro (que tem sido o fim de muitas cartilhas e cadernos dos alunos das aldeias), é preciso respeitar o tempo de apropriação da grafia e, o mais importante, de a comunidade (incluindo aí os professores) achar uma função para ela (pensando do ponto de vista da

comunicação, algo mais que o seu caráter intrinsecamente político). Por isso, minha sugestão é que primeiro se estabeleça uma tradição de escrita na língua Timbira a partir de objetos/produtos bastante concretos e contextualizados (esse, portanto, não seria o lugar da cartilha (que por definição é descontextualizada)).

Com isso, estaremos alargando os objetivos das oficinas. Além de os representantes Timbira estarem participando ativamente do processo de criação da grafia (diferentemente, então, da construção das grafias feita pelos missionários), os próximos encontros poderão ter também como metas o esboço de dois materiais, o dicionário e a gramática da língua Timbira. Posteriormente a essa etapa, a qual irá propiciar aos professores a reflexão sobre suas línguas e a conscientização sobre seu funcionamento, a elaboração da cartilha será um processo muito mais objetivo, fácil e rápido.

1.2 Os povos Timbira

A partir de dados contidos em fontes históricas (principalmente os escritos deixados pelo major de Paula Ribeiro, o mais antigo historiador desses povos), é possível estimar a população Timbira, no início do século XIX, em no máximo doze mil índios. Portanto, oitenta anos após a regularização do fluxo de expansão neo-brasileiro e do estabelecimento dos primeiros núcleos estáveis e fazendas a sudeste, leste e nordeste do território Timbira. Anteriormente a essa época é possível estimar a população Timbira entre vinte e cinco e trinta e cinco mil índios (Azanha, 1984).

O etnólogo pioneiro no estudo dos povos Timbira é o alemão Curt Unkel Nimuendajú. Em seu trabalho *The Eastern Timbira* (1946), o autor classifica sob o rótulo ‘Timbira’ 15 grupos³:

TIMBIRA		
Timbira do Leste (à direita do Rio Tocantins)		Timbira do Oeste (à esquerda do Rio Tocantis)
Grupos do Norte	Grupos do Sul	
<ul style="list-style-type: none"> -Timbira de Araparytíua (Gurupí) - Kreyé de Bacabal - Kukoékamekrá de Bacabal 	<ul style="list-style-type: none"> - Kréyé de Cajuapára - Křikatí - Pukobye - Gaviões do Oeste ou da Floresta - Krepumkateye - Krahô - Põrekamekra - Kénkateye - Apanyekra - Ramkokamekra - Čakamekra 	<ul style="list-style-type: none"> - Apinayé

Para essa classificação, Nimuendajú considerou ‘*in each case the allocation rests either on available samples of the language or on some competent investigator’s statement*

³ A grafia dos nomes dos povos feita por Nimuendajú foi mantida.

that the speech in question is to be equated with that of a linguistically documented member of the branch' (Nimuendajú, op. cit., p.6). Por outro lado, nessa classificação proposta pelo autor, como ele mesmo descreve, há uma forte correlação entre a distribuição geográfica e o parentesco lingüístico.

Atualmente, os Timbira somam uma população aproximada de seis mil indivíduos e são compostos pelos povos Apâniekrá⁴, Ramkokamekrá (ambos conhecidos como Canela), Apinajé, Krahô, Kríkati, Parkatejê (Gaviões do Pará) e Pykobjê (Gaviões do Maranhão). Esses sete grupos vivem de maneira autônoma, distribuídos nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará (ver mapa em anexo):

- Apinajé: Terra Indígena Apinayé (ref. mapa 17), municípios de Tocantinópolis, Itaguatins e Maurilândia (TO); estimativa da população 990 indivíduos (Funasa, 1999);
- Apâniekrá: Terra Indígena Porquinhos (ref. mapa 251), município de Barra do Corda (MA); estimativa da população 458 indivíduos (Funai Barra do Corda, 2000);
- Ramkokamekrá: Terra Indígena Kanelá (ref. mapa 161), município de Barra do Corda (MA); estimativa da população 1387 indivíduos (Funai Barra do Corda, 2000);
- Krahô: Área Indígena Kraolândia (ref. mapa 177), municípios de Goiatins e Itacajá (TO); estimativa da população 1790 indivíduos (Funasa, 1999);
- Kríkati: Área Indígena Kríkatí (ref. mapa 179) (ainda aguardando homologação e registro), municípios de Amarante, Montes Altos e Sítio Novo (MA); estimativa da população 620 indivíduos (Funai Imperatriz, 2000);
- Parkatejê: Terra Indígena Mãe Maria (ref. mapa MÃE MARIA), município de Bom Jesus do Tocantins (PA); estimativa da população 414 indivíduos (Funai Marabá, 2000);
- Pykobjê: Área Indígena Governador (ref. mapa 109), município de Amarante (MA); estimativa da população 250 indivíduos (Funai Imperatriz, 1998).

Os Kokujrekatejê (atualmente conhecidos sob a denominação Timbira), os Kreyê de Cajuapara e os Timbira de Araparitíua (ambos conhecidos atualmente como Křejê) já não vivem como grupos autônomos. Em número reduzido de indivíduos, esses grupos vivem atualmente com os Guajajara e os Tembé (falantes de línguas da família Tupi-Guarani):

- Kokujrekatejê: Terra Indígena Geralda/Toco Preto (ref. mapa 108), município de Grajaú (MA); estimativa da população 60 indivíduos timbira e 80 indivíduos guajajara (Funai Barra do Corda, 2000);

⁴ Grafia seguindo a proposta de grafia dos nomes indígenas em Rodrigues (1986).

- Kokujrekatejê e Krêjê de Cajuapara: Terra Indígena Rio Pindaré (ref. mapa 273), município de Bom Jardim (MA) (fonte Schröder, 2002), estimativa da população timbira e krêjê ?, estimativa população total 555 (grande maioria é guajajara) (Funai São Luís, 2000);
- Timbira do Araparitíua e dos Krêjê de Cajuapara: Terra Indígena do Alto Guamá (ref. mapa ALTO RIO GUAMÁ), municípios de Paragominas, Nova Esperança do Piriá e Santa Luiza do Pará (MA) (fonte Melatti, 1999), estimativa da população krêjê ?, estimativa população total 922 (maioria da população composta por indivíduos dos povos guajá, urubu kaapor, tembé e munduruku) (Funai, 1999); Terra Indígena do Alto Turiaçu (ref. mapa 8), municípios de Carutapera, Cândido Mendes, Turiaçu e Monção (MA) (fonte Crocker, 2002), estimativa da população krêjê ?, estimativa população total 596 (maioria da população composta por indivíduos dos povos guajá, urubu kaapor e tembé) (Funai São Luís, 2000).

Os indíviduos pertencentes aos povos Kenkatejê, Krepumkatejê, Pôrekamekrá e Txokamekrá vivem hoje espalhados entre os sete povos que vivem de maneira autônoma, citados anteriormente. Com relação aos Krejê de Bacabal, atualmente não há pessoas que se identifiquem como pertencentes a esse grupo (Melatti, 1999).

1.2.1 Os povos Timbira e sua língua

Sobre língua falada por esses povos, Rodrigues (1986) afirma que o complexo lingüístico Timbira comprehende as variantes faladas pelos Apâniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Krikati, Parkatejê e Pykobjê. Os Apinajé, embora do ponto de vista cultural possam ser considerados um povo Timbira, sua língua está mais próxima da língua Kayapó, e não do Timbira (Rodrigues, 1986). De fato, o Apinajé apresenta, além das diferenças no léxico e na fonologia, diferenças em aspectos da morfossintaxe, como mostrarei a seguir. De qualquer forma, apesar dessas diferenças lingüísticas (e algumas sócio-culturais) entre os diferentes povos Timbira, de maneira geral, estes grupos são suficientemente similares para serem considerados conjuntamente: apresentam como características comuns a língua, a música, o corte de cabelo, a morfologia da aldeia e a corrida com toras. Nimuendajú (1946) considera que a unidade do grupo Timbira e sua classificação na família lingüística Jê são tão evidentes que até hoje não foram postas em dúvida por ninguém que se ocupou seriamente do assunto.

1.2.2 Trabalhos anteriores sobre a língua falada pelos povos Timbira

A *Bibliografia das línguas Macro-Jê* (2002) nos informa sobre os trabalhos realizados sobre o Timbira falado por vários grupos. Nessa publicação é possível perceber que as línguas mais estudadas são o Apinajé e o Parkatejê.

Alguns dos estudos realizados sobre o Apinajé são: CALLOW, J.C. (1962), BURGESS, E. & HAM, P. (1968), SALANOVA, A.P. (2001) e OLIVEIRA, C.O. (2003). Dentre os estudos sobre o Parkatejê os mais abrangentes são os realizados por ARAÚJO, L.M.S. (1977), (1989) e FERREIRA, M.N.O. (2003). Os estudos sobre o Krahô resumem-se a SHELL, O. (1952), SOUZA, S.M. (1990), (1997). Sobre o Pykobjê há o trabalho

realizado por SÁ, R.M. (1999). Sobre o Canela Apâniekrá há o trabalho de ALVES, F.C. (1999) e sobre o Canela Ramkokamekrá o de POPJES, J. & POPJES, J. (1986).

Estudos contrastivos realizados sobre a língua falada pelos povos Timbira são os de ALVES, F.C.(1995), ALVES, F.C. & SÁ, R.M. (2000) e ALVES, F.C. (2002).

No entanto, sobre a língua falada pelos Krikatí, Krêjê e Kokujrekatejê há ausência total de estudos.

1.2.3 Classificação da língua dos povos Timbira

Uma língua pode ser definida como um sistema de categorização do mundo, segundo a teoria dos signos (Fiorin, 2002). Ou seja, as línguas não são nomenclaturas que se aplicam a uma realidade pré-ordenada, mas são modos de interpretar o mundo. No entanto, para o que vai nos interessar nesse momento, o melhor conceito de língua é o que abrange o sistema, que é de domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e suas variantes. Em outras palavras, as variantes dialetais de uma mesma língua precisam compartilhar (em sua forma e função), as categorias gramaticais, tais como as categorias de pessoa, número, gênero, caso, tempo, aspecto, modo ou modalidade etc.

Nesse sentido, o Apinajé não pode ser considerado um dialeto assim como Krahô, Krikatí, Pykobjê, Parkatejê, Apâniekrá e Ramkokamekrá da língua Timbira. A evidência para essa consideração é que, embora a princípio pareça que o Apinajé se diferencie do Timbira apenas pelo diferente sotaque, pelo uso de vocabulários próprios, pela presença ou não de concordâncias verbais e nominais etc. (o que caracterizaria modos de realização das variantes de uma mesma língua), uma análise mais apurada mostra que o Apinajé não compartilha o mesmo sistema que o Timbira (com relação, por exemplo, às categorias de pessoa, tempo/aspecto/modo e sistema de marcação de caso). Por isso é preciso considerar Apinajé e Timbira como línguas diferentes.

Com relação ao Timbira, Rodrigues (1986) o classifica como um grupo que compreende as línguas dos índios Canela (Ramkokamekra e Apâniekra), Krinkatí, Pukobyé (Gavião do Maranhão) Krenjé (Kreyé), Parakáteye (Parakatejê ou Gavião do Pará) e dos Krahô.

Minha proposta, no entanto, é considerar Krahô, Krikatí, Pykobjê, Apâniekrá e Ramkokamekrá como dialetos da língua Timbira, seguindo o critério da autodemarcação lingüística (o mais importante símbolo da identidade coletiva entre todos os povos Timbira, já mencionado anteriormente). Essa análise é subsidiada pelo trabalho de Campbell (1999), que considera que a definição de língua não é uma tarefa essencialmente lingüística, mas muitas vezes determinada por fatores políticos e sociais.

1.2.3.1 Inventários fonêmicos

Os dados lingüísticos utilizados neste trabalho são de Ham (1961) e Oliveira (2003) para o Apinajé, de Alves (1999) para o Apâniekrá, de Sá (1999) para o Pykobjê e de Araújo (1993) e Araújo & Ferreira (2002) para o Parkatejê. Os dados do Ramkokamekrá, Krahô e Krikatí foram por mim coletados (entre os anos de 1995 a 2003).

Para exemplificar o Apinajé e os casos de variação dialetal dentro da língua falada pelos outros povos Timbira, apresento a seguir o inventário de fonemas⁵:

Apinajé	Apän/Ramko/ Krahô	Parkatejê	Křikatí / Pykobyê
p t tʃ k ?	p t tʃ k ?	p t tʃ k ?	p t tʃ k k ^{h6} ?
m n n̪ ɳ	m n n̪ ɳ	m n	m n
w r j		w r j h	w r j h
iĩ iĩ uũ	w r j h	iĩ u uũ uũ	i i u
e ə o	iĩ iĩ uũ	ẽ ɣ o õ	e ēə o õ
ɛ ɛ ɔ ɔ ɔ	e ə o	ɛ ʌ ɔ	
aã	ɛ ɛ ɔ ɔ ɔ	aã	aã
	aã		

Embora o inventário de fonemas seja praticamente o mesmo (com exceção da série das nasais, que parece ser mais uma diferença de análise), há uma grande variação na distribuição das vogais nos seis dialetos. Essa variação vocálica é previsível e está representada na segunda tabela:

Apinajé	Apän/Ramko/Krahô	Parkatejê	Křikatí / Pykobyê
e ə o	e ə o	e ɣ o	i i u
i i u	i i u	i u u	
ɛ ɔ ɔ	ɛ ɔ ɔ	ɛ ʌ ɔ	e ə o
a	a	a	a
iĩ ū	iĩ ū	i u ū ū	
ɛ ɔ ɔ	ɛ ɔ ɔ	ẽ õ	ẽ õ
ã	ã	ã	ã

Com relação às consoantes, há a presença da oclusiva velar aspirada k^h que se opõe a velar não aspirada k em Pykobyê, oposição que é inexistente para o Apinajé, Apäniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatejê e Křikatí, que apresentam apenas o fonema não aspirado k (a aspiração é fonética). Considero essa variação também uma diferença de análise.

Outra variação diz respeito ao que os autores que trabalharam com o Apinajé consideram como fonemas nasais m, n, n̪, ɳ, embora sua realização fonética seja mb, nd, ndʒ, ɳg, respectivamente (Burgess & Ham, 1968).

Ou seja, a variação consonantal também é regular e passível de previsão, como se pode observar no quadro abaixo.

⁵ Precisei uniformizar a maneira de grafar os fonemas das línguas apenas por uma questão didática: facilitar a visualização. Foram os casos de tʃ para o Apinajé e Parkatejê, que P. Ham e L. Araújo, usam c; para o Pykobyê, ã, que R. Sá usa ã, e ? e h, que essa autora e eu consideramos como variantes ambientais do mesmo fonema, h (para o Pykobjê, Apäniekrá, Ramkokamekrá e Krahô).

⁶ Apenas para o Pykobyê.

	Apinajé	Apān	Ramko	Krah	Parkatejê	Pykobyê	Kříkatí
Cabeça	kr̃	k ^h rā		krā	k ^h rā	krā	
Casa, toca	kr̃e	k ^h re		kr̃e	k ^h re	kre	
Bom	mbetʃ	mpej		(^m)pej	peʃ ⁷	mpej	
Comer	krē(r)	k ^h rē(r)		krē(r)			
Marido	mbjen	mpjen		pjen	pjin	mpjin	
Grande		ti				te	
Carne	(ŋ)jī	hī	ajī	hī(r)	a?jē	ajē	
Tamanduá	pʒt	pʒt		pʌt		pət	
Frio	(a?)kri	k ^h ri		kru̥	k ^h rə	krə	
Mandioca	kwər	k ^h wər		kwur	k ^h wir	kwir	
Papagaio	kwr̃j	k ^h r̃ej		kruj		krij	
Quente	kaŋgr̃o	kakr̃o				kakro	
Sangue	kambro	kapro				kapru	
Fígado	mba	mpa		(^m)pa	pa	mpa	
Olho	nt̃o	nt̃o		to	to	nt̃o	
Morder	na(r)	ntʃa(r)		tʃa(r)		ntʃa(r)	
Cantar	ŋgre(r)	ŋkre(r)		kre(r)	kre	ŋkre	
Cobra	kaŋž	kakā	kagā	kagā	ka ^h gā	kahā	
Arco	ku?e	kuhe		kuhe	kuwe		kohi
morf IRR	dja	ha	ka	ka	ha	ka	

Já do ponto de vista da morfossintaxe (como veremos a seguir), a variação entre os dialetos Timbira não é expressiva, mesmo nos casos de interação fonologia/morfologia. Mais uma vez, o Apinajé é que vai apresentar uma variação morfossintática maior (como diferenças no sistema de marcação de caso, diferenças na distribuição dos marcadores de pessoa, entre outras). O que não significa que os falantes de outros povos Timbira não reconheçam essas construções dos falantes do Apinajé, e vice-versa. Mas essas observações têm ainda um caráter preliminar e merecem ser investigadas.

1.2.3.2 As categorias de tempo, aspecto e modo

Em Timbira, a categoria de tempo morfológicamente marcada é a oposição *realis* / *irrealis*, com o marcador de modo que também codifica o tempo futuro (**ha** ou **ka**) ocorrendo na segunda posição. Há ainda a ocorrência do sistema ergativo condicionado pelo tempo passado recente (embora não haja uma marca morfológica para expressar esse passado simples).

Em Apinajé (Oliveira, 2003), a oposição marcada morfológicamente também é a categoria de modo (*realis* / *irrealis*), com a partícula que funciona como marcador de modo

⁷ Davis (1966) afirma que **j** é uma variante posicional de **tʃ**, ou seja, quando este ocorre na coda. Já R. Sá diz que o segmento **j** em posição de coda apresenta, em alguns casos, variações com **s** e **f**.

ocorrendo em primeira ou segunda posição (dependendo se o sujeito é nominal ou pronominal).

Timbira Apāniekrá	Apinajé
(1) wa ha ñkre 1 IRR cantar 'eu vou cantar'	(2) kót paj gr̩ IRR 1IRR dançar 'eu dançarei'
(3) wa kre 1 cantar 'eu canto'	(4) na pa gõr realis 1 dormir 'eu dormi'
(5) i-ñkrer 1-cantar 'eu cantei'	(6) itʃ-kra na muw 1-filho realis chorar 'meu filho chorou'
(7) wa ha a-ntʃa 1 IRR 2-morder 'eu vou te morder'	(8) pa a-mã pitʃo re 1 2-DAT fruto colher 'eu colho fruto pra você'
(9) wa a-ntʃa 1 2-morder 'eu te mordo'	(10) pa kãm pĩ ka'te 1 3-DAT lenha rachar 'eu racho lenha pra ele'
(11) i-te a-ntʃar 1-ERG 2-morder 'eu te mordi'	(13) kuvi na mẽõ 'ɔ=kagro fogo realis comida CAUS=esquentar 'o fogo esquentou a comida'

1.2.3.3 Ordem dos constituintes

A ordem de palavras não marcada em Timbira e Apinajé é OV, com o sujeito precedendo o sintagma verbal. As categorias prototípicamente de flexão do verbo, tais como tempo e aspecto, são expressas em Apinajé através de várias partículas espalhadas pela sentença (Oliveira, op. cit.). Já em Timbira, com exceção do morfema que marca o modo irrealis (sempre em segunda posição), as marcas de aspecto também são expressas por partículas, embora estas possam ocorrer em primeira ou em segunda posição (quer dizer, precedendo ou seguindo o sujeito, nas sentenças não marcadas) e no final das orações (os operadores).

1.2.3.4 Ergatividade morfológica

Uma abordagem do sistema de marcação de caso nas orações independentes do Timbira revela que dentre o conjunto de fatores que condicionam uma mistura dos sistemas ergativo e ativo-estatutivo nas marcações das relações sintáticas fundamentais dentro de uma sentença simples, apenas o relacionado ao componente tempo foi encontrado em Timbira.

As construções sentenciais em Timbira que operam numa base de marcação de caso ativa-estativa (Alves, neste trabalho e Araújo, 1989) ou de intransitividade cindida (Ferreira, 2003) são as que não expressam tempo passado recente. Já as que operam numa base ergativa-absolutiva são as que expressam tempo passado recente⁸.

No sistema ativo-estativo ou de intransitividade cindida (cf. Ferreira, 2003), o verbo recebe o prefixo pessoal que identifica o objeto direto. O sujeito, tanto o transitivo quanto o intransitivo, são identificados por um pronome livre. O verbo está na sua forma finita (*ntſa* ‘morder’, *pi* ‘pegar’, *ku* ‘comer’). No sistema ergativo, o verbo recebe o prefixo pessoal que identifica o objeto direto e o sujeito intransitivo. O sujeito transitivo é marcado pela posposição *te*, que marca o caso ergativo. O verbo está na sua forma não-finita (*ntſar*, *pí*, *kur*).

(14) *wa mõ*⁹

1 andar
'eu ando'

(15) *i-mõr*

1-andar(NF)
'eu andei'

(16) *wa hĩ ku*

1 carne comer
'eu como carne'

(17) *i-te hĩ kur*

1-ERG carne comer(NF)
'eu comi carne'

(18) *wakẽ ka ha a-pi*

faca 2 IR 2-pegar
'a faca, você vai pegá-la'

(19) *wakẽ wa ha ku-pi*

faca 1 IR 3-pegar
'a faca, eu vou pegá-la'

Abaixo, exemplos do Pykobjê e Parkatejê comparados com o Apāniekrá:

Pykobjê (dados R.S.Amado, 2003)

(20) *wa k^hwir ki*
1 mandioca ralar
'eu estou ralando mandioca'

(22) *ej-te k^hwir kĩn*
1-POSP mandioca ralar
'eu ralei mandioca'

Apāniekrá

(21) *wa apu kwər ke*
1 PRG mandioca ralar
'eu estou ralando mandioca'

(23) *i-te kwər ken*
1-ERG mandioca ralar
'eu ralei mandioca'

Parkatejê (dados M.N.O.Ferreira, 2003)

(24) *wa mū mō*
1 ir
'eu vou'

Apāniekrá

(25) *wa ma mō*
1 DIR ir
'eu vou'

⁸ Interessante observar que o fator que desencadeia o alinhamento da língua para o sistema ergativo, o tempo passado recente, não é o que vai desencadear esse mesmo alinhamento para outras línguas Jê (Apinajé, Kayapó e Suyá). Aliás, nessas línguas não há o contraste presente / passado. Sentenças como *ga tẽp krẽ* do Kayapó, fora de contexto, são sempre ambíguas ‘você come(u) peixe’.

⁹ Os exemplos citados são do Timbira falado pelos Apāniekrá.

(26) i-te ku-pir ¹⁰ 1-ERG Onc-pegar+Pas 'eu a peguei' (a cesta)	(27) i-te i-pir 1-ERG 3-pegar 'eu a peguei' (a cesta)
(28) i-te hōpun 1-ERG PR-ver-PAS 'eu o vi'	(29) i-te h-ōpum 1-ERG 3-ver 'eu o vi'

A tabela a seguir apresenta os pronomes livres e os prefixos pronominais em Timbira. A forma antes da barra representa a forma fonológica do prefixo pronominal da língua Timbira falada pelos Apāniekrá, Ramkokamekrá, Krahô e Parkatejê. A forma depois da barra refere-se à forma fonológica do prefixo pronominal da língua Timbira falada pelos Kríkatí e Pykobjê:

	prefixos pronominais	pronomes livres
1inc	pa(?)-	ku / ko
1sing	i- / ej-	wa
2	a-	ka
3	ku- / ko- i(?)-/e(?)~∅ antes C antes V	ke / ki

Os prefixos pronominais codificam o sujeito intransitivo e o objeto direto (se 3^a pessoa, o prefixo varia se o verbo inicia por consoante ou vogal), enquanto que o sujeito transitivo, se pronominal, também é codificado pela mesma série de prefixos (se 3^a pessoa o prefixo será *ku-* / *ko-*) seguida pela marca *te* (o que configura o sistema ergativo na língua). Os pronomes livres codificam o sujeito transitivo e intransitivo no sistema ativo-estativo.

Quando a língua está operando no sistema ativo-estativo, alguns verbos transitivos apresentam concordância com o sujeito ao invés do objeto. Esse fenômeno obedece a uma hierarquia de pessoa (2A > 3O): quando o sujeito é de 2^a pessoa *a-* e o objeto é de 3^a *ku-*. Maiores detalhes no capítulo 4, no item sobre sistema de marcação de caso.

Em Apinajé (Oliveira, 2003), a ergatividade é limitada a certos contextos de subordinação. A relativização é um domínio na qual a ergatividade é expressa. As orações relativas apresentam um marcador de caso que se refere ao argumento ergativo do verbo relativizado. O morfema ergativo tem dois alomorfes cuja distribuição é determinada através das distinções de pessoa: *te* refere-se a um participante do ato discursivo e é marcado pelos prefixos de concordância de 1^a e 2^a pessoas; *kot* refere-se à 3^a pessoa e não recebe nenhum prefixo. O marcador de caso ergativo ocupa a primeira posição nas sentenças relativas. Os argumentos absolutivos são expressos por NPs plenos ou por prefixos pronominais presos à forma não-finita do verbo relativizado:

¹⁰ Onc = objeto não contíguo.

- (30) [ic-te a-mẽ b̄i jarẽj̄i ja] na ø te kr̄i õ kamẽ pa
[1-ERG 2-DAT homem contar.NF DEF] RLS 3 HAB aldeia DEMLOC viver
'Esse homem [que eu estou contando para você] vive em outra aldeia'
- (31) [di kot ij-mẽ b̄i jarẽj̄i ja] na ø te õ kr̄i kamẽ
[mulher 3ERG1-DAT homem contar.NF DEF] RLS 3 HAB DEM aldeia LOC
m̄enén pa
também viver
'Essa mulher [que me contou sobre o homem] também vive em outra aldeia'
- (32) [di čõm ja] na pre' ra ij-mẽ a-jarẽ
[mulher levantar.NF DEF] RLS PAS ASP 1-DAT 2-contar
'Essa mulher [que está levantando lá] sempre me fala sobre você'

2. FONOLOGIA

Em minha dissertação de mestrado Alves (1999), *Aspectos fonológicos do Apāniekrá (Jé)*, apresento uma descrição das unidades distintivas na língua e da distribuição dessas unidades na sílaba. Neste capítulo vou incorporar algumas modificações com relação à descrição e estatuto de certos fonemas e alopões (que não constavam da análise anterior). O objetivo principal é mostrar que as consoantes nasais *jn*, *ŋ* fazem parte do inventário fonológico e que a consoante *k^h* não constitui um fonema da língua.

2.1 As unidades distintivas

Em Alves (1999), mostro que o Apāniekrá apresenta os seguintes fonemas consonantais e vocálicos (entre colchetes os respectivos alopões):

	bilabial	alveolar	palatal	velar	glotal
occlusiva	/p/ [p b β mp mb m]	/t/ [t d ð r nt nd]		/k/ [k g ŋk ŋg ŋ] /k ^h / [k ^h k ^{hj} k ^c k ^s tʃ]	
africada			/tʃ/ [ts tʃ ntʃ j h]		
nasal	/m/ [m bm]	/n/ [n dn]			
contínua	/w/ [w β b]	/r/ [r ɿ l]	/j/ [j ɿ dʒ z n]		/h/ [h x ?]
			anterior	central	posterior
alta		oral nasal	/i/ [i e] /i/ [i ē]	/i/ [i ə] /i/ [i]	/u/ [u o ɔ] /ū/ [ū]
média-alta		oral	/e/ [e i]	/ə/ [ə i]	/o/ [o u]
média-baixa		oral nasal	/ɛ/ [ɛ e i] /ɛ/ [ɛ ē]	/ɔ/ [ɔ ə i] /ɔ/ [ɔ ē]	/ɔ/ [ɔ o] /ɔ/ [ɔ ö]
baixa		oral nasal		/a/ [a ə ɔ] /ā/ [ā ē ɔ̄]	

A análise atual considera os fonemas e suas variantes /m/ [m mp bm p], /n/ [n nt dn t], /ŋ/ [ŋ ntʃ tʃ], /ŋ/ [ŋ ŋk k g] como representantes das consoantes nasais (*jn* *ŋ* não constavam da análise anterior) ao lado das obstruintes /p/ [p b β], /t/ [t d ð r], /tʃ/ [ts ts j], /k/ [k g k^h k^{hj} k^c k^s tʃ]. Outra diferença da análise de 1999 é considerar os seguintes fonemas /w/ [w β b], /r/ [r ɿ l], /j/ [j ɿ dʒ z], /h/ [h x ?] como representantes de uma única série, a dos glides:

p	t	tʃ	k	obstruintes
m	n	jn	ŋ	nasais
w	r	j	h	glides
		i ī	i ī	u ū
		e	ə	o
		ɛ ẽ	ɜ	ɔ ɔ̄
		a	ã	

A seguir, retomarei dois aspectos anteriormente estudados propondo uma nova análise.

2.1.1 As obstruintes surdas

Fonemas oclusivos surdos com pontos de articulação bilabial, alveolar e velar, /p/, /t/ e /k/, respectivamente:

- (33) [’pa] ‘eu’ (pronome enfático)
- (34) [’ta] ‘chuva’
- (35) [’ka] ‘você’ (pronome enfático)

Cada um desses fonemas apresenta variações em suas realizações fonéticas:

- (36) [a.buj’k^hõ]

ø	apu	ikõ
3	PRG	beber
‘ele está bebendo’		
- (37) [nẽj.dẽp’pĩ?ri:.ja’k^heb.na]

nẽ	i-te	pĩ?-ti	j-akẽp	na
NEG	1-ERG	pau-grande	PR-cortar	NEG
‘eu não cortei madeira’				
- (38) [a.dej’pa]

a-te	i-par
2-ERG	1-escutar
‘você me escutou’	
- (39) [nẽd’mõ]

nẽt	mõ
3	vir
‘ele veio’	

- (40) [’ko?.ga’kro]
 ko kakro
 água estar.quente
 ‘a água ferveu’
 (lit.: ‘a água está quente’)

- (41) [’ra:.mə?’tig.na]
 ramã i-tik na
 ASP 3-morrer NEG
 ‘agora, ele não está morto’

- (42) [mẽ.grε’krεj]
 mẽ krεkrεr
 PL moço
 ‘moços’

No corpus analisado, as variantes sonoras ocorrem em posição intervocálica:

- (43) [rɔp’ti.a.buj’k^hō]
 rɔpti apu ikō
 onça PRG beber
 ‘a onça está bebendo’

e quando ocorrem contíguas a consoantes sonoras e a consoantes ou vogais nasais em fronteira morfológica ou de palavra:

- (44) [i:.dɔ’tɔk]
 i-tɔtɔk
 1-coração
 ‘meu coração’

- (45) [i.ga’prɔ]
 i-kapro
 1-sangue
 ‘meu sangue’

- (46) [’k^ho.brε]
 kop-re
 ‘mosquito’

- (47) [i’nɔ?.gu,he]
 i- nɔ-õ kuhe
 1- PR-GEN arco
 ‘meu arco’

A regra de assimilação de sonoridade, que se aplica categoricamente antes ou após consoantes soantes, é a seguinte:

$$\begin{array}{l} / p t k / \rightarrow [b d g] / _ \# [+ \text{soante}]^1 \\ \quad \quad \quad \quad \quad [+ \text{soante}] \# _ \\ \quad \quad \quad \quad \quad / _ \# \# [+ \text{soante}] \\ \quad \quad \quad \quad \quad [+ \text{soante}] \# \# _ \end{array}$$

/ p / e / t / podem realizar-se também, no onset de sílaba átona, como [β] e [ð], respectivamente:

- (48) [pa.pjak'k^hrut.kat'tɔ̃] ~ [pa.bjak'k^hrut.kat'tɔ̃] ~ [pa.βjak'k^hrut.kat'tɔ̃]
 pa-pjakrut kator
 1incl-dois sair
 ‘nós dois saímos’

- (49) [waj'tε:'ko?.tɔ.kak'kɾɔ] ~ [waj'tε:'ko?.dɔ.kak'kɾɔ] ~ [waj'tε:'ko?.ðɔ.kak'kɾɔ]
 wa i-te ko tɔ= kakɾɔ
 1 1-ERGágua CAUS= estar.quente
 ‘eu esquentei água’

- (50) [lɔ?'.ti] ~ [lɔ?'.di] ~ ['lɔ?'.ði]
 rɔ?-ti
 ‘sucuri’

A regra de fricativização das oclusivas surdas p t, que se aplica opcionalmente em sílabas átonas, é a seguinte:

$$\begin{array}{l} / p t / \rightarrow [\beta \delta] / _ V \\ \quad \quad \quad \quad \quad [-\text{acento}] \end{array}$$

/ t / em final de palavra, realiza-se, quando contíguo à palatal / j /, como [tʃ] ou [dʒ]:

- (51) [mej'putʃ.ja'pje]
 mẽ i-imput j-apje
 PL 1-pescoço PR-comprido
 ‘nosso pescoço é comprido’

- (52) ['pidʒ.ja'jɔ]
 pit j-ajɔ
 sol PR-redondo
 ‘o sol é redondo’

¹ # fronteira de morfema; ## fronteira de palavra em interior de sintagmas.

- (53) [nẽtʃ'je]
 nẽt =je
 ele =COL
 'eles'

[t], [tʃ] e [dʒ] ocorrem em distribuição complementar como variantes ambientais:

- t → [tʃ ~ dʒ] / # j
 ## j
[t] / nda

Esse processo, de assimilação por contigüidade, pode ser descrito como a palatalização da oclusiva dental surda diante da consoante palatal j.

[tʃ] também coincide foneticamente com o fonema /tʃ/:

- (54) [’ton] ‘tatu’
 (55) [’tʃõn] ‘urubu’

o qual compõe, juntamente com p t k, a série das consoantes obstruintes orais da língua Timbira Apāniekrá.

O fonema tʃ realiza-se [tʃ] ou, opcionalmente, como [ts]:

- (56) [i:.tʃop’tʃop]
 i-tʃ-optʃop
 1-PR-coceira
 ‘minha coceira’
- (57) [ku:’tʃuj.di]
 kutʃuj-ti
 ‘pato’
- (58) [ɾɔp’te:.me?’kʰri:rẽn’tsaɻ]
 rɔp te mẽ krirẽ ntʃar
 cachorro ERG PL nenê morder
 ‘o cachorro mordeu o nenê’
- (59) [ka:’te:.i,kʰret’tsãm]
 ka a-te ikre tʃ-ãm
 2 2-ERG casa PR-construir
 ‘você construiu a casa’

/tʃ/ é considerado por Popjes (1971) como um fonema não habilitado para a posição de coda silábica. Davis (1966) considera que /tʃ/ manifesta-se foneticamente como [j] em

final de sílaba. Estaremos seguindo a proposta de Davis porque, em trabalho comparativo realizado com a língua Timbira falada pelo povo Gavião (em que foram observados os segmentos habilitados para as posições de onset e coda nas variantes Apāniekrá e Gavião)², em alguns itens lexicais cuja coda era ocupada por [tʃ] em Gavião, em Apāniekrá ocorria um [j] na mesma posição. Nesse sentido, o fonema /tʃ/ do Apāniekrá estará sendo considerado como estando em distribuição complementar: ocorre como [tʃ] no onset e como [j] na coda. Por outro lado, por /j/ ser também um fonema na língua, será mais interessante tratar o contraste / tʃ ≠ j / como neutralizado na posição final da sílaba. Numa análise em termos de neutralização e arquifonemas, /tʃ/ e /j/ podem ser assim representados:

início de sílaba: fonemas /tʃ/ e /j/	final de sílaba: arquifonema J
--	--------------------------------------

k^h, embora considerado no trabalho de 1999 como fonema na língua, não faz parte do sistema fonológico proposto neste trabalho. As justificativas para essa alteração são as seguintes:

a) /k^h/ pode realizar-se sem a aspiração em sílaba átona e ocorrer como [g]:

- (60) [kat'k^hɔ] ~ [k^hat'k^hɔ]

kat-k₃

‘calça’

- (61) [ka'hẽj.jnõ? kři] ~ [ka'hẽj.jnõ?'k^hfĩ]

kahãJ jn-õ kři

mulher PR-GEN aldeia

‘aldeia da mulher’

- (62) [i:'ta?i:.gu.ga'teJ] ~ [i:'ta?i:,k^hu.ka'teJ]

ita i-kukatəJ

esta 1-testa

‘esta é minha testa’

- (63) [ka'hẽj.grẽ?,k^hɔ] ~ [ka'hẽj.k^hrẽ?,k^hɔ]

kahãJ krã-k₃

mulher chapéu

‘chapéu da mulher’

Como [g] ocorre nos mesmos ambientes anteriormente previstos e descritos para o fonema /k/ e, principalmente, como k^h pode não ocorrer em sílaba átona, nossa proposta é considerar um /k/ que, em sílaba tônica realiza-se com aspiração [k^h]:

² ALVES, F.C. & SÁ, R.M. (2000). As estruturas silábicas do Apāniekrá e do Pykobjê: uma contribuição ao estudo da sílaba nas línguas Timbira. *Anais do Congresso da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC.

/ k / → [k^h] / __ V
[+acento]

b) observando os pares de dados:

- | | |
|----------------|------------------------------|
| (64) [i'ŋkre] | (65) [i?'k ^h ʒ] |
| i?-ŋkre | i?-kʒ |
| 3-ovo | 3-pele |
| 'ovo (dele)' | 'pele (dele)' |
| (66) [i'ŋkre] | (67) [i?'k ^h rə̃] |
| i?-ŋkre | i?-krã |
| 3-três | 3-cabeça |
| 'três' | 'cabeça (dele)' |
| (68) [i'ŋkrʒ] | (69) [i?'k ^h ra] |
| i?-ŋkrʒ | i?-kra |
| 3-estar.seco | 3-filho |
| 'está seco' | 'filho (dele)' |
| (70) [i'ŋkwɑ̃] | (71) [i?'k ^h je] |
| i?-ŋkwɑ̃ | i?-kje |
| 3-pena | 3-coxa |
| 'pena (dele)' | 'coxa (dele)' |

Uma vez que o prefixo de 3^a pessoa é i?- , pode-se concluir que a oposição não está entre as oclusivas k / k^h, ou seja, entre a oclusiva velar aspirada e não-aspirada, mas entre k / ŋk (como será mostrado no item 2.1.2, sobre as nasais).

Uma regra de palatalização pode ainda transformar a consoante k (quando onset de sílaba tônica), diante de vogais anteriores, nas variantes [k^{hj}] ~ [k^g] ~ [k^s] ~ [tʃ]:

/ k / → [k^{hj} ~ k^g ~ k^s ~ tʃ] / __ i, e

- | |
|---|
| (72) [ha'pi:'k ^{hj} e] ~ [ha'pi:.k ^g e] ~ [ha.pi:'k ^s e] |
| h-api kuke |
| 3-rabo puxar |
| 'puzar o rabo (dele)' |
| (73) [i:'k ^{hj} e] ~ [i:'k ^g e] ~ [i:'k ^s e] ~ [i:'tʃe] |
| i-ke |
| 1-coxa |
| 'minha coxa' |

- (74) [haʔ'k^het] ~ [haʔ'tʃet]

haʔket

‘mato’

- (75) [mej'k^hi] ~ [mej'tʃi]

mẽ i-kĩ

PL 1-cabelo

‘nosso cabelo’

2.1.2 As consoantes nasais

Em trabalho anterior (Alves, 1999), as seqüências nasal + consoante homorgânicas do Apäniekrá eram analisadas como sendo de dois tipos: o primeiro tipo ocorrendo seguindo vogal nasal em sílaba aberta (processo de caráter meramente fonético comprovado pela opcionalidade de sua ocorrência):

- (76) [pĩ'ntʃo] ~ [pĩ'tʃo]

pĩ-tʃo

árvore-TCL(doce)

‘fruta’

- (77) [põ'ŋxi] ~ [põ'xi]

põ-hi

milho-TCL(semente)

‘milho’.

O segundo tipo como sendo a manifestação de uma nasal, marcada lexicalmente, ocorrendo em interior e em fronteira de palavra (processo de caráter fonológico).

No entanto, uma nova análise pode ser proposta para essa nasal marcada lexicalmente:

- (78) [i:put] ‘meu pescoço’³

- (79) [i:pa]₁ ‘meu pé’

- (80) [a:put] ‘teu pescoço’

- (81) [a:pa]₁ ‘teu pé’

- (82) [im'put] ‘pescoço dele’

- (83) [i?pa]₁ ‘pé dele’

- (84) [i:tɔ] ‘meu olho’

- (85) [i:tu] ‘minha barriga’

- (86) [a:tɔ] ‘teu olho’

- (87) [a:tu] ‘tua barriga’

- (88) [in'tɔ] ‘olho dele’

- (89) [i?tu] ‘barriga dele’

As seqüências [im] em (82), [in] em (88) e [i?] em (83) e (89) são tratadas por Popjes (1986:175) como variações do prefixo de 3^a pessoa. O autor, com base na ocorrência de diferentes formas de prefixo de 3^a pessoa, divide as raízes verbais transitivas em cinco

³ {i-}, {a-}, {i?-} 1^a, 2^a e 3^a pessoas, respectivamente.

subclasses (p.194-195). Assim, i?- ocorre com verbos da classe 2, enquanto im- / in- ocorrem com verbos da classe 3 (im- precedendo p, in- nos outros ambientes), dados e glosas de Popjes (op.cit.) em (90)-(92):

- (90) i?-kura
3- matar
'mate-o'
- (91) ku-te in-tʃer
3- PAST 3- beliscar
'ele a beliscou'
- (92) im-pən
3- carregar
'(ele) o carregou'

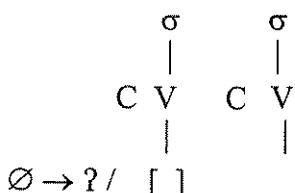
As ocorrências de três diferentes prefixos de 3^a pessoa indicam que talvez existam subclasses de nomes inalienáveis (partes do corpo e termos de parentesco). Souza (1990) fala em duas classes: i?- fazendo parte da primeira, in- da segunda. Essas formas prefixais parecem ser mesmo gramaticalmente condicionadas (im- poderia ser a variação de in-).
Mas como explicar a ocorrência da nasal em

- (93) [hū'mrɛ] 'homem'
- (94) [rɔp'ti] 'onça'
- (95) [,hū.mrɛ'mput] 'pescoço do homem'
- (96) [,rɔp.fí'mput] 'pescoço da onça'
- (97) [,hū.mrɛ'nto] 'olho do homem'
- (98) [,rɔp.fí'nto] 'olho da onça'

em oposição à ocorrência da glotal como elemento inserido em

- (99) [,hū.mrɛ?pa] 'pé do homem'
- (100) [,rɔp.ti?pa] 'pé da onça'
- (101) [,hū.mrɛ?tu] 'barriga do homem'
- (102) [,rɔp.ti?tu] 'barriga da onça'

A oclusiva glotal pode ser derivada por uma regra de inserção:



Em que se lê: sílabas leves (em fronteira morfológica ou de palavra em interior de sintagmas) tornam-se pesadas pela inserção do segmento ?.

Como a ‘pré-nasalização’ não é provocada pelo prefixo de 3^a pessoa ((83), (89)), nem pelo possuidor ‘homem’, ‘onça’ ((93), (94)), a nasal só pode ser parte da consoante inicial do termo inalienável (‘pescoço’, ‘olho’). Outro dado interessante é que a ocorrência das pré-nasalizadas está restrita ao onset de sílaba com núcleo oral. Por esse motivo serão neste trabalho analisadas como variantes posicionais da série das násais m, n,ɲ, ɳ:

$$\begin{array}{ll} m, n, \text{ɲ}, \text{ɳ} & \rightarrow m, n, \text{ɲ}, \text{ɳ} / _ \tilde{v} \\ & \rightarrow mp, nt, nt\text{ʃ}, \text{ɳk} / _ v \end{array}$$

A ocorrência dessas pré-nasalizadas está restrita à fronteira de morfema e à fronteira de palavra no interior de sintagmas (nominais e verbais). Não ocorrem em início absoluto de palavra. É importante notar que, nos mesmos ambientes em que ocorrem essa pré-nasalização, ocorre também o segmento ?. No entanto, estão em distribuição complementar:

$$\begin{array}{ll} (\text{C})(\text{C})V\emptyset & \rightarrow (\text{C})(\text{C})Vm, n, \text{ɲ}, \text{ɳ} / _ \# mp, nt, nt\text{ʃ}, \text{ɳk} \\ & \quad \#\# \\ & \rightarrow (\text{C})(\text{C})V? / _ \# p, t, t\text{ʃ}, k, m, n, h \\ & \quad \#\# \end{array}$$

sendo que uma outra regra, que apaga segmentos idênticos, teria que se aplicar nas seqüências resultantes mmp, nnt, nntʃ, ɳɳk:

$$mp, nt, nt\text{ʃ}, \text{ɳk} \rightarrow p, t, t\text{ʃ}, k / m, n, \text{ɲ}, \text{ɳ} _$$

Outro dado importante é o dos pronomes dependentes de 1^a e 2^a pessoas que se realizam foneticamente como vogais alongadas. Esse alongamento parece ser lexicalizado⁴ já que, mesmo diante os itens lexicais *mput* e *ntɔ* (‘pescoço’ e ‘olho’), /m n ɲ ɳ/ realizam-se [p t tʃ k] ((78), (80), (84), (86)).

As pré-nasalizadas são segmentos ambissilábicos, uma vez que não ocorrem quando a sílaba não termina em vogal:

- (103) [ka'ħēj] ‘mulher’
- (104) [ka.hēj'put] ‘pescoço da mulher’
- (105) [ka.hēj'tɔ] ‘olho da mulher’

⁴ A língua apresenta um tipo de alongamento de vogais que pode talvez ser interpretado como um alongamento compensatório. As evidências seriam as outras línguas jê que apresentam uma consoante coronal como parte do pronome de 1^a e 2^a pessoas. Outra hipótese seria considerar esses alongamentos como remanescentes de um sistema vocalico no qual a duração vocalica era distintiva. Um argumento a favor dessa hipótese é que a língua, ainda hoje, apresenta pares mínimos do tipo kuhe ‘arco’ e ku:he ‘abscesso’.

- (106) [rɔp] ‘cachorro’
- (107) [rɔp'put] ‘pescoço do cachorro’
- (108) [rɔp'tɔ] ‘olho do cachorro’

mas vão ocorrer, categoricamente, se seguirem sílaba leve, nasalizando a vogal tautossilábica:

- (109) [a?k^braj.re] ‘menino’
- (110) [a?k^braj.rẽm'put] ‘pescoço do menino’
- (111) [a?k^braj.rẽn'tɔ] ‘olho do menino’

Os itens lexicais terminados em vogal e que estejam em fronteira morfológica ou de palavra com itens que não sejam iniciados pelas obstruintes nasais, têm sua última sílaba travada pelo segmento ?:

- (112) [a?k^braj.re?'tu] ‘barriga do menino’
- (113) [a?k^braj.re?'paJ] ‘pé do menino’

Como a referência à última sílaba do complemento do nome ou do verbo permite prever a ocorrência das consoantes mp, nt, ntʃ, nk e, por outro lado, como a ocorrência dessas consoantes estão restritas à fronteira esquerda do núcleo (nome ou verbo), podemos pensar em termos de neutralização e arquifonemas:

margem esquerda de item lexical quando núcleo de sintagma

fonemas p, t, tʃ, k,

m, n, nt, ntʃ

arquifonemas [[] complemento + [P, T, Tʃ, K / __ V] núcleo] SN, SV

Apenas as nasais m n podem ocorrer em coda, nt ntʃ não. Quando as consoantes nasais ocorrem na coda silábica nasalizam obrigatoriamente a vogal nuclear:

- (114) [prũm'k^bwẽj] nome de mulher
- (115) [ãm'kro] ‘dia’

M n podem ainda realizar-se como [^bm ^dn] (consoante nasal precedida de oclusiva sonora homorgânica) em coda no final de palavra. Neste caso, a vogal tautossilábica não é nasalizada.

- (116) [i?pẽm] ~ [i?pẽ^bm]
- i?-pẽm
- 3-cair
- ‘ele caiu’

- (117) [k
- ^b
- ɛn] ~ [k
- ^b
- ɛd̪n]

kɛn

'pedra'

As variantes [b m d̪ n] funcionam como um único segmento, pois de acordo com o padrão silábico da língua, só pode ocorrer uma consoante em posição de coda.

Davis (1966) faz referência à realização das nasais como oclusivas sonoras com pós-nasalização. Popjes (1971) diz que os conjuntos de consoantes homorgânicas ocorrem apenas depois de vogal oral e são variantes de seus correspondentes nasais. Nos nossos dados, pudemos verificar que a realização das nasais como conjuntos homorgânicos [b m d̪ n] ocorrem em distribuição complementar como variantes posicionais:

- / m n / → [b m d̪ n] / em final de palavra
 → [m n] / nda

As nasais j n y passam, então, neste trabalho, a ser consideradas como fonemas na língua. No entanto, só ocorrem como onset de sílaba com núcleo nasal:

- (118) [i.jiũ:k
- ^b
- wa]

i-j-ũkwa

1-PR-casa

'minha casa'

- (119) [ke'ha ka'jã gu'ja]

ke ha kajã kura

3 IRR cobra matar

'ele vai matar a cobra'

y ocorre ainda com uma variação do prefixo pronominal de 2ª pessoa a- quando este ocorre diante do prefixo relacional j-:

- (120) [a.ja'pak] ~ [ja'pak]

a-j-apak

2-PR-orelha

'tua orelha'

A ocorrência de aj- está restrita à fala mais cuidadosa, enquanto y- ocorre na fala mais natural.

2.1.3 Os glides

/ w / pode realizar-se como [w β b v] no onset simples e como [w] no onset complexo (neste caso, como segundo elemento) e na coda:

- (121) [wo'ho] ~ [βo'ho] ~ [bo'ho]

woho
'folha'

- (122) [ka'tʃwa]

katʃwa
'noite'

- (123) [k^hruw]

kruw
'flecha'

/ w / → [w ~ β ~ b] / no onset simples
[w] / nda

/ r / pode realizar-se [r ɿ l ɿ] no onset simples ou ramificado (neste caso, como segundo elemento), e como [ɿ] na coda:

- (124) [rɔp] ~ [ɿɔp] ~ [lɔp] ~ [ɿɔp]

rɔp
'cachorro'

- (125) [ju?k^hra] ~ [ju?k^hɿa] ~ [ju?k^hla] ~ [ju?k^h]a]

i-ju-ú?kra
1-PR-mão
'minha mão'

- (126) [k^hwəɿ]

kwəɿ
'mandioca'

[ɿ] trata-se de uma variante posicional, ou seja, está condicionada à ocorrência de /r/ em posição de coda silábica. Nos outros ambientes a variação é livre:

/ r / → [ɿ] / na coda.

[r ~ ɿ ~ l ~ ɿ] / nda

/ j / pode realizar-se como [j z dʒ dz] no onset simples, como [j] no onset complexo (neste caso, como segundo elemento) e na coda:

- (127) [jɔt] ~ [zɔt] ~ [dʒɔt] ~ [dzɔt]

jɔt
'batata'

- (128) [i:’tōj]
i-tōJ
1-irmã
'minha irmã'

- (129) [’pje]
pje
'terra'

/ j / → [j ~ z ~ dʒ ~ dz] / no onset simples
[j] / nda

/ w / e / j / são tratadas como consoantes porque:

a) ocorrem no mesmo ambiente que /r/ (como segundo elemento de um onset complexo).

C + r

/ kra / 'filho'

C + w

/ -arkwa / 'boca'

C + j

/ -akje / 'pegar'

b) não há, em interior de palavra, sílabas constituídas apenas por vogais. Essa condição é dada pelo padrão silábico da língua.

* a . u . a r . h o

V . V . VC . CV

mas

a . w a r . h o

V . CVC . CV

Por outro lado, em margem de palavra, há ocorrências de sílabas constituídas apenas por vogal. Mas as vogais estão restritas a i e a em início de palavra, e apenas a em fim de palavra.

* / pie / mas / pje / 'chão'

* / kakui / mas / kakwí / 'bater'

* / kruu / mas / kruw / 'flecha'

* / krəi / mas / krəJ / 'papagaio'

/ h / realiza-se como [h] no onset, [?] na coda, e [x] no onset precedendo [i]:

- (130) [ka’hēj] 'mulher'
(131) [hū’mre] 'homem'
(132) [i? ’te] 'perna dele'

- (133) [píʔ'ho] ‘folha’
- (134) [ku'xi] ‘fogo’
- (135) [pɔ'xi] ‘milho’

No trabalho de 1999, estávamos considerando que / h / podia realizar-se também como [tʃ], mas apenas no interior de determinadas palavras. Popjes (1986) já havia feito referência a essa variação (p.193). Segundo o autor, trata-se de uma regra morfonofonológica que opera na maior parte das palavras da língua: [tʃ], ocorrendo no interior da frase, tornar-se-ia [h] no início da frase (dados (136-139) de Popjes (op.cit.)):

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| (136) pə tʃumrə ‘veado macho’ | (137) hūmrə ‘masculino, homem’ |
| (138) pjen tʃom ‘grãos de areia’ | (139) hom ‘sementes’ |

Nossa hipótese, que ia ao encontro da proposta de Popjes, considerava um /tʃ/ que, em início de palavra, realiza-se [h]:

- (140) [’hūm] ‘homem, masculino’
- (141) [ka'hēj] ‘mulher, feminino’
- (142) [iʔ'vej] ‘ele é velho’
- (143) [vej'tʃūm] ‘velho’
- (144) [,vej.ga'hēj] ‘velha’

Mas ao estudar mais detalhadamente a morfossintaxe da língua, percebi que se tratam de morfemas diferentes: *h*- 3^a pessoa, *tʃ*- prefixo relacional:

- | | |
|---|---|
| (145) h-ūm-rə
3PG-macho-TCL(hum)
(qualquer) homem’ | (146) pə tʃ-ūm
veado PR-macho
'veado macho' |
| (147) h-õm
3PG-grão
(qualquer) grão’ | (148) pjen tʃ-õm
areia PR-grão
'grão de areia' |

/ h / pode ainda, em início de palavra, variar com Ø:

- (149) [haʔ'tu] ~ [aʔ'tu] ‘capim’
- (150) [ho:.tʃěʔ'tʃěk] ~ [o:.tʃěʔ'tʃěk] ‘galinha’
- (151) [haʔ'kʰet] ~ [aʔ'kʰet] ‘mato’

[?] trata-se de uma variante posicional, ou seja, está condicionada à ocorrência de /h/ em posição de coda silábica.

[x] trata-se de uma variante ambiental, pois está condicionada à ocorrência de /h/ precedendo a vogal i.

- / h / → Ø / em início de palavra
 [x] / no onset simples, antes de i
 [?] / na coda
 [h] / nda

2.1.4 Vogais

A língua distingue subjacentemente 16 vogais, 10 orais e 6 nasais.

i ī	í ī	u ū
e	ə	o
ɛ ē	ɔ	ɔ̄ õ
a ā		

Consideraremos, portanto, a vogal central oral ɔ (como Popjes), mas não a vogal central nasal ɔ̄ (como Davis). É que encontramos exemplos da oposição ɔ/ɛ, ɔ/ə, ɔ/o, ɔ/a:

- | | | |
|---------------|-----------------------|-------------------------|
| / ɔ / - / ɛ / | (152) ['krɔ] 'seco' | (153) ['k्रε] 'ovo' |
| | (154) ['tʃɔ] 'doente' | (155) ['tɛ] 'perna' |
| / ɔ / - / ə / | (156) ['hɔ] 'dor' | (157) ['hə] 'amargo' |
| | (158) ['pɔ] 'comer' | (159) ['pə] 'carregar' |
| / ɔ / - / o / | (160) ['kʰɔ] 'pele' | (161) ['kʰɔp] 'aroeira' |
| | (162) [a'pɔ] 'comer' | (163) ['pɔ] 'veado' |
| / ɔ / - / a / | (164) ['krɔ] 'seco' | (165) ['kra] 'paca' |
| | (166) [a'pɔ] 'comer' | (167) ['pa] 'eu' |

Por outro lado, não há exemplos que comprovem a oposição ə/ɔ̄, ɔ̄/ā, nem ɔ̄/ɛ, ɔ̄/ɔ̄. [ā], [ɔ̄] e [ə̄] podem ainda ser considerados como as formas nasalizadas da vogal /a/ quando esta ocorre contígua a consoantes nasais:

- (168) i-j-amaho [ja.ma'ho] ~ [ja.mā'ho] ~ [jɔ̄.ma'ho] ~ [jə̄.ma'ho] 'minha barba'
 (169) ampo [ām'pɔ] ~ [ɔ̄m'pɔ] ~ [ə̄m'pɔ] 'o que?'
 (170) kuran [ku'rān] ~ [ku'rɔ̄n] ~ [ku'rə̄n] 'matar'

Como [ā] ocorre apenas diante de consoante nasal, [ɔ̄] e [ə̄] seriam então as manifestações do fonema /ā/:

- (171) hotſāhtſāk [,ho:.tʃɔ̄? tʃə̄k] ~ [,ho:.tʃə̄? tʃə̄k] 'galinha'

A forma de maior ocorrência é [ə]; [ɜ] ocorre pouquíssimas vezes:

- (172) kahāJ [ka'ħēj] 'mulher'
 (173) krā [kʰrə] 'cabeça'

Com relação à grande variação superficial das vogais em Apāniekrá, duas características foram observadas: (i) ela é opcional e (ii) ocorre dentro de determinados limites de posição e altura. Nos exemplos abaixo, há a perda da distinção ε/e, ɜ/ə, ɔ/o, e/i, ə/ɪ, o/u:

- (174) tēp [tēp] ~ [tep] 'peixe'
 (175) mpej [mpej] ~ [mpej] 'estar.bom'
 (176) katʃər [ka'tʃər] ~ [ka'tʃər] 'queimar.NF'
 (177) akwə [a'kʰwə] ~ [a'kʰwə] 'cavar'
 (178) wapɔ [wa'pɔ] ~ [wa'po] 'faca'
 (179) kakrɔ [ka'kṛɔ] ~ [ka'kro] 'quente'
 (180) kuʔhe [gu?he] ~ [gu?hi] 'levantar'
 (181) kuker [gu:'kʰeɪ] ~ [gu:'kʰiɪ] 'procurar'
 (182) aʔkrət [aʔ'kʰrət] ~ [aʔ'kʰrit] 'caju'
 (183) kwər [kʰwər] ~ [kʰwiɪ] 'mandioca'
 (184) kro-re [kʁo:.rɛ] ~ [kru:.rɛ] 'caitetu'
 (185) hɔkṛow-tʃo [hɔ'kṛow'tʃo] ~ [hɔ'kṛow'tʃu] 'mamão'

No quadro das vogais abaixo, vê-se que vogais média-baixas podem sofrer alçamento e realizarem-se como média-altas:

alta	/i/	/ɪ/	/u/
média-alta	/e/ [e i]	/ə/ [ə ɪ]	/o/ [o u]
média-baixa	/ɛ/ [ɛ e]	/ɜ/ [ɜ ə]	/ɔ/ [ɔ o]
baixa		/a/	

Esse alçamento pode também ocorrer através de mais camadas:

- (186) pikraʃ [pi:'kʰraɪ] ~ [pi:'kʰrəɪ] ~ [pi:'kʰrəɪ] 'assustar'
 (187) ampɔpər [mbɔ:'pər] ~ [mbɔ:'pər] ~ [ãm'pɔ:'pɪr] 'árvore'
 (188) kakrə [ga:'kʰrə] ~ [a:'kʰrə] ~ [ka:'kʰri] 'caçar'

Por exemplo: a vogal baixa /a/ pode manifestar-se como baixa, média-baixa ou média-alta, enquanto que as vogais média-baixas /ɜ ɛ/ podem manifestar-se como média-baixa, média-alta ou alta. Não ocorreu alçamento de /ɔ/.

As vogais centrais /i ə ɜ/ podem manifestar-se como vogais posteriores:

- (189) tiktí [‘tik.tí] ~ [‘tuk.tí] ‘preto’
 (190) wakə [wa’kʰə] ~ [wa’kʰo] ‘machado’
 (191) hshtɔ [hʒ?’tɔ] ~ [hɔ?’tɔ] ‘muito’

As vogais /i ə ɜ/ podem ainda realizar-se como posteriores e sofrer alçamento:

- (192) kʒ [kʰʒ] ~ [kʰə] ~ [kʰɔ] ~ [kʰo] ‘pele’
 (193) kurə [gu:’ʒə] ~ [gu:’tʃ] ~ [gu’rɯ:.rɯ] ‘liso’
 (194) wakə [wa’kʰə] ~ [wa’kʰo] ~ [wa’kʰu] ‘machado’

De ocorrência mais rara, as vogais da língua podem também apresentar abaixamento (no corpus analisado há apenas quatro ocorrências):

- (195) ti [’ti] ~ [’te] ‘grande’
 (196) tɪk [’tɪk] ~ [’tək] ‘morrer’
 (197) ku [’kʰu] ~ [’kʰo] ‘comer’
 (198) ntuw [’tuw] ~ [’tɔw] ‘novo’

O quadro seguinte apresenta as possibilidades de variação vocálica:

i	i	ɯ	u
e	ə	o	
ɛ	ɔ		
a			

No caso das vogais nasais e das nasalizadas, o alçamento também pode ocorrer:

- (199) tem [’tẽm] ~ [’tẽm] ‘viajar’
 (200) kranrə [’kʰrã̃n.rə] ~ [’kʰrã̃n.[ɛ] ‘cará’
 (201) kɔ [’kʰɔ] ~ [’kʰõ] ‘beber’
 (202) j-ipon [dʒi’põn] ~ [dʒi’pũn] ‘rasgar’
 (203) pəm [’pəm] ~ [’pim] ‘cair’

Há ainda duas ocorrências de abaixamento vocalico (uma da vogal nasal /i/ e outra da vogal nasalizada [ɯ]) e uma única ocorrência de posteriorização da vogal /ã/:

- (204) kakwĩ [,ga.kʰwĩ] ~ [,ga.kʰwẽ] ‘bater’
 (205) kum [’kʰum] ~ [’kʰõm] ‘fumaça’
 (206) kranrə [’kʰrã̃n.rə] ~ [’kʰrã̃n.[ɛ] ‘cará’

2.2 Constituição silábica

O Apâniekrá apresenta o seguinte padrão silábico: (C₁)(C₂)V(C₃). As possibilidades de ocorrência dos fonemas neste padrão são:

- C₁ - todas as consoantes
- C₂ - w r j

Seqüências de consoantes em início de sílaba estão restritas a pr, pj, tw, tʃw, kw, kr, kj.

- C₃ - p, t, tʃ, k, m, n, w, r, j, h

C₃ só ocupará a posição de coda se não puder ser silabificado como onset da sílaba seguinte.

2.2.1 Onsets

O onset é um constituinte obrigatório nas sílabas do Apâniekrá, embora, excepcionalmente, nas margens da palavra, o onset seja um constituinte opcional da sílaba:

- | | |
|------------------------------------|------------------------------|
| (207) <u>a</u> .pən ‘piranha’ | (208) <u>i</u> .tar ‘aqui’ |
| (209) <u>a</u> .ta ‘aquele(a)’ | (210) <u>i</u> .ta ‘esse(a)’ |
| (211) <u>a?</u> .kraj.re ‘criança’ | (212) <u>i?</u> .nõ ‘outro’ |
| (213) <u>aw</u> .ke ‘esquerdo’ | (214) <u>am</u> .kro ‘dia’ |
| (215) ku.nẽ. <u>a</u> ‘todos’ | (216) ku.re. <u>a</u> ‘ali’ |
| (217) ka.te. <u>a</u> ‘grosso’ | |

Distingue-se na língua onset simples e complexo. Todo segmento consonantal da língua pode constituir um onset simples:

- | início palavra | interior palavra |
|---------------------------------|------------------------------|
| (218) <u>p</u> it ‘sol’ | (219) ka.pu.ti ‘jaó’ |
| (220) <u>t</u> ep ‘peixe’ | (221) pi.tẽk ‘mutum’ |
| (222) <u>tʃ</u> ep.re ‘morcego’ | (223) pĩ.tʃo ‘fruta’ |
| (224) <u>k</u> o ‘água’ | (225) kaJ.kər nome masculino |
| (226) <u>k</u> en ‘pedra’ | (227) wa.kə ‘machado’ |
| (228) <u>m</u> ĩ ‘jacaré’ | (229) par.mẽn ‘derrubar’ |
| (230) <u>n</u> ẽ ‘e’ | (231) pa.ham.nõ ‘namorar’ |
| (232) <u>r</u> op ‘cachorro’ | (233) ka.rə ‘veado’ |
| (234) <u>w</u> a 1p | (235) a.wa.r3 ‘inajá’ |
| (236) <u>j</u> st ‘batata’ | (237) pi.je ‘mulher’ |
| (238) <u>h</u> ĩ ‘carne’ | (239) pi.ca.hur ‘correr’ |

O onset complexo composto por dois segmentos consiste de uma obstruinte ou nasal seguida de r, w ou j:

	início palavra		interior palavra
(240)	<u>mrõ</u> ‘mergulhar’	(241)	a. <u>mjí</u> reflexivo
(242)	<u>prin</u> ‘píqui’	(243)	ka. <u>pro</u> ‘sangue’
(244)	<u>pje</u> ‘chão’	(245)	i?. <u>pja.krut</u> ‘dois’
(246)	<u>twəm</u> ‘banha’	(247)	ke. <u>twa.je</u> rito de iniciação
(248)	<u>tʃwər</u> ‘banhar’	(249)	ka. <u>tʃwa</u> ‘sal’
(250)	<u>kɾɔ.tɔt.rɛ</u> ‘puçá’	(251)	ka. <u>kɾɔ</u> ‘quente’
(252)	<u>kri</u> ‘frio’	(253)	ku. <u>krit</u> ‘anta’
(254)	<u>kwər</u> ‘mandioca’	(255)	ka. <u>kwí</u> ‘bater’

A ausência de hw, hr, hj, wj, rw e jw mostra que seqüências de segmentos no onset complexo precisam crescer em sonoridade (o quadro abaixo, que divide os segmentos em quatro grandes classes, identifica seus respectivos graus de sonoridade e estabelece, a partir desses valores, uma escala de sonoridade (Clements & Hume:1995)):

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Glide	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

As outras seqüências proibidas no onset complexo são * pw, mw, tr, tj, nr, nj, rj, tʃr, tʃj, jr. Tais segmentos consonantais possuem os seguintes pontos de articulação: pw, mw representam seqüências de segmentos labiais, enquanto que tr, tj, nr, nj, rj, tʃr, tʃj, jr representam seqüências de segmentos coronais. Portanto, as seqüências de segmentos proibidas no onset complexo são as que possuem o mesmo ponto de articulação.

	p	m	t	n	tʃ	w	r	j
labial	+	+				+		
coronal			+	+	+		+	+

2.2.2. Cudas

A coda pode ser constituída por um único segmento:

	interior palavra		final palavra
(256)	<u>rɔp.ti</u> ‘onça’	(257)	<u>tɛp</u> ‘peixe’
(258)	<u>tuł.kwəJ</u> nome fem.	(259)	<u>pʒt</u> ‘tamanduá’
(260)	<u>hɔk.ti</u> ‘gavião’	(261)	a. <u>tek</u> ‘machucar’
(262)	<u>prūm-kəJ</u> nome fem.	(263)	<u>tʃām</u> ‘levantar’
(264)	<u>pjen.tʃon</u> ‘areia’	(265)	<u>pi.ken</u> ‘dançar’
(266)	<u>aw.ja.he</u> ‘caçar’	(267)	<u>kruw</u> ‘flecha’
(268)	<u>koJ.kwa</u> ‘céu’	(269)	<u>tiJ</u> ‘velha’

- | | |
|--------------------------------------|--|
| (270) <i>j-a<u>ɾ</u>.kwa</i> ‘boca’ | (271) <i>pi.kra<u>ɾ</u></i> ‘assustar’ |
| (272) <i>j-õ<u>?</u>.to</i> ‘língua’ | (273) <i>mĩ<u>?</u></i> ‘pegue’ |

Exceto *n* *ŋ*, todos os outros segmentos consonantais podem constituir uma coda.

2.3 Acento

Na tipologia das regras de acento apresentada em Hayes (1995: 31), os sistemas de acento das línguas dividem-se em sistemas rítmicos e sistemas morfológicos. Em um sistema de acento rítmico, o acento está baseado em fatores fonológicos, como por exemplo o peso silábico. Em um sistema morfológico, o acento serve para elucidar a estrutura morfológica da palavra. Freqüentemente, determinada sílaba de uma raiz recebe o acento primário, e os afixos ou são átonos ou recebem um acento fraco.

O Timbira Apâniekrá pertence ao grupo de línguas que apresenta em seu sistema de acento a variedade morfológica: o acento de palavra⁵ (qualquer que seja sua classe (nome, verbo, advérbio)) cai sempre na última sílaba da raiz.

- | | |
|--|---|
| (274) <i>pa.pja.krút</i>
[pa.bja' ^b k ^h rut]
<i>pa-pjakrút</i>
1incl-dois
'nós dois' | (275) <i>pa.ŋkré</i>
[pan'kre]
<i>pa?</i> -ŋkre
1incl-três
'nós três' |
| (276) <i>ka.pú.ti</i>
[ka:'pu.ti]
<i>kaputi</i>
'jaó' | (277) <i>krú.re</i>
['kru:.re]
<i>krure</i>
'caititu' |
| (278) <i>a.mpó.rã</i>
[əm'pɔ:.rə]
<i>a?</i> -mpɔ-rã
GNR-algo-TCL(flor)
'flor' | (279) <i>a.mpó.tʃo</i>
[əm.pɔ:'tʃo]
<i>a?</i> -mpɔ-tʃo
GNR-algo-TCL(doce)
'fruta' |

Hayes (1995: 32) ainda faz referência aos sistemas de acento morfológico e rítmico, os quais não são manifestados em sua forma pura. Segundo o autor, a maioria dos sistemas de acento é uma mistura das noções ‘morfológica’ e ‘rítmica’.

O Apâniekrá apresenta inúmeras ocorrências de alongamento de vogais e de consoantes, os quais foram interpretados ou como motivados por princípios de silabificação ou através da referência direta à estrutura silábica (Alves, 1999), uma vez que só ocorrem apenas em sílabas abertas (para o alongamento de vogais) ou seguindo sílabas abertas (para o alongamento de consoantes).

⁵ Refiro-me aqui à palavra morfossintática (ou grammatical), composta por uma raiz mais possíveis realizações de categorias morfossintáticas (como número, pessoa, tempo, modo, aspecto etc.).

- | | |
|-------------------|----------------------------------|
| (280) [kro:'twəm] | (281) [ka.bi:'k ^h ɛn] |
| kro twəm | ka a-piken |
| porco banha | 2 2-dançar |
| 'banha de porco' | 'vocês dançaram' |
-
- | | |
|-----------------|------------------|
| (282) [hap'pak] | (283) [prat'tʃi] |
| h-apak | pratʃi |
| 3-orelha | |
| 'orelha dele' | 'melancia' |

No entanto, a ocorrência de segmentos alongados como sendo previsível com base em restrições sobre o número de segmentos ligados à coda, não invalida uma outra hipótese: a de que tais alongamentos possam ser ocasionados por sua ocorrência em constituintes prosódicos maiores. Talvez uma descrição do ritmo lingüístico, feita com base numa observação mais aprofundada da distribuição do acento secundário na língua, possa dar conta desse fenômeno.

3. CLASSES DE PALAVRAS

Neste trabalho, tratarei fundamentalmente das seguintes classes de palavras que se distinguem em Apāniekrá:

- Nomes;
- Verbos;
- Advérbios;
- Pronomes;
- Numerais;
- Posposições;
- Conjunções e
- Partículas.

3.1 Principais classes de palavras

As palavras de uma língua podem ser divididas em dois tipos principais (Givón: 2001):

- palavras lexicais (“conteúdo”);
- palavras não lexicais (“função”):
 - o morfemas gramaticais;
 - o morfemas derivacionais.

Para definir se uma palavra pertence a uma ou outra classe, há critérios de classificação que precisam ser verificados. Para as palavras lexicais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios) são três: semântico, morfológico e sintático. Para as palavras não lexicais (os morfemas), além desses três, há ainda os critérios morfotáticos.

3.1.1 Critérios de classificação

As principais classes de palavras lexicais (nome, verbo, adjetivo e advérbio) são definidas e descritas a partir de três critérios:

- Semântico: tipos de significados que tendem a ser codificados por palavras de uma determinada classe;
- Morfológico: tipos de morfemas vinculados (ambos gramatical e derivacional) que tendem a ser afixados a palavras de uma determinada classe;
- Sintático: posição(ões) típica(s) na oração que palavras de uma determinada classe tendem a ocupar.

3.1.2 Critérios morfotáticos

Os morfemas (gramaticais ou derivacionais) podem ser classificados como flexões, afixos e clíticos, podendo também preceder seu radical (preposicional) ou segui-lo (posposicional).

A diferença entre flexão, afixo e clítico (Givón: op.cit.) é essencialmente diacrônica, relacionada com a ‘idade’ do morfema. O primeiro estágio de um morfema (já não mais uma palavra lexical) é a cliticização, por meio do qual o novo morfema é desacentuado e

vinculado a uma palavra lexical adjacente na construção (sintagma, oração) de onde ele se originou.

Um clítico pode mudar para um afixo. Isso ocorre quando sua localização não é mais definida em termos de uma construção, mas sim de um determinado tipo de palavra (nome, verbo, adjetivo, advérbio). O afixo aparece agora em uma ordem fixa em relação aos outros morfemas presos à palavra.

Uma flexão é um afixo fonologicamente degradado, que se fundiu com seu radical ou com outros afixos, a ponto de ser impossível identificar exatamente a sua fronteira.

3.2 Nomes

3.2.1 Caracterização semântica

Os nomes em Apāniekrá são subcategorizados em duas classes principais: inalienáveis e alienáveis. Esse limite classificatório apresenta enorme variação na expressão da categoria de posse.

A classe dos nomes inalienáveis inclui termos das partes do corpo, termos de parentesco e certos objetos manufaturados. O possuidor é indicado por um nominal ou por prefixo pronominal, precedido ou não por um prefixo relacional (para sua definição ver 3.2.3 caracterização morfológica).

- (284) rop krã
cachorro cabeça
'cabeça do cachorro'

- (285) a-j-arkwa
2-PR-boca
'tua boca'

- (286) pa?-kra
1incl-filho
'nossa filha'

- (287) maria rosa tõ
Maria Rosa irmão
'irmão da Maria Rosa'

Nomes inanimados são ainda divididos entre ‘entidades naturais’ e certos ‘artefatos feito por humanos’ (casa, faca etc.). Estes últimos podem ser possuídos inalienavelmente:

- (288) i-p-ũkwa
1-PR-casa
'minha casa'

- (289) i?-patjí
3-pulseira
'pulseira dele'

A classe dos nomes alienáveis inclui itens da cultura material, animais, plantas, fenômenos naturais. O possuidor é indicado por um nominal ou por prefixo pronominal seguido pela posposição de genitivo *ñ* (apenas para a posse alienável).

- (290) kahāj jn-ñ rɔp
mulher PR-GEN cachorro
'cachorro da mulher'

- (291) pa- jn-ñ kuhe
1incl PR-GEN arco
'nosso arco'

Outro parâmetro classificatório com consequência gramatical em Apāniekrá é o traço humano vs não-humano dos nomes, em que no plural são marcados diferentemente:

+ humano: **m̄ē=**

- | | |
|--|--|
| (292) m̄ē= hūmr̄e
PL= homem
'homens' | (293) m̄ē= kahāj
PL= mulher
'mulheres' |
|--|--|

- humano: **jz?t̄o**

- | | |
|--|---|
| (294) k̄en j-ž?t̄o
pedra PR-ser.muito
'pedras' | (295) p̄zrk̄r̄e j-ž?t̄o
canoa PR-ser.muito
'canoas' |
|--|---|

Uma classificação nominal baseada na forma e tamanho dos objetos concretos também é encontrada (para mais detalhes ver item 3.2.3):

- | | |
|--|---|
| (296) kup̄ē?-k̄z
branco-TCL(pele)
'pano' | (297) aroj-h̄i
arroz-TCL(semente)
'arroz' |
|--|---|

Por último, nomes humanos podem ainda ser classificados por traços tais como forte/fraco, idade entre outros.

- | | |
|---|--|
| (298) t̄ej-ti
avó-grande
'avó (forte, gorda)' | (299) t̄ej-re
avó-pequeno
'avó (fraca, magra)' |
| (300) int̄se-v̄ej
mamāe-velha
'mamãe (velha)' | (301) int̄se-ntuw
mamāe-novo
'madrasta' |

3.2.2 Caracterização sintática

As características sintáticas apresentadas exclusivamente pelo nome são duas (e estão relacionadas):

- 1) Os nomes (como núcleo de SN ou como objeto de posposição) ocupam tipicamente as funções gramaticais de ‘sujeito’, ‘OD’, ‘OI’, predicado nominal na sentença;

Os exemplos abaixo mostram os nomes como núcleos do SN:

	‘sujeito’	‘OD’	‘OI’
(302)	<i>hūmrε</i>	<i>apu ko tɔ=mõ</i>	<i>rɔp wər</i>
homem PRG água CAUS=ir cachorroDIR ‘o homem está levando água para o cachorro’			

	Predicado.Nominal
(303)	<i>ku pe paʒhi</i>
3 COP cacique ‘ele é cacique’	

Os nomes podem também ocorrer como complementos de um sintagma posposicional:

(304)	<i>janõ te paʒnõ ø pupun</i>
	Janõ POSP(ERG) Pahnõ (ABS) ver
‘A Janõ viu a Pahnõ’	

(305)	<i>hūmrε pe pur pok</i>
	homem POSP(MAL) roça queimar
‘A roça do homem queimou’	

- 2) Os nomes ocupam o núcleo do SN (periferia esquerda), enquanto todos os outros elementos do sintagma são seus modificadores (ocupando a periferia direita): oração relativa, nomes, verbos não-ativos, demonstrativos e numerais.

Os nomes podem ser modificados por uma oração relativa (a qual segue o núcleo nominal):

	Oração relativa
(306)	<i>rɔp ita mpej nẽ i?-tik</i>
cachorroREL bom MS 3-morrer ‘o cachorro (que era) bom morreu’	

por um verbo não-ativo, por um demonstrativo:

- Nome Verbo Demonstrativo
- (307) kuh̩i te ik̩r̩e v̩ej ita to= katsw̩r̩
 fogo ERG casa velha DEF CAUS= queimar
 'o fogo queimou a casa velha'

por um nome:

- Nome Nome
- (308) i-kra kahāj poj
 1-filho mulher chegar
 'minha filha chegou'

e ainda por um numeral:

- Nome Numeral
- (309) m̩ē= i? -ŋko ŋkre
 PL= 3-piolho três
 'três piolhos (deles)'

Os adjuntos adnominais, que são modificadores que formam um constituinte sintagmático com os nomes (SN), têm grande importância semântica, uma vez que expressam informações sobre o referente do SN que não é expresso pelo nome.

As classes principais dos adjuntos adnominais em Apâniekrá são: verbos não-ativos¹, pronomes demonstrativos e numerais.

Verbos não-ativos expressam qualidades ou atributos. Essas palavras, além de sua função de modificadores do nome, também funcionam como predicados (ver capítulo 4 sobre predicados não-ativos). Por constituírem uma subclasse de verbos intransitivos na língua, serão tratados separadamente (item 3.3.2.1.2).

Demonstrativos são palavras que expressam as noções de definitude e indefinitude. Como em Apâniekrá não há artigos, os significados 'definido' e 'indefinido' são expressos por modificadores demonstrativos e indefinidos (ver item 3.5.4 e 3.5.5 (pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos)).

- (310) a?krajr̩e ita
 menino DEF
 'o menino'

- (311) a?krajr̩e nō
 menino IND
 'um/algum menino'

As noções de quantidade são expressas através de verbos intransitivos não-ativos ('ser.muito', 'ser.pouco'), de numerais ('um', 'dois', 'três') e de pronomes indefinidos ('todos', 'alguns'):

¹ A oração na qual ocorre o verbo não-ativo com função atributiva será relativizada.

- (312) i?-mpɔr pjakrut
3-chifre dois
'dois chiffres (dele)'
- (313) kutõ ɪkrire
minhoca ser.pouco
'poucas minhocas'

3.2.3 Caracterização morfológica

As características morfológicas apresentadas exclusivamente pelo nome são:

- Posse inalienável e
- Termos de classe.

A outra característica da morfologia dos nomes, embora compartilhada igualmente com os verbos e com uma única posposição ō GEN, é:

- Prefixo relacional.

A expressão de posse nos nomes inalienavelmente possuídos é feita por meio de prefixo pronominal ou por um outro nome, ambos precedendo o núcleo nominal.

- (314) pa?- krã
1incl-cabeça
'nossa cabeça'
- (315) rɔp krã
cachorro cabeça
'cabeça do cachorro'

Os termos de classe são nomes que ocorrem no final do radical de alguns nomes. Não se comportam, no entanto, tão produtivamente como um sistema de classificação, que se estendem a vários campos lexicais. Semanticamente, expressam ou limites classificatórios (+humano/-humano, forte/fraco) ou a forma dos objetos concretos comuns a uma classe de nomes (grande/pequeno, forma de semente, de grão, de pele, doce, orifício etc). Sintaticamente, são núcleos dos nomes compostos, funcionando como classificadores do léxico.

Esses termos utilizados ainda são usados no estágio atual da língua como nomes (k3 'pele', h̄i 'semente', tʃ-om 'grão') ou verbos (ti 'grande').

- (316) kupẽ-k3
branco-TCL(pele)
'pano'
- (317) pĩ-k3
pau-TCL(pele)
'casca (da árvore)'

- (318) põ-hi
milho-TCL(semente)
'milho'
- (319) kwər tʃ-om
mandioca PR-TCL(grão)
'farinha de mandioca'
- (320) pĩ-tʃo
pau-TCL(doce)
'fruta'
- (321) i?-ntuw-re
3-novo-TCL(humano)
'moço'
- (322) rɔp-re
cachorro-TCL(pequeno)
'raposa (mas também 'cachorro pequeno')
- (323) rɔp-ti
cachorro-TCL(grande)
'onça' (mas também 'cachorro grande')

A combinação de um nome com um termo de classe (sincronicamente também um nome) representam um tipo de formação de nomes compostos na língua.

Na definição de Rodrigues (s.d.) os prefixos relacionais indicam se o elemento dependente ocorre imediatamente adjacente a seu núcleo. Segundo o autor, os prefixos relacionais são índices da relação de contigüidade entre dependentes e núcleo.

Em Apâniekrá, nos sintagmas nominais, cujos núcleos são iniciados por vogal há ocorrência dos prefixos **j-** (antes de vogal oral) ~ **ŋ-** (antes de vogal nasal), **tʃ-**. Sua distribuição é lexicalmente condicionada.

- (324) rɔp j-arkwa
cachorro PR-boca
'boca do cachorro'
- (325) rɔp tʃ-optʃop
cachorro PR-coceira
'coceira do cachorro'

Nos núcleos iniciados por consoante não há ocorrência de prefixos relacionais.

- (326) rɔp krã
cachorro cabeça
'cabeça do cachorro'

No entanto, diante dos complementos desses núcleos terminados em vogais, há inserção da oclusiva glotal (pela regra descrita no capítulo 2 (pág. 32)). Esse elemento não pode ser considerado um formativo (ao contrário dos prefixos relacionais), uma vez que ele é o resultado de uma regra fonológica.

- (327) [rɔp'ti?k^hrõ]
rɔpti krã
onça cabeça
'cabeça da onça'

3.2.3.1 Morfologia derivacional

Nomes podem ser derivados de raízes verbais (a partir da forma não-finita do verbo). Os sufixos nominalizadores encontrados foram: **kate** (nominalização de participante) e **tʃə** (nominalização de não-agentivos).

- (328) h-ʒpen
3-trabalhar
'ele trabalhou'
- (329) h-ʒpen -kate
3-trabalhar.NF -NMZ
'trabalhador'
- (330) a-pe h-ʒpen -kate
2-COP 3-trabalhar.NF -NMZ
'você é trabalhador'
- (331) h-ujaher
3-caçar
'ele caçou'
- (332) h-ujaher -kate
3-caçar.NF -NMZ
'caçador'
- (333) i-krer
1-cantar
'eu cantei'

- (334) i-pe i?-ŋkrər -kate
1-COP 3-cantar.NF -NMZ
'eu sou cantador'

- (335) i-tẽm
1-ir
'eu viajei'

- (336) i-tẽm -tʃʒ
1-ir.NF -NMZ
'minha viagem'

- (337) amjí kín -tʃʒ
RFL sentir.alegria -NMZ
'namorado(a)'

No entanto, o sufixo **tʃʒ** pode, em alguns contextos, indicar lugar:

- (338) i-tʃwər -tʃʒ (cf. i-tʃwər 'meu banhar')
1-banhar.NF -NMZ(lugar)
'o lugar do meu banho'

- (339) h-əwmrɔ -tʃʒ
3-cozinhar -NMZ
'lugar onde se cozinha'

- (340) tẽp mã i-pẽr -tʃʒ
pescar.NF -NMZ
'lugar onde se pesca'

- (341) tẽp prɔ -tʃʒ
peixe capturar -NMZ
'tarrafa (lugar para guardar o peixe pescado)'

3.3 Verbos

3.3.1 Caracterização semântica

Verbos codificam estados (estados temporários e qualidades inerentes), eventos, ações. Seus 'sujeitos'² podem ser agentes (verbos ativos), pacientes (verbos não-ativos) ou experienciadores (geralmente verbos com 'sujeito' no dativo).

² Neste trabalho, o critério utilizado para a definição do 'sujeito' foi o semântico (por isso o uso das aspas). No entanto, em outro trabalho já em andamento, a partir do estudo das relações gramaticais será possível definir a categoria de sujeito (e também do que está sendo chamado neste trabalho de 'objeto direto', 'indireto' e 'obliquo') na língua.

Verbos ativos, cujo ‘sujeito’ é responsável pelo início ou pelo controle da ação:

- (342) pe ku kato
PD 1incl sair
'nós saímos'
- (343) ke ha mẽ apz
3 IRR PL comer
'eles vão comer'
- (344) wa a-pupu
1 2-ver
'eu vejo você'
- (345) rop apu hõtʃɔ?tʃɔk tʃa
cachorroPRG galinha morder
'o cachorro está mordendo a galinha'
- (346) ramã kuhi apu ikr̩ tɔ= katʃɔ
ASP fogo PRG casa CAUS= queimar
'o fogo já está queimando a casa'

Verbos não-ativos, cujo ‘sujeito’ é paciente. Estes verbos denotam estados, qualidades ou ações não-controladas. Apresentam um único argumento, S (nos termos de Dixon, 1994) subjacente ((347)-(350)) ou derivado ((351)-(353)), pela incorporação do ‘objeto’:

- (347) i-kakrɔ
1-estar.quente
'eu estou com febre'
- (348) a-tertet
2-tremor
'você está tremendo'
- (349) i?-ŋkrə
3-secar
'ele está seco', 'ele secou'
- (350) pa?-pəm
1incl-cair
'nós caímos'

- (351) ka ha =m̩̄ a-j̄-̄= kuto
 2 IRR =PL 2-PR-carne= emagrecer
 ‘vocês vão emagrecer’

- (352) i-j̄-̄= k̄ti
 1-PR-carne= engordar
 ‘eu engordei’

- (353) pe wa i-j̄-̄= j-ah̄i
 PD 1 1-PR-comida=PR-vomitar
 ‘eu vomitei’

Os verbos não-ativos podem ainda denotar sentimentos (fisiológicos ou psicológicos). Nesses casos, seus ‘sujeitos’ são marcados pelo dativo:

- (354) i-mā pa
 1-DAT sentir.medo
 ‘eu estou com medo’

- (355) keha i-mā kri
 FUT 1-DAT sentir.frio
 ‘eu vou ficar com frio’

- (356) i-mā t̄ep prām
 1-DAT peixe sentir.fome
 ‘eu quero peixe’

- (357) i-mā a-k̄in
 1-DAT 2-sentir.alegria
 ‘eu gosto de você’
 (lit.: ‘você me dá alegria’)

- (358) ku-mā amj̄i k̄in
 3-DAT RFL sentir.alegria
 ‘ele se divertiu’

- (359) i-mā ȷ-ape
 1-DAT 2-sentir.amargura
 ‘eu sinto sua falta’
 (contexto: ‘sua ausência me dá dor’)

3.3.2 Caracterização sintática

Aos verbos em Apāniekrá, e somente a eles, estão associadas categorias de tempo, aspecto, modo. Essas categorias, prototípicamente de flexão no verbo, são expressas na língua através de partículas no início ou de operadores no final da sentença.

Verbos que tenham um ‘objeto direto’ são considerados sintaticamente transitivos. Todos os outros são considerados sintaticamente intransitivos (Givón, 2001). Esses dois tipos de verbos, por sua vez, são subdivididos:

- Intransitivos: ativos, não-ativos, com ‘sujeito’ dativo e com ‘objeto indireto’;
- Transitivos: bivalentes, trivalentes e com ‘sujeito’ dativo.

3.3.2.1 Verbos intransitivos

3.3.2.1.1 Verbos intransitivos ativos

Verbos intransitivos ativos apresentam seu ‘sujeito’ codificado por nominais ou ora por pronomes dependentes (tempo passado simples), ora por pronomes livres (nos outros ambientes).

- (360) ka apu kre
2 PRG cantar
'você está cantando'

- (361) (ka) a-krre
2 2-cantar
'você cantou'

- (362) kahãj ke ha a?kukrẽ
mulher 3 IRR correr
'a mulher vai correr'

- (363) h-z?kukrẽn
3-correr
'ela correu'

- (364) ka apu apz
2 PRG comer
'você está comendo'

- (365) a-j-zpən
2-PR-comer
'você comeu'

3.3.2.1.2 Verbos intransitivos não-ativos

Verbos intransitivos não-ativos apresentam seu ‘sujeito’ expresso por nominais ou por pronomes dependentes (cf. quadro pág. 98).

- (366) r̥p mpej
cachorro estar.bom
'o cachorro é bom'
- (367) a?krajr̥ kakr̥
criança estar.quente
'a criança está com febre'
- (368) moto k̥n
motor estar.ruim
'o motor está ruim', 'o motor estragou'
- (369) h̥i tʃ-ʒr̥
carne PR-estar.cozida
'a carne está cozida', 'a carne cozinhou'
- (370) ka ha a-pəm
2 IRR 2-cair
'você vai cair'
- (371) (wa) i-pəm
1 1-cair
'eu cai'
- (372) (wa) apu i-kakok
1 PRG 1-falar
'eu estou falando'
- (373) (ka) a-kakok
2 2-falar
'você falou'

Os verbos intransitivos não-ativos em Apāniekrá, além de codificarem ações não controladas pelo 'sujeito', expressam significados adjetivos. São duas as evidências para que esses itens lexicais constituam uma subclasse de verbos intransitivos, ao invés de serem classificados como adjetivos:

- 1) Causativização morfológica do verbo não-ativo, como os intransitivos ativos (para mais detalhes sobre causativização do verbo intransitivo ver 3.3.3.3.1 Causativo morfológico):
- (374) ku-te pap tɔ= i?-mpej
3-ERG jirau CAUS= 3-estar.bom
'ele consertou o jirau'

- (375) a?krajr̥ te ko tɔ= i?-kakrɔ
criança ERG água CAUS= 3-estar.quente
'a criança esquentou a água'
- (376) hūmr̥ te moto tɔ= i?-kɛn
homem ERG motor CAUS= 3-estar.ruim
'o homem estragou o motor'
- (377) mẽ?vej te hī tɔ= h-ṣr
velha ERG carne CAUS= 3-estar.cozido
'a velha cozinhou a carne'

2) Relativização da oração com verbo não-ativo na função atributiva no sintagma nominal

- (378) rɔp [ita mpej]REL nẽ i?-tik
cachorro REL bom MS 3-morrer
'o cachorro (que era) bom morreu'

Há, no entanto, certos verbos não-ativos que apresentam uma causativização analítica (ao invés da morfológica que ocorre em (374) – (377)), com uma sentença principal e uma subordinada:

- (379) i-te ø tɔn mã h-aka
1-ERG 3-fazer DS 3-estar.branco
'eu o embranqueci'
(literalmente: eu fiz ele ficar (pintado de) branco)'

Outra característica de determinados verbos não-ativos é que, quando ocorrem como modificadores do nome, não há relativização (ao contrário do que ocorre em (378)):

- (380) rɔp j-aka tik
cachorro PR-estar.branco morrer
'o cachorro branco morreu'
- (381) ikre ita vej
casa DEM estar.velho
'a casa está velha'
- (382) ikre vej ita te katʃwər
casa estar.velho DEM POSP queimar
'a casa velha queimou'

- (383) k₃h₃ pifí pəm
cofo estar.pesado cair
'o cofo pesado caiu'

Neste trabalho palavras como *aka*, *v̪ej* e *pifí*, que ocorrem como modificadores sem relativização, serão considerados, de maneira preliminar, verbos não-ativos. Em futuros estudos, verificarei a possibilidade de essas palavras constituirão uma classe de adjetivos. Uma outra hipótese a ser investigada é a de que os verbos não-ativos seriam subcategorizados segundo seus tipos semânticos (Dixon, 1977). Os verbos cujos significados adjetivais estivessem mais abaixo na hierarquia seriam relativizados quando na função atributiva. Essa hipótese foi levantada por Oliveira (2003) para o Apinajé.

3.3.2.1.3 Verbos intransitivos com 'sujeito' no dativo

Verbos intransitivos que codificam sentimentos (fisiológicos e psicológicos) apresentam seu 'sujeito' marcado pela posposição **mã** (dativo).

- (384) i-mã kri
1-DAT sentir.frio
'eu estou com frio'
- (385) a-mã prām
2-DAT sentir.fome
'você está com fome'
- (386) ku-mã kīn
3-DAT sentir.alegria
'ele está alegre'

3.3.2.1.4 Verbos intransitivos com 'objeto indireto'

Esses verbos intransitivos apresentam dois argumentos básicos, sendo que um deles é sempre marcado por uma posposição, o qual será considerado um 'objeto indireto' (para mais detalhes ver 4.3.1.1.4). O 'sujeito' pode ser agente (387), paciente (388) ou experenciador (389):

- (387) kar₃ kām i-katōk
veado LOC 1-atirar
'eu atirei no veado'
- (388) ikre pīn i?-pəm
casa LOC 3-cair
'ele caiu de cima da casa'

- (389) i-mã t̄ep nã prãm
1-DAT peixe POSP sentir.fome
'eu quero peixe'

Quando a oração está no passado simples, a morfologia ergativa pode ser estendida aos 'sujeitos' ativos desses verbos (exemplos (390) e (391)): o 'sujeito' agente é expresso por um pronome dependente prefixado ao verbo e por um nominal ou prefixo pronominal seguido pela posposição de ergativo (este último típico das construções com verbo transitivo).

- (390) hūmr̄e te karz kām i?-kat᷑k
homem ERG veado LOC 3-atirar
'o homem atirou no veado'

- (391) a-te i-mã a-kakok
2-ERG 1-DAT 2-falar
'você conversou comigo'

A morfologia ergativa não ocorre quando os 'sujeitos' são semanticamente pacientes ou experienciadores (ou seja, quando estes não iniciam ou não têm controle sobre a ação):

- (392) *ku-te i-kr̄e p̄in i?-p̄em
3-ERG 1-casa LOC 3-cair
'ele caiu de cima da minha casa'

Nos verbos intransitivos com 'objeto indireto', a concordância de 'sujeito' expressa no verbo não pode ser apagada, independentemente se o 'sujeito' também for expresso por um pronome livre (no caso dos verbos com 'sujeito' agente, paciente ou experienciador) ou por um nominal ou prefixo pronominal seguido da posposição de ergativo (apenas para o verbo com 'sujeito' agente):

- (393) *ka ha i-mã kakok
2 IRR 1-DAT falar
'você vai conversar comigo' (cf. exemplo (391))

- (394) *hūmr̄e te karz kām kat᷑k
homem ERG veado LOC atirar
'o homem atirou no veado' (cf. exemplo (390))

Já para os verbos intransitivos ativos com um único argumento básico, quando a oração expressa tempo futuro, não há concordância de 'sujeito' no verbo:

- (395) wa ha pur wər ma m᷑
1 IRR roça DIR MOVir
'eu vou para a roça'

- (396) *wa ha pur wər ma i-mō(r)
 1 IRR roça DIR MOV1-ir
 ‘eu vou para a roça’

- (397) ka ha kə pe kr̩
 2 IRR pátio LOC cantar
 ‘você vai cantar no pátio’

- (398) *ka ha kə pe a-kr̩(r)
 2 IRR pátio LOC 2-cantar
 ‘você vai cantar no pátio’

Importante observar que, quando a oração está no passado simples, a diferença entre os verbos intransitivos ativos e os intransitivos ativos com ‘objeto indireto’ pode se neutralizar. Isso acontece porque a morfologia ergativa pode se estender também aos intransitivos ativos, nas construções em que o ‘sujeito’ parece ser topicalizado e quando há um sintagma posposicional entre o ‘sujeito’ e o verbo:

Intransitivos ativos

- (399) ku-te kə pe i?-ŋkr̩r
 3-ERG pátio LOC 3-cantar
 ‘ele cantou no pátio’

Intransitivos (ativos) com ‘objeto indireto’

- (400) ku-te i-mā i?-kakok kə pe
 3-erg 1-DAT 3-falar pátio LOC
 ‘ele conversou comigo no pátio’

As considerações sobre esses verbos aqui tratados como intransitivos com ‘objeto indireto’ representam uma primeira abordagem do problema, o qual, por sua complexidade, precisa de um estudo mais aprofundado.

3.3.2.2 Verbos transitivos

3.3.2.2.1 Verbos transitivos bivalentes

Os verbos transitivos bivalentes apresentam dois argumentos básicos: ‘sujeito’ e ‘objeto direto’.

- (401) vəj tə rɔp kr̩ katʃwir
 velha ERG cachorro cabeça machucar
 ‘a velha machucou a cabeça do cachorro’

3.3.2.2.2 Verbos transitivos trivalentes

Os verbos transitivos trivalentes apresentam três argumentos básicos: ‘sujeito’, ‘objeto direto’ e ‘objeto indireto’.

- (402) i-te ramã pedro mã məkəj-n-õr
1-ERG ASP Pedro DAT mocó PR-dar
'eu dei o mocó para o Pedro'

3.3.2.2.3 Verbos transitivos com 'sujeito' experienciador

Os verbos transitivos com 'sujeito' experienciador apresentam dois argumentos básicos: 'sujeito' no dativo e 'objeto direto'. Foram poucos os verbos desse subtipo de verbos transitivos encontrados na língua.

- (403) a?krajre mã rɔp pa
criança DAT cachorro sentir.medo
'a criança está com medo do cachorro'
- (404) pe ku-mã a-kĩn
PD 3-DAT 2-sentir.alegria
'ele gostou de você' (há um tempinho atrás)
- (405) wa ha i-mã i-kra pəm
1 IRR 1-DAT 1-filho cair
'eu vou dar à luz'

3.3.2.3 Operadores

Em Apāniekrá, operadores³ expressam noções aspectuais, ('uma vez', 'tudo' 'ser.muito', 'ser.pouco' etc) e polaridade. Sintaticamente, ocupam a posição final da oração, ou seja, imediatamente depois do verbo principal.

- (406) apẽ?nã ka ha a-mõr pitset
amanhã 2 IRR 2-ir.NF um
'amanhã você vai andar uma vez'
- (407) i-ŋkrer j-ε?to
1-cantar.NF PR-ser.muito
'eu cantei muito'
- (408) ku mẽ pa-jn-õt ŋkrire
1incl PL 1incl-PR-dormir.NF ser.pouco
'nós vamos dormir pouco'

³ Definição para operador: 'TAM morphemes arise almost universally from modal-aspectual main verbs that grammaticalize – become 'operators' on – and eventually cliticize to their complement – 'operand' – verbs' (Givón, 2001).

- (409) ku ha mẽ pa?̄-ŋkre nẽ mẽ pa-j-ʒpən nare
 1incl IRR PL 1incl-três NEG PL 1incl-PR-comer NEG
 ‘nós três não vamos comer’

Alguns desses operadores, os representados pelos verbos intransitivos não-ativos, ocorrem também como verbos principais. Neste caso, eles ocupam o núcleo do predicado:

- (410) apən-je?̄kra j-ʒ?̄to
 Apāniekrá PR-ser.muito
 ‘os Apāniekrá são muitos’

- (411) i?-ŋkwən ŋkrirə
 3-pena ser.pequeno
 ‘a pena é pequena’

- (412) a?-kakrã inarə
 nuvem NEG
 ‘não tem nuvem’

3.3.3 Caracterização morfológica

A principal característica morfológica apresentada exclusivamente pelos verbos ativos é a oposição das formas finita e não-finita. Não há morfemas de tempo, aspecto e modo afixados no verbo (ver sistema TAM mais adiante). No entanto, uma regra morfofonológica modifica o final do radical da maioria dos verbos ativos (transitivos e intransitivos) que expressam tempo passado simples. Os verbos ativos terminados em vogal (na forma finita) recebem uma consoante (m, n, p, r, t, j, k) marcada lexicalmente (a forma resultante é derivada da forma não-finita (para maiores detalhes sobre a etimologia dessas formas ver capítulo 6)).

- | | |
|--------------|--------------|
| (413) wa wri | (414) i-wrik |
| 1 descer | 1-descer(NF) |
| ‘eu desço’ | ‘eu desci’ |
-
- | | |
|--------------|---------------------------|
| (415) wa ŋɔr | (416) i-ŋ-ɔt ⁴ |
| 1 dormir | 1-PR-dormir(NF) |
| ‘eu durmo’ | ‘eu dormi’ |

Com relação à concordância verbal, apenas o ‘sujeito’ intransitivo e o ‘objeto direto’, quando não nominais, são expressos por pronominais absolutivos prefixados ao verbo não-finito.

A outra característica da morfologia dos verbos, compartilhada igualmente com os nomes (como já mencionado anteriormente) é o prefixo relacional. Nos sintagmas verbais,

⁴ *ŋɔr* e *jɔt* são formas supletivas do verbo ‘dormir’.

cujos núcleos (o próprio verbo) são iniciados por vogal, há ocorrência de **j-** (antes de vogal oral) ~ **ŋ-** (antes de vogal nasal) e **tʃ-** prefixados ao verbo. Sua distribuição é lexicalmente condicionada.

- (417) waha ku-tʃ-o
 1 IRR 3-PR-pendurar
 ‘eu vou pendurá-lo (o animal caçado)’
- (418) i-tõ te i-mã tẽ p-ɔr
 1-irmão ERG 1-DAT peixe PR-dar(NF)
 ‘meu irmão deu peixe para mim’

Ainda é preciso investigar em Apāniekrá se os prefixos relacionais não tem também uma relação forte com a fonologia dos itens lexicais onde ocorrem. Nesses casos, os prefixos parecem ocorrer condicionados morfofonologicamente (seriam elementos morfológicos que ocorrem apenas se a estrutura silábica exigir, ou seja, diante de radicais iniciados por vogais (ou derivados de vogais (cf. 421-423))):

apə e jəpən ‘comer (INTR)’

- (419) wa ha apə
 1 IRR comer
 ‘eu vou comer’
- (420) i-j-əpən
 1-PR-comer
 ‘eu comi’

tʃwa, tʃwər e wər ‘banhar’

- (421) wa ha tʃ-wa
 1 IRR PR-banhar
 ‘eu vou banhar’
- (422) i-tʃ-wər
 1-PR-banhar(NF)
 ‘eu banhei’
- (423) ø wər
 3-banhar(NF)
 ‘ele banhou’

Segundo essa hipótese alguns verbos, como ‘dar’, ‘sentar’, ‘guardar’, ‘pendurar’, segmentando o prefixo relacional, teriam seus radicais resumidos a, respectivamente, -ɔ, -i, -i, -o. Numa perspectiva histórica, o Timbira oferece evidências para considerar o prefixo relacional como etimologicamente parte do prefixo pronominal (*ij- > i- (foneticamente [i:]) 1p, *aj- > a- (foneticamente [a:]) 2p), o qual teria sido reanalisado como parte do

radical verbal ou nominal. Essa hipótese será retomada e desenvolvida em trabalhos posteriores.

Outra hipótese seria considerar o prefixo relacional como parte da morfologia da forma não-finita do verbo. Além da regra morfológica que ocorre no final do radical (a inserção de uma consoante definida lexicalmente), haveria também uma modificação no início do radical. Essa modificação pode ser vista nos verbos intransitivos ativos, cujo ‘sujeito’ não apresenta concordância no verbo nas sentenças que não expressam passado simples. No passado simples, o ‘sujeito’ intransitivo ativo é expresso por um prefixo no verbo (exemplos (420) e (422)).

Essa talvez não seja a melhor hipótese, uma vez que os prefixos relacionais teriam explicações diferentes dependendo do item lexical (se verbo ou nome). O exemplo (417) também seria mais um argumento para descartar essa segunda hipótese. Ao contrário, a primeira hipótese, de os prefixos serem investigados na relação léxico / fonologia, é mais abrangente.

Dentre as operações morfológicas no verbo destacam-se a mudança de voz (reflexiva, recíproca e média), o mecanismo de causativização dos intransitivos e o de detransitivização dos transitivos.

3.3.3.1 Tempo, aspecto e modo

Comrie (1985) considera que as expressões para localizar um evento no tempo^{5,6} podem ser divididas em três classes:

- expressões lexicalmente compostas (potencialmente infinitas): ‘cinco minutos depois’, ‘daqui duas horas’, etc;
- itens lexicais: agora, hoje, amanhã;
- categorias gramaticais: expressões gramaticalizadas de localização no tempo (presente, passado, futuro).

O tempo absoluto (*default*, por oposição ao tempo relativo) é usado para referir-se ao tempo que considera o momento presente (que tem uma função principal na definição dos sistemas de tempo nas línguas do mundo) como seu centro dêitico⁷.

O Timbira Apâniekrá pareceu primeiramente apresentar uma cisão binária no seu sistema de tempo, com oposição futuro / não futuro (esta última, por sua vez, com uma subdivisão presente / passado). Com o futuro sendo considerado uma categoria da sentença toda, e não apenas do verbo. A partícula **ha**, que ocorre em segunda posição, sempre segue o ‘sujeito’ expresso por um pronome independente.

- (424) ke ha hūmr̡e kw̡r̡ pi
 3 FUT homem mandioca pegar
 ‘o homem vai pegar mandioca’

⁵ Essa mesma classificação é possível para outras oposições nacionais, tais como aspecto ou número.

⁶ É freqüente a localização no tempo derivar etimologicamente de expressões espaciais.

⁷ Um sistema que relaciona entidades a um ponto de referência é chamado sistema dêitico. Nesse sentido, o tempo, mas não o aspecto, é dêitico. A situação de fala, um ponto simples no tempo, é o centro dêitico.

- (425) ka ha i?-kura
2 FUT 3-matar
'você vai matá-lo'
- (426) wa ha tẽ
1 FUT viajar
'eu vou viajar'
- (427) ku ha pa?-kakro
1incl FUT 1incl-quente
'nós vamos ficar com febre'

No entanto, a distinção entre futuro, por um lado, e passado e presente por outro, é melhor analisada nos termos de uma diferença de modo ao invés de tempo. A partícula **ha** tem mais um uso modal (*realis* vs. *irrealis*) que não requer referência ao tempo futuro:

- (428) ke aw-pa nã mã ke ha i?-tẽj ñkre
3 DTR-ouvir SUB DS 3 IRR 3-forte cantar
'ele; ouviria se ele; cantasse'
- (429) ke ha ku-tfz nã mã ke ha ramã rɔp kura
3 IRR 3-morder SUB DS 3 IRR ASP cachorro matar
'ele o; mataria se o cachorro; o mordesse'

Nesse sentido, a interpretação da localização no tempo (no caso, o futuro) seria uma implicatura da distância modal do Timbira Apāniekrá, mas não parte do significado dessas oposições.

Outra evidência a favor da distinção de modo (*realis* vs. *irrealis*) é o uso do tempo presente para indicar referência ao tempo futuro imediato:

- (430) wa ma mõ
1 DIR ir
'eu vou embora'
- (431) ku pa-pjakrut ma tẽ
1incl 1incl-dois DIR ir
'nós dois vamos viajar'

Se a oposição futuro / não futuro pode ser analisada como uma oposição na categoria de modo (*realis* vs. *irrealis*), pode-se dizer então que o Apāniekrá apresenta também uma cisão binária em seu sistema de tempo, com a oposição passado vívido / não-passado vívido (passado afastado e recente). Os critérios usados para determinar o status dessa oposição são as alterações morfológicas no verbo e a distribuição dos pronomes em posição de 'sujeito'.

O tempo passado vívido, como o próprio nome já diz, descreve uma situação que se realizou antes do momento da fala e que ainda é recente na perspectiva do falante. A oposição distante / vívido⁸ representa, assim, um contraste aspectual mais fino na codificação do passado.

- (432) h-əpən
3-comer (passado vívido)
'ele comeu (há pouco tempo)'
- (433) pe Ø apz
PD 3-comer
'ele comeu (quando era pequeno)'
- (434) rop te i-tʃar
cachorroERG 1-morder (passado vívido)
'o cachorro me mordeu (há pouco tempo)'
- (435) pe rop i-tʃa
PD cachorro 1-morder
'o cachorro me mordeu (quando eu era pequena)'

Não existe uma fronteira evidente para definir o que é um evento mais recente ou um menos recente. A explicação dos falantes é de que o passado distante é usado para expressar situações que ocorreram há mais tempo, e não necessariamente há muito tempo, embora ele possa também ser usado nessas situações. Nesse sentido, o termo 'distante' não define bem esse contraste aspectual de proximidade que existe nas construções que denotam passado perfectivo. Por isso, a oposição 'mais ou menos próximo' parece mais bem descrita pelos termos 'passado vívido' vs 'passado afastado', lembrando que o que vai definir o uso de um passado ou outro é a perspectiva do falante. No entanto, usarei a denominação 'passado simples' para referir-me as construções que expressam passado vívido e 'passado distante' para o passado afastado.

O tempo poderia ser considerado uma categoria do verbo, uma vez que a língua não utiliza partículas sentenciais como marcadores do passado simples, mas que ele é indicado pela morfologia verbal. No entanto, essa hipótese não se confirma uma vez que não pode ser estendida às construções que expressam o tempo presente e o futuro.

O tempo passado simples não ocorre marcado (por meio da oposição na forma verbal (finita vs não-finita)) nos predicados nominais e nas sentenças com verbos intransitivos não-ativos. Já o modo irrealis só ocorre marcado nos predicados verbais.

⁸ Considerada por Givón (2001) como um dos três contrastes aspectuais (perfectividade: perfectivo vs imperfectivo; seqüencialidade ou relevância: perfectivo vs. perfecto; proximidade: distante vs. vívido).

3.3.3.2 Vozes do verbo

Além das construções com verbo transitivo na voz ativa em Apāniekrá, tais verbos podem ocorrer em construções na voz reflexiva, recíproca e média. Suas características são apresentadas a seguir.

3.3.3.2.1 Reflexiva

A definição semântica dada por Givón (2001) para os reflexivos considera que o sujeito e objeto de um evento ou estado, considerado em suas funções semânticas, são co-referentes. Ou seja, o sujeito age (*acts upon*) sobre si mesmo.

A reflexivização do objeto direto em Apāniekrá pode ser visto a seguir, com as sentenças transitivas ativas em (436), (438) e (440), com sujeito⁹ e objeto não co-referentes, contrastando com suas equivalentes reflexivas ((437), (439), (441)), onde o objeto direto é representado pelo pronome reflexivo amjí:

- (436) hūmrε te karz pupun
homem ERG veado ver
'o homem viu o veado'
- (437) hūmrε te amjí pupun
homem ERG RFL ver
'o homem se viu'
- (438) hūmrε te karz kuran
homem ERG veado matar
'o homem matou veado'
- (439) hūmrε te amjí kuran
homem ERG RFL matar
'o homem se matou'
- (440) kahāj te pī?ti j-akep
mulher ERG madeira PR-cortar
'a mulher cortou madeira'
- (441) kahāj te amjí j-akep
mulher ERG RFL PR-cortar
'a mulher se cortou'

⁹ O controle nos reflexivos parece ser universal e está relacionado à categoria universal de sujeito – a função que controla semanticamente a atividade é também o controlador gramatical numa construção reflexiva (Dixon, 1994).

Embora semanticamente menos transitiva¹⁰, a morfossintaxe verbal da sentença reflexiva ainda é transitiva, com o sujeito marcado pelo caso ergativo no passado simples.

As outras construções reflexivas ocorrem com o sujeito sendo o possuidor do objeto (direto ou indireto). São as chamadas reflexivas possessivas:

- (442) kahāj tε iʔ-kra pupun
mulher ERG 3-filho ver
'a mulher viu seu filho (de outra pessoa)'
- (443) kahāj tε amjī kra pupun
mulher ERG RFL filho ver
'a mulher viu seu (próprio) filho'
- (444) alice tε h-ɔ̄ ata pír
Alice ERG 3-comida DEM pegar
'Alice pegou aquela comida (de outra pessoa)'
- (445) alice tε amjī jn-ɔ̄ pír
Alice ERG RFL PR-comida pegar
'Alice pegou sua (própria) comida'
- (446) i-tε amjī tε kwīn
1-ERG RFL perna quebrar
'eu quebrei a minha perna'

Há também as reflexivas benefactivas, com o beneficiário sendo igual ao sujeito (447) ou igual ao termo possuído do sujeito (448):

- (447) i-tε amjī mā kupɛʔk3 j-apror
1-ERG RFL DAT pano PR-levar
'eu comprei pano pra mim'
- (448) ku-tε amjī prɔ̄ mā kupɛʔk3 tɔ= tɛm
3-ERG RFL esposa DAT pano CAUS= ir
'ele levou pano para sua mulher'

Uma outra construção reflexiva do tipo das benefactivas que incluem o sujeito também foi encontrada (com o reflexivo katsuj). O interessante nessas construções é que a forma não-marcada parece ser a com o beneficiário no final da sentença (ao contrário, portanto, do verbo em posição final):

¹⁰ Um evento transitivo protótipo apresenta os seguintes aspectos: agente (responsável pelo evento), paciente (que registra a mudança de estado do evento) e verbo (que codifica um evento télico, perfectivo, seqüencial e realis) (Givón, 2001).

- (449) i-te h-apror mẽ pa?-kunea katsuj
1-ERG 3-levar PL 1incl-todos RFL
'eu comprei (pano) pra nós todos'
- (450) i-te kupẽ?k3 j-apror pa-pjakrut katsuj ou
1-ERG pano PR-levar 1incl-dois RFL

i-te pa-pjakrut katsuj kupẽ?k3 j-apror
1-ERG 1incl-dois RFL pano PR-levar
'eu comprei pano pra nós dois'

3.3.3.2.2 Recíproca

Dois eventos, com o sujeito do primeiro sendo objeto do segundo (um age sobre o outro) e vice-versa. O objeto direto é representado pelo pronome recíproco ajpen. Os exemplos abaixo mostram construções com recíprocos e não-recíprocos:

REFLEXIVA

- (451) mẽ= pa?-te amjĩ pupun
PL= 1incl-ERG RFL ver
'nós nos vimos (eu me vi e você se viu)'

RECÍPROCA

- (452) mẽ= pa?-te ajpen pupun
PL= 1incl-ERG RCP ver
'nós nos vimos (eu vi você e você me viu)'

ATIVA

- (453) ku-te i-hok
3-ERG 1-pintar
'ela me pintou'

RECÍPROCA

- (454) ramã mẽ= ku-te =mẽ ajpen hok
ASP PL= 3-ERG =PL RCP pintar
'elas já se pintaram (uma pintou a outra)'

3.3.3.2.3 Voz média

As construções prototípicamente transitivas têm sua valência reduzida pelo morfema **pi-** (voz média) prefixado ao verbo. O agente (o 'sujeito' na oração transitiva) não é expresso na oração intransitiva derivada e o paciente (o 'objeto' na transitiva) é então promovido a 'sujeito' (intransitivo não-ativo).

Semanticamente, o verbo derivado denota um evento não-agentivo. O agente é defocalizado semanticamente e não apenas pragmaticamente (como na passiva) (Givón, 2001).

- (455) i-te karaw ka?hek
1-ERG garrafa quebrar
'eu quebrei a garrafa'
- (456) karaw pi-ka?hek
garrafa MD-quebrar
'a garrafa quebrou'
- (457) a-te kən kapon
2-ERG pedra partir
'você partiu a pedra'
- (458) kən pi-kapon
pedra MD-partir
'a pedra partiu'
- (459) ku-te kruw kwīn
3-ERG flecha quebrar
'ele quebrou a flecha'
- (460) kruw pi-kwīn
flecha MD-quebrar
'a flecha quebrou'
- (461) rɔp ko j-atʃwər
cachorro água PR-derramar
'o cachorro derramou a água'
- (462) ko pi-j-atʃwər
água MD-PR-derramar
'a água derramou'

No entanto, alguns verbos podem ocorrer sem o prefixo **pi-** de redução de valência:

- (463) rɔp tə bɔr katʃwər
cachorro ERG bola furar
'o cachorro furou a bola'
- (464) bɔr katʃwər
bola furar
'a bola furou'

- (465) hōtse j-ipon
rede rasgar
'a rede rasgou'

3.3.3.3 Morfologia causativizadora e detransitivizadora

Em Timbira Apāniekrá, o mecanismo de causativização dos intransitivos (ativos e não-ativos) se faz via causativo morfológico. Já o mecanismo de detransitivização dos transitivos se faz via uso do prefixo **aw-** no verbo (indicando 'objeto' genérico).

3.3.3.3.1 Causativo morfológico

Comrie (1976) considera que, nas construções causativas, determinado verbo causativo terá um argumento a mais que o seu verbo correspondente não-causativo, pela adição de um sintagma nominal expressando a pessoa ou a coisa que ocasiona aquela ação. São várias as estratégias que a sintaxe das línguas utilizam para acomodar esse SN extra.

Ainda segundo esse autor, a estrutura dessas construções causativas consiste de uma sentença matriz e uma sentença encaixada (causativo analítico) ou de uma construção onde o verbo causativo e o encaixado são co-lexicalizados em uma estrutura derivada, morfológicamente complexa, mas sintaticamente um verbo simples (causativo morfológico). No entanto, em muitas línguas (tais como o francês), o causativo analítico também opera como uma construção verbal co-lexicalizada em diferentes graus.

Neste trabalho, como orações causativas, estou considerando as construções na língua Apāniekrá que fazem uso do clílico *tɔ=* (causativizador, provavelmente derivado do verbo 'fazer', cuja forma também é *tɔ*) para derivar verbos transitivos de intransitivos. As construções causativas de transitivos, por constituirão orações complexas (com o verbo *tɔ* 'fazer' na oração matriz), serão analisadas juntamente com as orações com verbo de manipulação da língua (cf. cap.5).

A estratégia de causativização na língua independe da natureza semântica do verbo intransitivo, muito embora haja algumas pequenas diferenças se for o verbo ativo ou não-ativo, como se verá a seguir.

3.3.3.3.1.1 Causativização de verbos intransitivos não-ativos

Os predicados intransitivos não-ativos podem ser acrescidos de uma posição argumental para expressar o 'sujeito' agente (o *causer*). A construção causativizada derivada apresenta o causativizador *tɔ=* cliticizado ao verbo intransitivo.

- (466) ko kakrɔ
água estar.quente
'a água está quente'

- (467) a-te ko tɔ= i?-kakrɔ
2-ERG água CAUS= 3-estar.quente
'você esquentou a água'

- (468) hĩ tʃ-ʒr
carne PR-estar.cozida
'a carne cozinhou'

- (469) a-te hĩ tɔ= h-ʒr
2-ERG carne CAUS= 3-estar.cozida
'você cozinhou a carne'

É possível verificar que há uma variação na forma do verbo 'cozinhar'. Isso pode ser explicado por um fenômeno muito produtivo na língua, que indica se o elemento dependente ocorre imediatamente adjacente a seu núcleo¹¹. Assim, a ocorrência do prefixo i?- / h- no verbo mostra que o seu complemento (o 'objeto' na oração derivada) não está lá:

- (470) ku ha pap tɔ= i?-mpej
1incl IRR jirau CAUS= 3-estar.bom
'nós vamos consertar o jirau'

- (471) i-te ko tɔ= h-akri
1-ERG água CAUS= 3-estar.frio
'eu esfriei a água'

No Apinajé (Oliveira, 2003), a ocorrência do prefixo *j-* parece mostrar que o verbo incorpora o causativo:

- (472) jakri 'be cold'
(473) o=j-akri 'cool'

Na língua Timbira falada pelos Krikatí, a incorporação parece ser do 'objeto' nominal:

- (474) ej-te to= ku- kakro
1-ERG CAUS= água- estar.quente
'eu esquentei a água'

- (475) ej-te to= ku- j- akrə
1-ERG CAUS= água- PR- estar.frio
'eu esfriei a água'

¹¹ São os prefixos relacionais, índices da relação de contigüidade entre dependentes e núcleo.

No Kríkatí, quando este nominal é deslocado, o sentido da oração muda:

- (476) ej-te ku to e?-kakro
1-ERG água INS 3-estar.quente
'eu esquentei alguma coisa dentro da água'
- (477) ej-te ku to h-akrə
1-ERG água INS 3-estar.frio
'eu esfriei alguma coisa na água'

Os informantes Apāniekrá, quando perguntados sobre as construções causativas com 'objeto' incorporado, dizem que também estão corretas. Contudo, observando o uso dessas construções na fala cotidiana, elas ocorrem mais fortemente sem incorporação. Nos dados elicitados também sempre ocorre o 'objeto' nominal não-incorporado.

3.3.3.3.1.2 Causativização de verbos intransitivos ativos

Os verbos intransitivos ativos, quando acrescidos de um argumento paciente, a princípio parecem assumir a estrutura dos intransitivos com 'objeto indireto' (ver 4.3.1.1.4):

- (478) a-kõn
2-beber
'você bebeu'
- (479) rɔp kõn
cachorro beber
'o cachorro bebeu'
- (480) (ka) ko to a-kõn
2 água POSP 2-beber
'você bebeu água'
- (481) ko to rɔp kõn
água POSP cachorro beber
'o cachorro bebeu água'

Da mesma forma que os intransitivos com 'OI' no passado simples, o 'sujeito' do verbo *kõn* ocorre muitas vezes prefixado à posposição que marca o caso ergativo:

- (482) a-te ko to a-kõn
2-ERG água POSP 2-beber
'você bebeu água'

- (483) r̩p te ko t̩ i?̄-k̩n
cachorro ERG água POSP 3-beber
'o cachorro bebeu água'

Ou seja, tanto a estratégia de causativização dos verbos intransitivos ativos no passado simples, assim como os verbos intransitivos com 'OI', precisam de um estudo mais aprofundado. No entanto, observando a ocorrência desse verbo em outras construções que não no tempo passado simples, nota-se que um verbo como *k̩n* se diferencia dos verbos da classe dos intransitivos com 'OI' e se aproxima dos verbos intransitivos não-ativos em sua estratégia de causativização:

- (484) ka ha ko t̩o= ik̩
2 IRR água CAUS= beber
'você vai beber água'

- (485) ka apu ko t̩o= ik̩
2 PRG água CAUS= beber
'você está tomando água'

Com exceção do verbo 'beber' que, quando na estrutura derivada, apresenta concordância com 1ª pessoa gramaticalizada¹² (*i-k̩*), os verbos nessas construções têm o 'sujeito' (agente) deslocado para o início da sentença sem deixar marca de concordância no verbo:

- (486) wa ha ma a-t̩o= t̩ carorin w̩r
1 IRR DIR 2-CAUS= ir CarolinaDIR
'eu vou levar você pra Carolina'

- (487) ka ha mprar-t̩ʒ t̩o= t̩
2 IRR andar-NMZ CAUS= ir
'você vai dirigir o carro'

- (488) a-t̩m-t̩ʒ k̩m waha a-t̩o= apak
2-ir-NMZ LOC 1 IRR 2-CAUS= lembrar
'quando você for embora, eu vou sentir saudades suas'

Comparando as construções causativas no tempo passado simples com esses últimos exemplos, é possível explicar a assimetria na marca de concordância do 'sujeito' no verbo. No passado simples, o sistema de marcação de caso que opera na língua é o ergativo-absolutivo, em que o verbo ocorre em sua forma não-finita e o 'sujeito' intransitivo pronominal é expresso por um prefixo. Dessa forma, mesmo que o 'sujeito' da

¹² Em Apinajé também, *itk̩* 'beber (intransitivo)' e *t-o=itk̩* 'beber (transitivo)', sendo que o prefixo *it-* na língua marca 1ª pessoa.

oração transitiva derivada seja deslocado para o início da oração, o verbo continua marcado pelo prefixo co-referente ao ‘sujeito’ ergativo.

Numa perspectiva contrastiva, essa estrutura do verbo causativo do Apāniekrá é a mesma das construções do Apinajé com um nome causativizado (nessa língua, segundo Oliveira (2003), verbos intransitivos (ativos e descritivos) e nomes podem ser causativizados): ‘sujeito’ expresso por prefixo pronominal no verbo (o mesmo prefixo que ocorre nos nomes indicando o possuidor) co-referente ao ‘sujeito’ ergativo (quando este ocorre):

- (489) pa na pa pre a=t-ɔ iŋ-bjeŋ
1 RLS 1 PAS 2=PR-do/INS 1-husband
'I [fem.] have married you [msc.]'
(Lit.: 'I've "husbanded" with you / made you my husband')

em que o possuidor do nome inalienável ‘marido’ é co-referente ao ‘sujeito’.¹³

Nas causativas negativas, a co-referência com o ‘sujeito’ também ocorre por meio de prefixo pronominal no verbo, independentemente do tempo passado simples:

- (490) a-tēm-tʃʒ kãm wa nẽ a-to= i-j-apak nare
2-ir-NMZ LOC DS NEG 2-CAUS= 1-PR-lembrar.NFNEG
'quando você for embora, eu não vou sentir saudades suas'
- (491) wa ha nẽ mprar-tʃʒ to= i-tēm nare
1 IRR NEG andar-NMZ CAUS= 1-ir.NF NEG
'eu não vou dirigir o carro'

Interessante observar que essas sentenças do Apāniekrá (no tempo passado e na negação) apresentam uma estrutura semelhante às construções derivadas de nomes causativizados do Apinajé. Assim, a marca de pessoa nos verbos causativizados do Apāniekrá pode estar codificando não o ‘sujeito’, mas o possuidor (etimologicamente o paciente?, como nos não-ativos), o qual é co-referente ao ‘sujeito’.

Ao contrário, nas sentenças que não ocorrem no tempo passado e nas que não apresentam operadores para expressar as categorias TAM, a estrutura das construções causativas é bastante diferente (ou seja, verbos sem concordância com o ‘sujeito’).

¹³ A autora ainda observa que o morfema -ɔ é ambíguo nas construções com nomes causativizados: pode ser interpretado como núcleo de um sintagma posposicional instrumental (o marcador instrumental em Apinajé é também (t)ɔ) ou como parte de uma construção causativa (derivado do verbo ɔ ‘fazer’). Essa seria uma análise plausível também para o Apāniekrá, uma vez que a posposição que marca o instrumental e o verbo ‘fazer’são igualmente to, mas que ainda precisa ser investigada:

a- tɛ ko to a-kõn
2- ERG água INS/fazer 2-beber.NF
'você bebeu água' (Lit.: 'você bebeu com água', 'você fez a água sua bebida' ou 'você matou sua sede com água').

3.3.3.3.2 Detransitivizador

Alguns verbos transitivos em Apāniekrá podem ter sua valência reduzida pela ocorrência do morfema aw- (intransitivizador) prefixado ao verbo.

A interpretação desses verbos quando esse prefixo ocorre é de um ‘objeto’ com significado genérico. Já o ‘sujeito’ semanticamente é sempre agente.

- (492) ke ha mē aw-jahē
3 IRR PL DTR-caçar
'eles vão caçar'

- (493) a?krajrē ata apu aw-pa
menino DEM PRG DTR-ouvir (prestando atenção)
'aquele menino está ouvindo'

A alomorfia desse prefixo ainda não está clara, uma vez que ele pode ocorrer como: aw-, 3w, a-, -u-.

- (494) i-j-3w-mrō
1-PR-DTR-cozinhar
'eu cozinhei'

- (495) i-mā i-j-a-krē kīn
1-DAT 1-PR-DTR-plantar gostar
'eu gosto de plantar'

- (496) i-j-u-j-akor
1-PR-DTR-PR-soltar.fumaça
'eu fumei'

Historicamente, o morfema a(w)- pode estar relacionado com o prefixo que ocorre diante de alguns nomes, cujo significado resultante pode ser traduzido como ‘qualquer’: a-mpo-tʃo (GNR-coisa-doce) ‘fruta’, a?-tu ‘capim (genérico)’, a?-ket ‘mato (genérico)’, aw-kapət ‘noite’ etc.

3.3.3.4 Morfologia derivacional

Verbos podem ser derivados de outras raízes verbais. Os padrões derivacionais incluem verbos ou clíticos (etimologicamente também verbos) prefixados a uma raiz verbal. Os padrões encontrados foram: tɔ= causativizador (já apresentado anteriormente), =ket negativo e =pej positivo.

- (497) tɔ= i-j-apak =ket
CAUS= 1-PR-lembrar =NEGT
'eu esqueci (algo)'

- (498) i-mã h-a?krε =pej
1-DAT 3-saber =POST
'eu sei'

3.4 Advérbios

Advérbios de lugar e de tempo na língua são palavras compostas por um dêitico seguido por uma posposição.

O dêitico que indica lugar é composto pelo morfema demonstrativo **ta**, antecedido por um morfema de 1^a ou 2^a pessoa, e seguido pela posposição locativa **ri**:

- (499) i-ta ri
1-DEM LOC
'aqui, neste lugar'

- (500) a-ta ri
2-DEM LOC
'lá, naquele lugar'

Esses advérbios apresentam duas formas em variação: ita ri ou itar ('aqui') e ata ri ou atar ('lá').

Os dêiticos que indicam tempo são vários, enquanto que as posposições que os seguem são ou a locativa **kãm** ou uma ainda sem definição **nã**:

- (501) i?-nõ kãm
3-IND LOC
'ontem'

- (502) apẽ nã
dia POSP
'amanhã'

- (503) i-ta kãm
1-DEM LOC
'hoje'

- (504) amkro kãm
dia LOC
'de manhã'

- (505) irərə nã
'cedo'

Futuramente, será realizado um levantamento dos diversos tipos de advérbios, verificando seu posicionamento, efeitos de escopo etc.

3.5 Pronomes

Pronomes são palavras usadas como substituto de um nome ou de um SN. Vários tipos de pronomes podem ser distinguidos em Apāniekrá: pessoal, reflexivo, recíproco, demonstrativo, indefinido.

3.5.1 Pronomes pessoais

Pronomes pessoais são palavras usadas para se referir ao falante, à pessoa com quem se fala e a outras pessoas e coisas cujos referentes são identificáveis pelo contexto.

O Apāniekrá distingue três subclasses de pronomes pessoais: enfáticos, livres e prefixos.

3.5.1.1 Pronomes pessoais enfáticos

Esses pronomes pessoais só são usados para humanos, nas construções com valor enfático. Ocorrem mais freqüentemente no início da sentença, funcionando como tópico ou foco contrastivo. Podem também ser coordenados e aparecer sozinhos em respostas.

São os únicos pronomes pessoais com acento próprio.

1singular	pa	'eu'
1dual	pa-pjakrut	'nós dois'
1trial	paʔ-ŋkre	'nós três'
1plural	mẽ= pa	'nós (inclusivo)'
2singular	ka	'você'
2dual	ajwar	'vocês dois'
2plural	mẽ= ka	'vocês'
3singular	ta	'ele, ela'
3plural	mẽ= ta	'eles, elas'

- (506) pa wa ma mõ
 1 1 DIR ir
 'eu é que vou'

- (507) jūm te mā ita tōn ?
 alguém ERG INTG DEM fazer
 'quem fez isso?'

- pa nẽ ta
 1 CONJ 3
 'eu e ele'

- (508) pa wa i-te ri ø kakwín
 1enf 1 1-ERG CLV 3-bater
 ‘eu que bati nele (e não outro)’
 lit.: ‘eu, eu bati nele’

- (509) pa mā i-kakrō
 1 TOP 1-estar.quente
 ‘eu estou com febre’

As formas *ajwar* (2dual) ‘vocês dois’, *pa-pjakrut* (1-dual) ‘nós dois’ e *pa?-ŋkre* (1-trial) ‘nós três’ podem ocupar determinadas posições sintáticas (as mesmas que um SN nominal) enquanto que todos os outros pronomes enfáticos não:

- (510) pa?-ŋkre tʃ-wər
 1incl-três PR-banhar
 ‘nós três banhamos’

- (511) hūmrε tʃ-wər
 homem PR-banhar
 ‘o homem banhou’

- (512) *pa tʃ-wər mas pa i-tʃ-wər
 1enf PR-banhar 1enf 1-PR-banhar
 ‘eu banhei’

Mesmo assim, *ajwar*, *papkakrut* e *paŋkre* serão neste trabalho considerados pronomes enfáticos de maneira preliminar, até que um estudo mais aprofundado seja realizado.

3.5.1.2 Pronomes pessoais livres

Os pronomes livres ocorrem apenas como ‘sujeito’ de verbos transitivos e intransitivos, nunca como ‘objeto’.

1 inclusivo dual	ku
1 inclusivo plural	ku =m̩
1 singular	wa
1 exclusivo plural	wa =m̩
2 singular	ka
2 plural	ka =m̩
3 singular	ke / ø
3 plural	ke =m̩ / ø m̩

Esses pronomes podem ser deslocados à esquerda, quando há informação nova. Algumas vezes podem ocorrer como co-referentes ao ‘sujeito’ (de 1^a ou 2^a pessoa), quando estes são expressos por pronomes dependentes no passado simples.

forma não-marcada

- (513) pur wər ka =m̩ m̩
 roça DIR 2 =PL ir
 ‘vocês vão para a roça’

deslocamento à esquerda

- (514) ka =m̩ pur wər m̩
 2 =PL roça DIR ir
 ‘vocês vão para a roça’

- (515) wa i-te =m̩ h̩ tʃet
 1 1-ERG =PL carne assar
 ‘nós assamos carne’

A série dos pronomes livres não pode aparecer sozinha no enunciado e não tem restrição sobre o referente. No entanto, quando o ‘sujeito’ é de 3^a pessoa, há uma variação *ø* / *ke*:

- (516) *ø* wr̩
 3-descer
 ‘ele desceu’ (quando sabemos quem é o ‘ele’)

- (517) *ke* wr̩
 3 descer
 ‘ele desceu’ (quando não sabemos quem é)

A marca de plural do ‘sujeito’ (=m̩) ocorre cliticizada ao pronome ou à partícula de modo *irrealis* (que por sua vez é uma partícula de segunda posição):

- (518) *ke* ha =m̩ pipipre kr̩
 3 IRR =PL banana comer
 ‘vocês vão comer banana’

3.5.1.3 Pronomes pessoais prefixos

Esses pronomes pessoais ocorrem em Apâniekrá prefixados a um núcleo lexical (Nome, Verbo, Posposição), isto é, como possessivos ou ‘sujeito’ de predicado nominal, como ‘sujeito’ de verbos no passado simples, como ‘objeto’ de verbos transitivos e como objeto de posposições.

1 inclusivo dual	pa(?)-
1 inclusivo plural	mẽ= pa(?)-
1 singular	i-
1 exclusivo plural	mẽ= i-
2 singular	a-
2 plural	mẽ= a-
3 singular	i(?)- / h- / ku- / ø
3 plural	mẽ= i(?)- / mẽ= h- / mẽ= ku- / mẽ= ø

- (519) i-kahãj
1-mulher
'eu sou mulher'

- (520) i-kra
1-filho
'meu filho'

- (521) mẽ= a-poj
PL= 2-chegar
'vocês chegaram'

- (522) kahãj te ku-mã ko j-akje
mulher ERG 3-DAT água PR-buscar
'a mulher buscou água para ele'

O prefixo **a-j-** (2-PR) varia com o prefixo *portmanteau* **ŋ-**, como em:

- (523) a-j-apak ou ŋ-apak
2-PR-orelha (2+PR)-orelha
'tua orelha'

Os prefixos de 3ª pessoa i(?)- / h- / ø são freqüentemente usados para identificar um possuidor genérico:

- (524) ø kapro
3PG-sangue
'sangue' (de qualquer um)

- (525) i?-pro
3PG-cinzas
'cinzas' (de qualquer coisa)

- (526) h-ur
3PG-pus
'pus' (de qualquer um)

mẽ= cliticizado ao sintagma posposicional indica o plural do prefixo na função de 'sujeito'; quando cliticizado ao sintagma verbal indica plural do prefixo na função de 'objeto direto'.

- (527) ku-te =mẽ a-pupun
3-ERG =PL 2-ver
'eles viram você'

- (528) ku-te mẽ= a-pupun
3-ERG PL= 2-ver
'ele viu vocês'

Embora seja possível também marcar o plural do 'sujeito' pleonasticamente:

- (529) mẽ= ku-te =mẽ a-pupun
PL= 3-ERG =PL 2-ver
'eles viram você'

3.5.2 Pronomes reflexivos

Pronomes reflexivos são pronomes que são interpretados como co-referenciais a outro nominal da sentença na qual ele ocorre.

Em Apāniekrá o pronome reflexivo é representado pela forma invariável amjí, i. e. não há marca da pessoa ou do número do nominal com o qual ele é co-referencial.

- (530) mẽ= pa?-te amjí pupun
PL= 1incl-ERG RFL ver
'nós nos vimos (eu me vi e vocês se viram)'

3.5.3 Pronome recíproco

Pronomes recíprocos são pronomes que são interpretados como co-referenciais a outro nominal, mas são usados para expressar ações mútuas.

Em Apāniekrá, o pronome recíproco é representado pela forma invariável ajpen, i. e., não há marca da pessoa ou do número do nominal com o qual ele é co-referencial.

- (531) mẽ= pa?-te ajpen pupun
PL= 1incl-ERG RCP ver
'nós nos vimos (eu vi vocês e vocês me viram)'

3.5.4 Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos expressam as noções dêiticas ‘esse’, ‘aquele’.

Em Apâniekrá, esses pronomes são constituídos por um morfema demonstrativo **ta**, precedido por um morfema de 1^a ou 2^a pessoa: **i-ta** (1-DEM) ‘esse’, **a-ta** (2-DEM) ‘aquele’. Esses pronomes ainda podem ser pluralizados pelo coletivo **je**.

Como não há na língua artigos definidos, esses pronomes podem ser usados semanticamente para indicar definitude. Sintaticamente, ocorrem na mesma posição que outros elementos do SN:

- (532) kahāj ita =je
mulher DEM=PL
'as mulheres' ou 'essas mulheres'

O morfema demonstrativo **ta** é também usado como pronome pessoal enfático de 3^a pessoa, a qual pode vir seguida pela marca de tópico **mã** (**ta** ou **ta=mã** 'ele, ela').

Os pronomes demonstrativos podem também ocorrer como relativizadores, ou seja, como marcadores de orações relativas (mais informações sobre as relativas serão dadas na seção 5.2):

- (533) t̥ep t̥jet **ita** ramā ku-te i?-krēr
peixe assar REL ASP 3-ERG 3-comer
'o peixe que já foi assado já foi comido'
- (534) hūmre apu kr̥e **ata** i-poj
homem PRG cantar REL 3-chegar
'o homem que está cantando chegou'

3.5.5 Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos em Apâniekrá consistem de dois morfemas: um expressando o significado de indefinitude e o outro significando ‘pessoa’ ou ‘coisa’:

- (535) i?-nō
3-indefinido
'algum'

Assim como os demonstrativos, esse pronome indefinido pode ser usado semanticamente para indicar indefinitude (sintaticamente na mesma posição que outros elementos do SN):

- (536) kahāj nō
mulher IND
'uma mulher' ou 'alguma mulher'

Outros pronomes indefinidos na língua são **iʔ-kunəa** (3-todos) ‘todos’, **aʔ-mpɔ** (aʔ-mpɔ (prefixo genérico-indefinido)) ‘algo’ e **jūm** ‘alguém’. **Ampɔ** pode ser usado como genérico quando ocorre junto com um termo de classe:

- (537) ampɔ-rã
GNR -TCL(flor)
‘flor (de qualquer tipo)’
- (538) ampɔ-tʃo
GNR -TCL(fruta)
‘fruta (de qualquer tipo)’

jūm pode ser pluralizado: **jūm =je** (alguém =PL) ‘alguéns’, ou negado: **nē= jūm** (NEG= alguém) ‘ninguém’.

3.6 Numerais

Os numerais em Apāniekrá consistem de dois morfemas: um expressando uma terceira pessoa genérica e o outro indicando a quantidade: **ø pitʃet** (3-um) ‘um’, **i-pjakrut** (3-dois), **iʔ-ŋkre** (3-três) ‘três’.

Os termos dessa classe podem ser usados como modificadores do nome e como operadores verbais:

- (539) aʔkrajre ŋkre
criança três
‘três crianças’
- (540) i-pəm pjakrut
1-cair dois
‘eu cai duas vezes’

3.7 Posposições

Posposições são palavras que indicam a função sintática e semântica do SN ao qual ele pertence.

Pela co-relação que existe entre a ordem de constituintes e a ocorrência das adposições na língua, esses marcadores de caso, como núcleos, ocorrem no final do sintagma posposicional (SP). Os nomes, que podem vir modificados por seus adjuntos, ocorrem na posição inicial do SP.

As principais posposições na língua são: **te** ergativo; **mã** dativo e/ou benefactivo; **pe** malefactivo; **te** genitivo; **-ɔ** genitivo; **kot** comitativo; **to** instrumental; **kām** locativo; **ri** locativo; **pe** locativo; **pīn** essivo; **wər** direcional (em movimento).

- (541) wa kupē jn̩-ō kr̩i p̩in̩ i-poj
 1 branco PR-GEN aldeia ESS 1-chegar
 'eu cheguei da cidade'
- (542) pur ita i-tōj t̩e kje
 roça DEM 1-irmā GEN POS
 'esta roça é da minha irmã'
- (543) ku-t̩e h-areñ wa p̩rkr̩e kām jūm kot i-poj
 3-ERG 3-falar 1 barco LOC alguém COM 1-chegar
 'ele falou com quem chegou no barco comigo'
- (544) a?krajre t̩e wak̩ t̩o amj̩i j-ak̩ep
 criança ERG faca INS RFL PR-cortar
 'a criança se cortou com a faca'
- (545) kr̩i wər i-t̩e alice j-apror
 aldeia DIR 1-ERG Alice PR-levar
 'eu levei a Alice pra aldeia comigo'

Algumas posposições homônimas, como já observado por Dourado (2001) para o Panará, podem ter diferentes funções. Em Apāniekrá, isso foi observado com as posposições **kot** (atrás, em (lugar)), **t̩o** (em (lugar)) e **kām** (com):

- (546) rop **kot** i-pikahur
 cachorro COM 1-correr
 'eu corri atrás do cachorro'
- (547) ø apu pri ita **kot** mō
 3 PRG caminho DEM COM andar
 'ele está andando no caminho'
- (548) hūmr̩e pur **t̩o** ape
 homem roça INS trabalhar
 'o homem trabalhou na roça'
- (549) enfermeira t̩e i-kra **kām** t̩ser
 enfermeira ERG 1-filho LOC gritar
 'a enfermeira gritou com o meu filho'

Outra característica das posposições é que estas podem apresentar como seu 'objeto' um prefixo pronominal de terceira pessoa (ku-, i?-̩, ø) ou com o prefixo a?-̩, indicando não-referencialidade. Esses prefixos substituem o SN complemento.

- (550) ku- ri
3- LOC
'naquele lugar'

- (551) a?- nã
GNR- POSP
'qualquer' (para 'objeto indireto')

A posposição **nã** ainda está sem definição. Sua ocorrência, no entanto, marca 'objetos indiretos':

- (552) ku-te kar3 nã kator
3-ERG veado POSP assar
'ele assou veado'

3.7.1 Cópula

A cópula é uma palavra usada para indicar uma relação entre um predicado nominal ou um adjetivo e um nominal ou prefixo pronominal. Em Apâniekrá, a cópula segue o 'sujeito' da oração não-verbal, o qual pode ser expresso por um SN ou por um prefixo pronominal. Por essas características sintáticas, a cópula será considerada o núcleo de um sintagma posposicional, pertencente à classe de posposições da língua.

- (553) mẽ= pa-pe i?-ŋkrer -kate
Pl= 1incl-COP 3-cantar.NF-NMZ
'nós somos cantadores'

Mais exemplos ver item 4.3.2.1 (predicados equativos).

3.8 Conjunções

Conjunções são palavras que são usadas para unir palavras, sintagmas ou orações. Duas são as classes de conjunções que são tradicionalmente distinguidas: as conjunções coordenativas e as subordinativas.

As conjunções que funcionam como marcadores de coordenação são: **mẽ** (para SNs), **nẽ** (para SNs e para orações com mesmo 'sujeito'), **mã** (para orações com diferentes 'sujeitos'), **ket** (para orações).

- (554) wa alice mẽ ko nẽ hõ to= mõ intse wər
1 alice CONJ água CONJ comida CAUS= ir mamãe DIR
'eu e a Alice levamos água e comida pra minha mãe'

- (555) i-poj nẽ i-te alice pupun
1-chegar MS 1-ERG Alice ver
'eu cheguei e vi a Alice'

- (556) i-poj mā alice te i-pupun
 1-chegar DS Alice ERG 1-ver
 'eu cheguei e a Alice me viu'
- (557) tʃ3 ka ha ape ket ka ha apə?
 INTG 2 IRR trabalhar ALT 2 IRR comer
 'você vai trabalhar ou comer'
- (558) ka ha kra kura ket ka ha kukoj kura?
 2 IRR anta matar ALT 2 IRR macaco matar
 'você vai matar anta ou macaco?'

As conjunções encontradas que funcionam como marcadores de subordinação são **nā**, **to**, **wər** e **kwər-jape**:

- (559) i-te arrigo jn-ɔt nā i?-ton
 1-ERG Arrigo PR-dormir.NFSUB 3-fazer
 'eu fiz o Arrigo dormir'
- (560) mā wər to ri kator
 DIR banhar.NF SUB CLV sair
 'foi pra banhar que ele saiu'
- (561) təp krər wər ri ø mɔ
 peixe comer.NF SUB CLV 3 ir
 'foi para comer peixe que ele veio'
- (562) i-kra kakrɔ ø wər kwər-jape
 1-filho estar.quente 3-nadar.NF SUB
 'meu filho está com febre porque nadou'
- (563) kə ma mɔr prām kwər-jape ri kator
 pátio DIR ir.NF querer SUB CLV sair
 'ele saiu porque queria ir ao pátio'
 (lit.: foi porque ele queria ir pro pátio que ele saiu')

3.9 Partículas

As partículas na língua constituem uma classe definida posicionalmente, ou seja, a partir de sua ocorrência numa posição fixa em relação aos outros elementos da sentença. Assim, por não serem definidas a partir de uma base funcional, constituem-se de vários tipos de marcadores (tempo, aspecto, modo e modalidade), os quais ocorrem sempre no **início da oração** (1^a ou 2^a posição).

Partícula de tempo:

pe passado distante (sempre 1^a posição)

(564) **pe** i-mã kri

PD 1-DAT sentir.frio

‘eu senti frio’

Partículas de aspectos: ainda precisam de um estudo aprofundado, por isso algumas glosas aparecem com a tradução (ao invés da denominação de aspecto).

ramã ‘já’

(565) **ramã** mẽ= ku-te =mẽ ajpen hok

ASP PL= 3-ERG =PL RCP pintar

‘elas já se pintaram’

kormã ‘ainda’

(566) a?krajrẽ **kormã** ɳɔr

criança ASP dorme

‘a criança ainda dorme’

apu progressivo (2^a posição, sempre seguindo o ‘sujeito’ nominal ou pronominal)

(567) ka **apu** ɳɔr

2 PRG dormir

‘você está dormindo’

Partículas de modo e de modalidade: também precisam de um estudo aprofundado, por isso algumas glosas aparecem com a tradução (ao invés da denominação de modo/modalidade).

ha irrealis (2^a posição, sempre seguindo o ‘sujeito’ pronominal)

(568) ku **ha** pap tɔ= mpej

1incl IRR jirau CAUS= estar.bom

‘nós vamos consertar o jirau’

ha hortativo (sempre 1^a posição)

(569) **ha** ku nẽ ku-ri tʃwa

HRT 1incl CRD 3-LOC banhar

‘vamos lá tomar banho?’

tʃɔ interrogação (sempre 1^a posição)

(570) **tʃɔ** ko ita kakrɔ?

INTG água DEM estar.quente

‘a água está quente?’

wər frustativo (sempre 1^a posição)

(571) **wər** wa ko j-atʃɔ

FRS 1 água PR-buscar

‘eu não vou buscar água’

- (572) **wər** ke ha ko j-atʃ³
FRS 3 IRR água PR-buscar
'pode ser que ele não vá buscar água'
- jamā** evidencial (não comprometimento com o que se afirma)
(573) ke ha **jamā** toyota kato
3 IRR EVD Toyota chegar
'parece que a Toyota vai chegar'
- mʒhā** evidencial (não comprometimento com o que se afirma)
(574) **mʒhā** i-jn-ʒ j-amre
EVD 1-PR-comida PR-acabar
'parece que a minha comida acabou'
- mʒrmā** evidencial (não comprometimento com o que se afirma)
(575) **mʒrmā** carorin ri i?-mpej
EVD CarolinaLOC 3-ser.bom
'parece que em Carolina é bonito' (eu não vi, mas eu estou pensando)

4. ORAÇÕES SIMPLES

4.1 Ordem dos constituintes

Segundo a tipologia de ordem de palavra numa oração simples, pode-se afirmar que o Apâniekrá é uma língua OV consistentemente rígida:

- | | |
|---------------|--|
| S-V | (576) hūmre ȷkrer
homem cantar
‘o homem cantou’ |
| | (577) i-ȷkrer
1-cantar
‘eu cantei’ |
| S-O-V | (578) r̥opti te r̥op kuran
onça ERG cachorro matar
‘a onça matou o cachorro’ |
| | (579) r̥opti te i?-kuran
onça ERG 3-matar
‘a onça o matou’ |
| | (580) ku-te r̥op kuran
3-ERG cachorro matar
‘ele matou o cachorro’ |
| | (581) ku-te i?-kuran
3-ERG 3-matar
‘ele o matou’ |
| OI-S-V | (582) maria mā r̥op pikrar
Maria DAT cachorro assustar
‘O cachorro assustou a Maria’ |
| S-OI-OD-V | (583) luis te pedro mā m̥ekə jn-Ṅr
Luís ERG Pedro DAT mocó PR-dar
‘Luís deu o mocó para o Pedro’ |
| S-Loc-OI-OD-V | (584) kahāj apu pur kām v̥ej-kahāj mā kwər
mulherPRG roça LOC velha DAT mandioca
k̥r̥
plantar
‘a mulher está plantando mandioca na roça para a velha’ |

S-OI-OD-V-Loc	(585)	kahāj apu vεj-kahāj mulher PRG velha pur kām roça LOC	mā kwər DAT mandioca	krε plantar
				‘a mulher está plantando mandioca para a velha na roça’
S-Cop-Pred	(586)	luis pe pa?hi Luís COP cacique		
		‘Luís é o cacique’		
S-V-Operador	(587)	intuwre ke ha ɪkrər rapaz 3 IRR cantar.NF	mpej estar.bonito	
		‘o rapaz vai cantar bonito’		

A ordem rígida OV ocorre nas declarativas básicas (i.e., nas orações não-marcadas). As variações nessa ordem ocorrem em orações marcadas (clivadas, topicalizadas, focalizadas e interrogativas).

Todos esses constituintes nucleares, quando ocorrem, estão distribuídos da seguinte maneira:

1 ^a pos	2 ^a posição	3 ^a posição	4 ^a posição	predicado	pós-verbal
S	tempo e/ou aspecto e/ou intens negação	locativo e/ou instrumental	benefactivo ou malefactivo	OV	operador

Contudo há exceções:

- 1) a partícula *pe*, que expressa o passado distante, ocorre sempre em primeira posição
(588) pe pī tε ri
PD árvore vertical comprido
‘a árvore era comprida’
- 2) a ordem ‘sujeito’, partículas de aspecto e clítico de negação vai depender do tipo de ‘sujeito’ (se expresso por um nominal ou por um pronome livre ou preso) e de qual (ou quais) partícula ocorre(m) na oração.
- 3) algumas partículas de aspecto (ramā, kōrmā) e a negação (expressa pela ocorrência do clítico nē) ocorrem mais produtivamente depois do ‘sujeito’ (quando este é expresso por um nominal ou por um pronome livre). Já a partícula que expressa aspecto progressivo ocorre sempre depois do ‘sujeito’
(589) ku nē apu pa-pahəmnō nare
1incl NEG PRG 1incl-namorar NEG
‘nós não estamos namorando’

- (590) ka kɔrmā mē kʒhok kahit
 2 ASP PL estudar
 ‘vocês ainda estão estudando’

- (591) mē?vej ramā h-ɔr
 velha ASP 3-dormir
 ‘a velha já está dormindo’

São duas as situações em que ramā e kɔrmā ocorrem em primeira posição: ou quando o ‘sujeito’ é 3^a pessoa pronominal \emptyset ¹:

- (592) kɔrmā mē pra
 ASP PL viajar
 ‘eles ainda estão viajando’

- (593) ramā apu tʃwa
 ASP PRG banhar
 ‘ele já está banhando’

ou quando a língua, operando no sistema ergativo, apresenta seu ‘sujeito’ transitivo e intransitivo expressos por um prefixo pronominal:

- (594) ramā ku-te =mē kwər ke
 ASP 3-ERG=PL mandioca ralar
 ‘elas já ralaram mandioca’

- (595) kɔrmā mē= a-te =mē hī tʃet nare
 ASP PL= 2-ERG=PL carne assar NEG
 ‘vocês ainda não assaram a carne’

- (596) ramā i- tʃwər
 ASP 1-banhar
 ‘eu já banhei’

- (597) kɔrmā a-tʃwər nare
 ASP 2-banhar NEG
 ‘vocês ainda não banharam’

¹ Há uma ocorrência ainda sem explicação:

ra mē krirə mē ku?he
 ASP PL criança PL levantando
 ‘as crianças já estão levantando’

O fato de a partícula ocorrer sem *mā* talvez aponte para uma solução.

Mas se o ‘sujeito’ for um nominal ou se um pronome livre co-referente com o ‘sujeito’ ocorrer, a partícula de aspecto ocorrerá em segunda posição:

- (598) mē paʔ-ŋkre tε ramā h-ūkwa tōn
PL 1INCL-três ERG ASP 3-casa fazer
'nós três já fizemos a casa dele'
- (599) kahāj tε kormā ko j-akjen na
mulher ERG ASP água PR-pegar NEG
'a mulher ainda não pegou água'
- (600) wa ramā i-poj
1 ASP 1-chegar
'eu já cheguei'

Já para a partícula de intensificação da negação ocorrer em primeira posição não há outra explicação a não ser a própria marca da ênfase (incluindo o ‘sujeito’ ou não):

- (601) nē mē kuprire tε mē pipipre krēr nare
NEG PL menina ERG PL banana comer NEG
'as meninas não comeram banana'

A posição da partícula que codifica o tempo futuro (expresso pelo marcador de modo irrealis **ha**) é sempre a segunda. Quando ele ocorre, o ‘sujeito’ será expresso por (ou co-referente a) um pronome livre em primeira posição:

- (602) ka ha ikre tʃ-ām
2 IRR casa PR-construir
'você vai construir a minha casa'
- (603) ke ha hūmre rōpti j-ahe
3 IRR homem onça PR-caçar
'o homem vai caçar onça'

No entanto, o ‘sujeito’ pode ser deslocado para a esquerda em orações topicalizadas:

- (604) intuw ke ha rōpkror pupu
jovem 3 IRR onça pintada ver
'o jovem, ele vai ver a onça pintada'

No caso de constituintes periféricos, expressões lexicalmente compostas que codificam o tempo precedem o ‘sujeito’, enquanto que apenas locativos e instrumentais seguem o verbo²:

² A ocorrência de orações com todos esses constituintes só ocorre em dados elicitados.

expressão lexical	S	tempo ou aspecto	locat ou instrum	benefact ou malefact	OV	opera dor	locat ou instrum
de tempo							

Nas orações complexas a ordem dos constituintes nucleares é:

S-Comp-OV³ (605) i-te [arrigo jn-õt nã] i?-tõn
 1-ERG Arrigo PR-dormir.NF SUB 3-fazer
 ‘eu fiz o Arrigo dormir’

Comp-SOV (606) [tẽp krẽr nã] wa a-tõ= prãm
 peixe comer.NF SUB 1 2-CAUS= querer
 ‘eu quero que você coma peixe’

SOV-Comp (607) kahãj ke ha hũmr̃e mã hûte [ke ha
 mulher3 IRR homem DAT deixar 3 IRR
 ku-ku]
 3-comer
 ‘a mulher vai deixar o homem comer’

(608) hũmr̃e te kahãj pupun [ø mõr na]
 homem ERG mulherver 3-sair.NF SUB
 ‘o homem viu a mulher sair’

4.2 Marcação de caso

Os principais tipos de sistemas de marcação de caso (Comrie, 1978), na perspectiva funcional-tipológica, são:

- Neutro: S = A = P (ex: inglês);
- Nominativo-Acusativo: S = A ≠ P (ex: latim);
- Ergativo-Absolutivo: S = P ≠ A (ex: basco).

Em que S = único argumento do verbo intransitivo, A = agente, P = paciente.

Uma abordagem preliminar do sistema de marcação de caso nas orações independentes do Apäniekrá (Alves, 2001a) revelou que dentre o conjunto de fatores que condicionam uma mistura dos sistemas ergativo e acusativo nas marcações das relações sintáticas fundamentais dentro de uma sentença simples, apenas o relacionado ao componente tempo foi encontrado em Apäniekrá. No entanto, Alves (2001b,c) mostrou que, ainda que o ‘sujeito’ dos verbos transitivos não venha marcado pela posposição *te*, a língua assume características do sistema ergativo (como verbo na forma não-finita, S expresso por pronome preso, entre outras) condicionada pelo uso de operadores.

Uma análise mais detalhada do sistema de marcação de caso revelou que essa é uma língua ativa-estativa (como já proposta por Araújo (1989) para o Timbira Parkatejê). No entanto, outros dois sistemas também operam na língua: nominativo-absolutivo,

³ Comp = sentença complemento.

condicionado pela ocorrência de operadores pós-verbais (aspectuais e modais), e ergativo-absolutivo, condicionado pela expressão do tempo passado simples.

4.2.1 Sistema Ativo-Estativo

Uma língua ativa-estativa opera numa base de marcação de caso semanticamente orientada, apresentando um contraste entre agente e não-agente. Nessas línguas, a natureza semântica do verbo é que vai indicar a qual classe ele pertence. Se descrever um estado ou uma atividade não controlada, esse verbo será marcado como não-ativo, enquanto que se descrever uma atividade controlada, o verbo será marcado como ativo. No entanto, ainda que essas línguas tenham sempre uma base semântica, há algumas exceções (com número e natureza das exceções variando de língua para língua). O verbo ‘trabalhar’, por exemplo, pode ser ativo em algumas línguas e não-ativo em outras.

O Timbira Apāniekrá representa uma das variantes principais desse sistema, o qual constitui-se de três distinções contrastivas (Givón, 2001): agente *versus* não-agente (este por sua vez subdividido em paciente *versus* dativo). Esse contraste orienta a marcação de caso do ‘sujeito’ transitivo e intransitivo na língua.

Não seria o caso de classificar esse sistema como intransitividade cindida (*Split-S system*, nos termos de Dixon (1994)), uma vez que a língua não distingue apenas subtipos de ‘sujeito’ intransitivo. Ao contrário, em Apāniekrá a natureza semântica do verbo intransitivo e transitivo orienta a marcação de caso do ‘sujeito’ intransitivo e transitivo. Ou seja, a marcação de caso em Apāniekrá orientada semanticamente não se restringe aos verbos intransitivos.

Outro argumento para não classificar o sistema da língua como intransitividade cindida deve-se ao fato da própria natureza deste sistema: *Split-S* apresenta características dos outros dois tipos principais de sistemas encontrados nas línguas: sistema acusativo (orientado pragmaticamente), em que o ‘sujeito’ intransitivo é marcado da mesma maneira que o ‘sujeito’ transitivo; sistema ergativo (orientado pela transitividade), em que o ‘sujeito’ intransitivo é marcado da mesma maneira que o ‘objeto’.

A princípio a cisão na marcação do ‘sujeito’ intransitivo sugeria um sistema de intransitividade cindida, mas uma análise nos termos da caracterização semântica do verbo intransitivo e transitivo (se codificam estados, eventos ou ações) mostrou que a marcação das relações sintáticas fundamentais dentro de uma sentença simples em Apāniekrá é, embora algumas vezes orientada pragmaticamente ou pela transitividade do verbo, antes de qualquer coisa semanticamente orientada. É o que mostrarei a seguir.

O quadro abaixo apresenta a distribuição dos pronomes e prefixos pessoais segundo a natureza semântica do verbo:

	verbo de atividade controlada agente	verbo de estado ou de atividade não controlada paciente	experienciador
1 incl dual	ku		pa(?)-
1 incl pl	ku mē		mē pa(?)-
1 sing	wa		i-
1 excl pl	wa mē		mē i-
2 sing	ka		a-
2 pl	ka mē		mē a-
3 sing	ke / ø	i(?)- / h-	ku-
3 pl	ke mē / ø mē	mē i(?)- / mē h-	mē ku-

A seguir, exemplos do ‘sujeito’ e do ‘objeto’ de verbos transitivos (verbos cujo ‘sujeito’ é o controlador ou o paciente da ação ou o experienciador):

- Verbos transitivos ativos

São verbos de atividade controlada, cujo ‘sujeito’ é agente.

Nessas construções, o ‘sujeito’ transitivo e o ‘objeto direto’ podem ser expressos por um sintagma nominal ø marcados (ou seja, não há ocorrência de posposição para marcar o caso). Quando pronominais, o ‘sujeito’ será expresso por um pronome livre (conforme tabela acima) e o ‘objeto’ por um prefixo pronominal.

- (609) wa a-pupu
 1 2-ver
 ‘eu vejo você’

- (610) ka i-pupu
 2 1-ver
 ‘você me vê’

- (611) ke rōpti pupu
 3 onça ver
 ‘ele vê a onça’

- (612) rōpti h-ōmpu
 onça 3-ver
 ‘a onça o vê’

- (613) rōp apu hōtʃə?tʃək tʃa
 cachorro PRG galinha morder
 ‘o cachorro está mordendo a galinha’

- (614) ramā kuhī apu ikrē tō= katʃ̥
 ASP fogo PRG casa CAUS= queimar
 ‘o fogo já está queimando a minha casa’

- (615) ke ha ta kuhi p̥i
 3 IRR chuva fogo apagar
 ‘a chuva vai apagar o fogo’

- Verbas transitivas não-ativos

São verbos de atividade não controlada, cujo ‘sujeito’ é paciente.

Nessas construções, o ‘sujeito’ transitivo e o ‘objeto direto’ podem ser expressos por um sintagma nominal ou marcados. Quando pronominal, o ‘sujeito’ será expresso por um prefixo (conforme tabela acima).

Quando há ocorrência das categorias de tempo, aspecto e modo, o ‘sujeito’ (nominal ou pronominal) é deslocado de sua posição original, deixando uma marca de concordância (expressa pelo prefixo pessoal (assim como nos intransitivos não-ativos)).

O que é particularmente interessante nessas sentenças é a incorporação do argumento ‘objeto’ (inalienavelmente possuído) ao núcleo verbal. O verbo complexo resultante tem sua valência reduzida (verbo transitivo → verbo intransitivo).

- (616) a?krajrē apu h-̥= j-ah̥i
 criança PRG 3-comida= PR-vomitir
 ‘a criança está vomitando’

- (617) ka ha =m̥̥ a-j-̥i= kuto
 2 IRR =PL 2-PR-carne= emagrecer
 ‘vocês vão emagrecer’

- (618) i-j-̥i= kot
 1-PR-carne= engordar
 ‘eu engordei’

As sentenças acima, talvez por seu ‘sujeito’ ser o paciente (e não o agente), não apresentam seu ‘sujeito’ marcado pelo caso ergativo quando expressam o tempo passado (adiante, mostrarei que o ‘sujeito’ do verbo intransitivo ativo pode, em alguns casos, ser seguido da posposição ergativa). Ao contrário, a sentença (621) com verbo ativo, expressa o passado simples pelo alinhamento para o sistema ergativo (esse sistema será apresentado em detalhes no item 4.2.3):

- (619) pe wa i-j-̥i= j-ah̥ir
 PD 1 1-PR-comida=PR-vomitir
 ‘eu vomitei’

- (620) i-ji-ĩ= kuto^r
 1-PR-carne= emagrecer
 ‘eu emagreci’
- (621) i-te i-j-arko mẽn
 1-ERG 1-PR-saliva jogar
 ‘eu cuspi’

O passado dos verbos transitivos com ‘sujeito’ paciente é expresso pelo uso da partícula *pe* no início da sentença (no caso do passado não recente) ou pelo verbo em sua forma não-finita (com uma alteração morfofonológica no final do seu radical, no caso do passado simples).

O exemplo (621), com verbo transitivo ativo, apresenta uma morfologia típica da marcação de caso do sistema ergativo-absolutivo. Com os verbos transitivos cujo ‘sujeito’ não controla a ação essa estrutura não ocorre (* marca que a sentença não é possível):

- (622) *i-te i-ji-ĩ j-ahīr
 1-ERG 1-PR-comida PR-vomitar
 ‘eu vomitei’

Um outro exemplo de incorporação vai ajudar a mapear a assimetria do verbo transitivo nas sentenças com ‘sujeito’ agente ou paciente:

- (623) i-te i-kra mpən
 1-ERG 1-filho carregar
 ‘eu carreguei meu filho’
- (624) i-kra= mpən
 1-filho= carregar
 ‘eu carreguei meu filho’

O verbo transitivo (tanto o de atividade controlada quanto o de atividade não-controlada) tem o seu argumento ‘objeto’ incorporado quando este apresentar seu o possuidor inalienável co-referente com o seu ‘sujeito’ (agente ou paciente). O verbo complexo resultante é intransitivo. Esse fenômeno é muito produtivo na língua.

A diferença semântica entre esses dois tipos de verbo fica clara na expressão do tempo passado simples, em que o ‘sujeito’ agente vem expresso pela morfologia ergativa enquanto que o ‘sujeito’ paciente não. Talvez a estratégia de a língua não permitir uma construção ergativa correspondente a essas sentenças no passado simples (expressas sempre com a incorporação nominal do ‘objeto’) seja uma saída encontrada pela língua para que o ‘sujeito’ do verbo não-ativo seja marcado como paciente (por meio do prefixo pronominal). Outros exemplos com relação a essa questão serão discutidos no item 4.3.1.1.4.

Não é objetivo central desta tese explorar o fenômeno da incorporação nominal na língua. Lancei mão da referência a esse tema apenas para justificar que os verbos transitivos *jahī*, *kuto* e *kot*, quando expressam atividade não-controlada, apresentam um ‘sujeito’ paciente.

- Verbos transitivos com ‘sujeito’ dativo

São verbos de atividade não controlada, cujo ‘sujeito’ é experienciador.

Nessas construções, o ‘sujeito’ e o ‘objeto’ podem ser expressos por um SN ou por um prefixo pronominal. Contudo, o SN ‘objeto’ será \emptyset marcado e o SN ‘sujeito’ será marcado pelo caso dativo.

- (628) i-mã tēp prām
1-DAT peixe querer
'eu quero de peixe'

- (629) i-mã h-ūpa
1-DAT 3-sentir.medo
'eu estou com medo dele'

- (630) wa ha i-mã h-ūpa
1 IRR 1-DAT 3-sentir.medo
'eu vou sentir medo dele'

- (631) i-mã a-kīn
1-DAT 2-gostar
'eu gosto de você'

- (632) wa ha i-mã a-kīn
1 IRR 1-DAT 2-gostar
'eu vou gostar de você'

Uma síntese das propriedades do sistema de marcação de caso das sentenças transitivas do Apâniekrá está apresentada no quadro a seguir:

sujeito	verbo	atividade controlada	estado ou atividade não controlada
semântica		agente	paciente
morfossintaxe		SN \emptyset marcado ou pronome livre	SN ou prefixo pronominal ('objeto' incorporado)

A seguir, exemplos do ‘sujeito’ de verbos intransitivos (verbos cujo ‘sujeito’ é o controlador ou o paciente da ação ou o experienciador):

- Verbos intransitivos ativos

São verbos de atividade controlada, cujo ‘sujeito’ é agente.

Nessas construções, o ‘sujeito’ intransitivo pode ser expresso por um sintagma nominal \emptyset marcados (ou seja, não há ocorrência de posposição para marcar o caso). Quando pronominais, o ‘sujeito’ será expresso por um pronome livre.

- (633) wa ma mō
1 DIR andar
'eu ando'
- (634) pe hūmrē ma tē
PD homem DIR ir
'o homem viajou'
- (635) ka apu tswa
2 PRG banhar
'você está banhando'
- (636) ke ha kahāj a?kukrē
3 IRR mulher correr
'a mulher vai correr'
- (637) pe ku katō
PD 1 sair
'nós saímos'
- (638) ka mē ḥkre
2 PL cantar
'vocês cantam'
- (639) ke ha mē ap̩
3 IRR PL comer
'eles vão comer'

- Verbos intransitivos não-ativos

São verbos de atividade não controlada, cujo 'sujeito' é paciente.

Nessas construções, o 'sujeito' intransitivo pode ser expresso por um sintagma nominal *ø* marcado. Quando pronominal, o 'sujeito' será expresso por um prefixo.

- (640) i-kakr̩
1-estar.quente
'eu estou com febre'
- (641) a-tērtēt
2-tremor
'você teme'
- (642) i?-,ŋkr̩
3-estar.seco
'ele está seco'

- (643) paʔ-pəm
1-cair
'nós caímos'
- (644) mẽ a-pej
PL 2-ser.bonito
'vocês são bonitos'
- (645) mẽ iʔ-ti
PL 3-ser.grande
'eles são grandes'

Nessas construções com verbos que denotam ações não controladas ou estados, o SN 'sujeito' pode ser deslocado de sua posição original, deixando uma marca de concordância (expressa pelo prefixo pessoal). O 'sujeito' pronominal pode também ocorrer expresso por um prefixo e pelo pronome livre. Esse tipo de construção ocorre quando há na sentença marcas de tempo e/ou aspecto:

- (646) aʔkrajrε ke ha iʔ-kakrɔ
criança 3 IRR 3-estar.quente
'a criança vai ficar com febre'
- (647) pe ka apu a-tertɛt
PD 2 PRG 2-tremor
'você estava tremendo'
- (648) ø apu iʔ-ŋkrɛ
3 PRG 3-estar.seco
'ele está secando'
- (649) ku ha paʔ-pəm
1 IRR 1-cair
'nós vamos cair'
- (650) ka ha mẽ a-pej
2 IRR PL 2-ser.bonito
'vocês vão ser bonitos'
- (651) ke ha mẽ iʔ-ti
3 IRR PL 3-ser.grande
'vocês vão ser grandes'

- **Verbos intransitivos com 'sujeito' dativo**

São verbos de atividade não controlada, cujo 'sujeito' é experienciador.

Nessas construções, o ‘sujeito’ pode ser expresso por um SN ou por um prefixo pronominal marcados pelo caso dativo.

- (652) i-mã pa
1-DAT ter.medo
'eu estou com medo'

- (653) keha i-mã kri
FUT 1-DAT ter.frio
'eu vou ficar com frio'

Uma síntese das propriedades da marcação de caso das sentenças intransitivas do Apâniekrá está apresentada no quadro a seguir:

verbo 'sujeito'	atividade controlada	estado ou atividade não controlada	
semântica	agente	paciente	experienciador
morfossintaxe	SN ø marcado ou pronome livre	SN ou prefixo pronominal	SN ou prefixo pronominal no dativo

Comparando as características do sistema de marcação de caso das sentenças transitivas e intransitivas em Apâniekrá, confirma-se a distinção de três tipos de ‘sujeito’ (orientados a partir da semântica do verbo): agente *versus* paciente *versus* dativo.

Uma vez que o contraste entre agente e não-agente orienta a marcação de caso, será mais apropriado considerar que a língua apresenta um sistema ativo-estativo, orientado semanticamente.

4.2.1.1 Hierarquia de pessoa, um subsistema do Ativo-Estativo

Quando a língua opera no sistema ativo-estativo, alguns verbos transitivos apresentam concordância com o ‘sujeito’ ao invés do ‘objeto’. Esse fenômeno obedece a uma hierarquia de pessoa: quando o ‘sujeito’ é de 2^a pessoa (a-) e o ‘objeto’ é de 3^a (ku-).

- (654) wa apu hĩ ku
1 PRG carne comer
'eu estou comendo carne'

- (655) hĩ wa apu ku-ku
carne 1 PRG 3-comer
'carne, eu estou comendo'

- (656) ka apu hĩ ku
2 PRG carne comer
'você está comendo carne'

- (657) ka apu a-ku
2 PRG 2-comer
'você está comendo (carne)'

- (658) tep ka a-tfi
peixe 2 2-guardar
'o peixe, você guarda'

- (659) wa ku- tfi
1 3- guardar
'eu guardo (o peixe)'

- (660) wakə ka ha a-pi
faca 2 IRR 2-pegar
'a faca, você vai pegá-la'

Em (654) e (656), o ‘objeto’ é um nominal (h̄i) e o ‘sujeito’ é expresso por um pronome livre de 1^a (654) ou 2^a pessoa (656). Em (655) com o ‘objeto’ topicalizado ou em (659) com a não-ocorrência do ‘objeto’ nominal (peixe), o verbo apresenta o prefixo pronominal ku- (3^a pessoa) que concorda com o ‘objeto’.

A concordância com o ‘sujeito’ (ao invés da concordância com o ‘objeto’) ocorre em (658) e (660), com o ‘objeto’ nominal topicalizado, e em (657) quando o ‘objeto’ nominal não ocorre. A categoria flexional do verbo obedece à seguinte hierarquia: 2A > 3O.

A subclasse de verbos transitivos que apresentam concordância com o prefixo de 3^a pessoa ku- é bastante expressiva na língua. No entanto, não foi possível identificar o traço semântico (ou não existe ou já se tornou sincronicamente opaco) que agrupa esses verbos em uma subclasse, em oposição à outra subclasse de verbos que apresenta concordância de 3^a pessoa i?- . Oliveira (2003) considera para o Apinajé que a ocorrência ku- está limitada a raízes verbais monossilábicas, enquanto ø ocorre nos outros ambientes. Essa é uma boa hipótese para explicar a distribuição de ku- ou i(?) - (este por sua vez variando também com ø) nos verbos transitivos do Apāniekrá, mas que precisa ser investigada mais amplamente. No entanto, diferentemente do Apinajé, a variação ku- / i(?) / ø em Apāniekrá ocorre apenas diante de verbos monossilábicos iniciados por consoante; se o verbo começa por vogal, o prefixo de 3^a pessoa será sempre h-.

A tabela a seguir apresenta a marcação do ‘objeto’ no verbo transitivo determinada pela hierarquia de pessoa (A = sujeito transitivo, O = objeto direto), a qual só funciona para a relação 2A X 3O:

O	3 ^a pessoa		
A	antes C		
2 ^a pessoa	a-	i(?)~ø	h-

4.2.2 Sistema Nominativo-Absolutivo

Algumas construções em Apāniekrá apresentam o verbo em sua forma não-finita quando seguido de um operador que codifica categorias de aspecto e polaridade (o qual é indicado lexicalmente pelo uso de alguns verbos não-ativos ('muito', 'pouco', 'bem', 'mal', negação etc.)).

Nessas construções, o 'sujeito' intransitivo é marcado pleonasticamente (expresso por um pronome livre juntamente com uma marca de concordância no verbo (expresso pelo prefixo pronominal)). Ou seja, está alinhado tanto com o 'sujeito' transitivo (pronome livre) quanto com o 'objeto direto' (prefixo pronominal).

Essas propriedades caracterizam um sistema Nominativo-Absolutivo⁴:

	A = S	S = O
1dual	ku	pa(?)-
1incl pl	ku mē	mē pa(?)-
1sing	wa	i-
1excl pl	wa mē	mē i-
2 sing	ka	a-
2 pl	ka mē	mē a-
3 sing	ke / ø	i(?)- / h-
3 pl	ke mē / ø mē	mē i(?)- / mē h-

- (661) wa apu mō
 1 PRG andar
 'eu estou andando'

- (662) ka ha a-mōr tō?hi
 2 IRR 2-andar.NF muito
 'você vai andar muito'

- (663) wa ha nōr
 1 IRR dormir
 'eu vou dormir'

- (664) ke ha mē h-ōt krirēne
 3 IRR PL 3-dormir.NF ser.pouco
 'eles vão dormir pouco'

- (665) pe wa a?kukrē
 PD 1 correr
 'eu corri'

⁴ Gostaria de agradecer a Spike Gildea a sugestão de considerar o Nominativo-Absolutivo como um sistema operante na língua. No entanto, a responsabilidade pelos erros é minha.

- (666) ka nẽ apu ñ-ɔ?kukrẽn na
2 NEG PRG (2+PR)-correr.NF NEG
'você não está correndo'
- (667) mẽ pa?̃-ŋkre ku nẽ mẽ pa-jɔ?kukrẽn na
PL 1-três 1 NEG PL 1-correr.NF NEG
'nós três não corremos'

É possível verificar que, juntamente com a forma pronominal, a forma verbal também é alterada: em (661), (663) e (665), o 'sujeito' é expresso por pronome livre e o verbo ocorre em sua forma finita (a língua está operando no sistema ativo-estativo), enquanto que em (662), (664), (666) e (667), o verbo apresenta uma marca de concordância com o 'sujeito' e ocorre em sua forma não-finita (operando no sistema nominativo-absolutivo).

Nas sentenças transitivas do Nominativo-Absolutivo, o verbo ocorre em sua forma não-finita:

- (668) ka ha wakẽ pi
2 IRR faca pegar
'você vai pegar a faca'
- (669) ka ha wakẽ pir na
2 IRR faca pegar.NF NEG
'você não vai pegar a faca'

Essa construção, desencadeada pela ocorrência de um operador, afeta o verbo (forma finita → forma não-finita) e seus argumentos internos (o 'objeto direto' e o 'sujeito' intransitivo), não seus argumentos externos (como 'sujeito' transitivo). O alinhamento S/O é expresso pela mesma marca de concordância:

	Sistema Ativo-Estativo		Sistema Nominativo-Absolutivo	
	Verbo final		Verbo seguido de operador	
Verbo transitivo	A	O-V	A	O-V
Verbo intransitivo	S	ø V	S	S -V
Forma verbal	Finita		Não-finita	

Como o Nominativo-Absolutivo representa um outro sistema operando na língua ao lado do Ativo-Estativo, algumas características que ocorrem neste último, não ocorrem no primeiro. Por exemplo, os verbos transitivos que, no subsistema de Hierarquia de Pessoa do Ativo-Estativo, apresentam concordância verbal com o 'sujeito' transitivo de 2^a pessoa; já nas construções nominativas-absolutivas, que não compartilham desse subsistema, o 'objeto' de 3^a pessoa será expresso pelo prefixo i?- (e não mais pelo prefixo a-, se 'sujeito' 2^a pessoa, ou ku-, se outras pessoas):

- (670) ka ha a-pí
 2 IRR 2-pegar
 ‘você vai pegá-la’
- (671) ka ha i?-pir nare
 2 IRR 3-pegar.NF NEG
 ‘você não vai pegá-la’
- (672) wa ha i?-pir nare
 1 IRR 3-pegar.NF NEG
 ‘eu não vou pegá-la’

4.2.3 Sistema Ergativo-Absolutivo

O Apāniekrá opera parcialmente num sistema ergativo. O que condiciona esse alinhamento são as construções sentenciais que expressam tempo passado simples.

No sistema ativo-estativo, como foi visto, o verbo recebe o prefixo pessoal que identifica o ‘objeto direto’. O ‘sujeito’, tanto o transitivo quanto o intransitivo, são identificados por um pronome livre. O verbo está na sua forma finita (ou seja, sem a alteração morfonológica no final do seu radical: katʃ³ ‘queimar’, pí ‘apagar’, tʃa ‘morder’, pi ‘pegar’, ku ‘comer’). No sistema ergativo, o verbo recebe o prefixo pessoal que identifica o ‘objeto direto’ e o ‘sujeito’ intransitivo. O verbo está na sua forma não-finita (o radical sofre uma modificação morfonológica: katʃ³r, pír, tʃar, pir, kur).

O ‘sujeito’ de verbos transitivos, quando em orações que expressam tempo passado simples, vem marcado obrigatoriamente pela posposição t^E, que interpreto como marcador de caso ergativo. A evidência para tal consideração é que esse marcador é sempre usado posposto a um sintagma nominal (SN) que está na função A, e nunca posposto a um SN em função S ou O.

A morfologia ergativa pode ser observada tanto na marcação no NP:

- (673) kuhí t^E ikre ø tɔ= katʃ³r
 fogo ERG casa ABS CAUS= queimar
 ‘o fogo queimou a casa’
- (674) ta t^E kuhí ø pír
 chuva ERG fogo ABS apagar
 ‘a chuva apagou o fogo’
- (675) rɔp t^E hɔtʃ³?tʃ³k ø tʃar
 chuva ERG galinha ABS morder
 ‘o cachorro mordeu a galinha’

como na concordância verbal:

- (676) i-tε a-pupun
 1-ERG 2.ver
 'eu vi você'

- (677) a-kator
 2-chegar
 'você chegou'

A sistematização do uso funcional das unidades pronominais do Apāniekrá está apresentada no quadro abaixo: os prefixos pronominais marcados pela posposição *tε* somente são usados para expressar o ‘sujeito’ do verbo transitivo (A), ou seja, são formas ergativas contrapondo-se às formas absolutivas, que são usadas para expressar o ‘sujeito’ do verbo intransitivo (S) e o ‘objeto direto’ (O):

	A	S = O
1dual	pa? - tε	pa(?) -
1sing	i - tε	i -
1incl pl	mẽ pa? - tε	mẽ pa(?) -
1excl pl	mẽ i - tε	mẽ i -
2 sing	a - tε	a -
2 pl	mẽ a - tε	mẽ a -
3 sing	ku - tε	i(?) - / h - / ø
3 pl	mẽ ku - tε	mẽ i(?) - / mẽ h - / mẽ ø

- (678) i-mõr
 1-andar
 'eu andei'

- (679) a-mõr
 2-andar
 'você andou'

- (680) ø mõr
 3-andar
 'ele andou'

- (681) i-tε a-pupun
 1-ERG 2-ver
 'eu vi você'

- (682) a-te i-pupun
 2-ERG 1-ver
 'você me viu'

- (683) ku-te h-ɔmpun
3-ERG 3-ver
'ele o viu'

Como o Ergativo-Absolutivo (assim como o Nominativo-Absolutivo) representa um outro sistema operando na língua paralelamente ao Ativo-Estativo, algumas características que ocorrem neste último, não ocorrem no primeiro. Por exemplo, os verbos transitivos que, no subsistema de Hierarquia de Pessoa do Ativo-Estativo, apresentam concordância verbal com o 'sujeito' transitivo de 2^a pessoa, nas construções ergativas, que não compartilham desse subsistema, o 'objeto' de 3^a pessoa será expresso pelo prefixo i?- (e não mais pelo prefixo a-, se 'sujeito' 2^a pessoa, ou ku-, se 1^a ou 3^a pessoa):

- (684) wakə ka ha a-pi
faca 2 IRR 2-pegar
'a faca, você vai pegá-la'

- (685) wa ha ku-pi
1 IRR 3-pegar
'eu vou pegá-la'

- (686) a-te i?-pir
2-ERG 3-pegar
'você a pegou'

- (687) i-te i?-pir
1-ERG 3-pegar
'eu a peguei'

4.3 Principais tipos de predicado

Os predicados em Apāniekrá são a seguir divididos e apresentados em dois tipos principais: os que têm como núcleo um verbo (os predicados verbais) e os que têm como núcleo um sintagma nominal ou posposicional (os predicados não-verbais).

4.3.1 Predicados verbais

Os predicados verbais têm como característica principal o fato de terem como núcleo do predicado um verbo. Como já dito anteriormente, em Apāniekrá o verbo ocorre sempre em posição final e a ordem não marcada de seus constituintes nucleares é S(O)V.

Esses predicados podem ser intransitivos ou transitivos, cada um desses por sua vez com respectivas subdivisões.

4.3.1.1 Predicados Intransitivos

São quatro os tipos de predicados intransitivos em Apāniekrá: simples, não-ativos, com 'sujeito' experienciador e com 'objeto indireto'.

4.3.1.1.1 Predicados Intransitivos Simples

Esses predicados intransitivos caracterizam-se por terem como núcleo um verbo cujo ‘sujeito’ é o controlador da ação. Nesses predicados, duas formas verbais variam condicionadas pela ocorrência de operadores internos pós-verbais ou pela expressão do tempo passado recente. Essas formas, que neste momento ainda continuarão a ser descritas apenas como forma não-finita opondão-se à forma finita do verbo, serão retomadas e melhor analisadas no capítulo 6.

As categorias de tempo, aspecto e modo ou modalidade não são expressas via morfologia verbal, mas sim por partículas (que codificam tempo, aspecto e modo) e por operadores pós-verbais (que codificam outros aspectos e modalidades verbais). A única flexão no verbo intransitivo é a categoria de pessoa, mesmo assim só quando o predicado denotar passado recente.

O ‘sujeito’ (agente) pode ser representado por um sintagma nominal (SN) ou por um pronome. No caso de um SN como ‘sujeito’, este precede imediatamente o verbo. Se deslocado dessa posição ou se não ocorrer porque já está subentendido, no passado simples uma marca de 3^a pessoa precisa ocorrer.

A distribuição dos pronomes (se pronomes livres ou prefixos pessoais), assim como a das formais verbais (se não-finita ou finita), está condicionada pela ocorrência de operadores pós-verbais ou pela expressão do tempo passado recente:

- (688) wa ha ɻ̩kr̩
 1 IRR cantar
 ‘eu vou cantar’
- (689) ka apu ɻ̩kr̩
 2 PRG cantar
 ‘você está cantando’
- (690) pe wa apu ɻ̩kr̩
 PD 1 PRG cantar
 ‘eu cantava’
- (691) a-kra-tʃ-ũm-re ɻ̩kr̩r
 2-filho-PR-masc-hum cantar
 ‘teu filho cantou’
- (692) i?-ɻ̩kr̩r
 3-cantar
 ‘ele cantou’
- (693) ke ha hũmre i?-ɻ̩kr̩r nar̩
 3 IR homem 3-cantar.NF NEG
 ‘ele não vai cantar’

- (694) ka apu a-ŋkrər mpej
 2 PRG 2-cantar.NF estar.bem
 ‘você está cantando bem’

A distribuição e o condicionamento das formas pronominais e verbais estão sintetizados no quadro abaixo:

	Passado recente	Operador pós-verbal	Nenhum anterior	dos
forma pronominal	prefixo	prefixo	pronome livre	
forma verbal	não-finita	não-finita	finita	

4.3.1.1.2 Predicados Intransitivos Não-ativos

Os predicados não-ativos caracterizam-se por terem como núcleo um verbo de estado ou de ação não-controlada.

O ‘sujeito’ (paciente) pode ser representado por um sintagma nominal (SN) ou por um prefixo pronominal, mas nunca por apenas um pronome livre (isto é, ocorrer sem concordância). Nos casos de orações topicalizadas ou no modo *irrealis*, quando o pronome livre ocorre, a concordância no verbo não pode ser apagada. No caso de um SN como ‘sujeito’, este precede imediatamente o verbo. Se deslocado dessa posição ou se não ocorrer, uma concordância de pessoa irá ocorrer.

- (695) i-kakrɔ
 1-estar.quente
 ‘eu estou quente (com febre)’

- (696) pa mā i-kakrɔ
 lenf TOP 1-estar.quente
 ‘eu estou quente (com febre)’

A expressão das categorias de tempo, aspecto e modo ou modalidade ocorre da mesma maneira que nos predicados intransitivos simples, ou seja, através de partículas:

- (697) wa ha i-kakrɔ
 1 IRR 1-estar.quente
 ‘eu vou ficar quente (com febre)’

- (698) pe wa apu i-kakrɔ
 PD 1 PRG 1-estar.quente
 ‘eu estava quente (com febre)’

- (699) pe a?krajrɛ kakrɔ
 PD criança estar.quente
 ‘a criança esteve quente (com febre)’

e através de operadores pós-verbais:

- (700) ko kakrø ɻjkrire
 água estar.quente pouco
 ‘a água está pouco quente’
- (701) a?krajrø nẽ kakrø inare
 criança NEG estar.quente NEG
 ‘a criança não está quente (com febre)’

4.3.1.1.3 Predicados Intransitivos com ‘Sujeito’ Experienciador

Esses predicados intransitivos caracterizam-se por terem como núcleo um verbo cujo ‘sujeito’ é seguido pela posposição dativa.

O ‘sujeito’ pode ser representado por um SN ou por um prefixo pronominal. Não há variação na forma verbal (forma finita e não-finita).

- (702) i-mã kri
 1-DAT sentir.frio
 ‘eu estou com frio’
- (703) a?krajrø mã präm
 criança DAT sentir.fome
 ‘a criança está com fome’

Em dados coletados espontaneamente (ou seja, dados que não foram elicitados), apenas o tempo passado e futuro ocorreram marcados nesses predicados.

- (704) keha i-mã kri
 FUT 1-DAT sentir.frio
 ‘eu vou ficar com frio’
- (705) pe mẽ a-mã präm
 PD PL 2-DAT sentir.fome
 ‘vocês estiveram com fome’

Sobre a expressão das categorias de aspecto e modalidade nesses predicados, feita através do uso de operadores pós-verbais, encontrei ocorrências apenas com o operador de negação:

- (706) rop mã kri nare
 cachorro DAT sentir.frio NEG
 ‘o cachorro não está com frio’

(707)	i-mã	präm	nare
	1-DAT	sentir.fome	NEG
‘eu não estou com fome’			

4.3.1.1.4 Predicados Intransitivos com ‘Objeto Indireto’

Considerando a definição de Givón (2001) para os protótipos sintáticos de uma sentença transitiva (“Sentenças e verbos que têm um ‘objeto direto’ são sintaticamente transitivos. Todos os outros são sintaticamente intransitivos”), as seguintes sentenças do Apâniekrá foram consideradas exemplos de predicados intransitivos com complemento indireto.

Um verbo que ocorre neste tipo de predicado merece atenção especial: o verbo pikrar ‘assustar’, que ocorre tanto em construções tipicamente médias (708) como em construções com um ‘sujeito’ intransitivo e um ‘objeto indireto’ (709) e (710).

(708)	karʒ	pi-krar
	veado	MD-assustar
	‘o veado se assustou’	

(709)	karʒ	mã	i-pikrar
	veado	DAT	1-assustar
	‘eu assustei o veado’		

(710)	i-mã	a-pikrar
	1-DAT	2-assustar
	‘você me assustou’	

Talvez seja mais apropriado considerar o verbo pikrar ‘assustar’ como tendo o prefixo pi- (voz média) lexicalizado e, assim, podendo ser usado tanto em construções ativas como não-ativas.

Outras duas construções com ‘sujeito’ intransitivo e ‘objeto indireto’ podem ser agrupadas segundo seus subtipos semânticos, que são os seguintes:

- Objeto indireto associativo: verbos sintaticamente intransitivos que codificam eventos recíprocos, onde o ‘sujeito’ é um agente e o ‘objeto indireto’ é um co-agente associativo.

(711)	a-mã	i-kator
	2-DAT	1-sair
	‘eu encontrei com você’	

(712)	i-mã	a-kakok
	1-DAT	2-falar
	‘você conversou comigo’	

Embora as traduções dos verbos intransitivos kator e kakok sejam, respectivamente, sair e falar, nas construções com ‘objeto indireto’ esses verbos assumem outros significados. Os informantes, quando consultados, me explicaram que (711) significa que eu estava andando e você estava andando e a gente se encontrou. Em (712), o significado é de que eu falei (para você) e você também falou (para mim). Muito diferente, portanto, dos dois papéis semânticos do verbo pikrar (um é o estímulo, o que assusta, e o outro experenciador, o que foi assustado).

- Objeto indireto locativo: verbos deste subgrupo são, em certo sentido, o protótipo de verbos intransitivos com um ‘objeto indireto’. Seu ‘sujeito’ é ou um agente ou um paciente e seu ‘objeto indireto’ é um locativo.

(713) ikre pīn i?-pəm
casa LOC 3-cair
'ele caiu de cima da casa'

(714) ke ha i-kre pīn i?-pəm
3 IRR casa LOC 3-cair
'ele vai cair de cima da casa'

(715) ka nē alice ka mē cidade pīn mē a-poj
2 CONJ Alice 2 PL cidade LOC PL 2-chegar
'você e Alice chegaram da cidade'

(716) wa ha karz kām i-katōk
1 IRR veado LOC 1-atirar
'eu vou atirar no veado'

Uma característica desse tipo de predicado (como descrito anteriormente) é o seu ‘sujeito’ (se controlar ou iniciar ativamente a ação) ocorrer muitas vezes marcado pleonasticamente, com a posposição que marca o caso ergativo.

(717) a?krajre te karz mā i-pikrar
menino ERG veado DAT 3-assustar
'o menino assustou o veado'

(718) a-te i-mā a-kakok
2-ERG 1-DAT 2-falar
'você conversou comigo'

(719) i-te karz kām i-katōk
1-erg veado loc 1-atirar
'eu atirei no veado'

4.3.1.2 Predicados Transitivos

De acordo com a definição de Givón (2001) citada anteriormente para os protótipos sintáticos de uma sentença transitiva ('Sentenças e verbos que têm um 'objeto direto' são sintaticamente transitivos. Todos os outros são sintaticamente intransitivos'), é possível identificar no Apāniekrá quatro tipos de predicados transitivos: simples, com 'sujeito' experienciador, com verbo bitransitivo e com complemento oracional.

4.3.1.2.1 Predicados Transitivos Simples

Os predicados transitivos simples caracterizam-se por terem como núcleo um verbo transitivo, cujos complementos são constituídos por um 'objeto direto' e um 'sujeito'. Nesses predicados (assim como nos intransitivos simples), duas formas verbais (não-finita e finita) variam condicionadas pela ocorrência de operadores pós-verbais ou pela expressão do tempo passado simples.

O 'sujeito' pode ser representado por um SN ou por um pronome. No caso de um SN como 'objeto', este precede imediatamente o verbo. Se deslocado dessa posição ou se não ocorrer, uma concordância de 3^a pessoa irá ocorrer.

A expressão das categorias de tempo, aspecto e modo ou modalidade ocorrem via partículas (que codificam tempo e aspecto), pela partícula ha (modo *irrealis*) seguindo o 'sujeito' expresso por um pronome livre e por operadores pós-verbais (que codificam outros aspectos e modalidades verbais).

- (720) vej-kahāj apu rōp krā katʃwi
 velha PRG cachorro cabeça machucar
 'a velha está machucando a cabeça do cachorro'
- (721) ka ha kupē?kz j-apro
 3 IRR pano PR-levar
 'você vai comprar pano'
- (722) rōpti te i?-kuran
 onça ERG 3-matar
 'a onça o matou'
- (723) pa?-te h-akep
 1incl-ERG 3-cortar
 'nós o cortamos'

O sistema de marcação de caso (se ergativo-absolutivo ou nominativo-absolutivo), assim como a distribuição das formas verbais (se não-finita ou finita), está condicionada pela expressão do tempo passado recente (como nos exemplos mostrados acima) ou pela ocorrência de operadores:

- (724) v̄ej-kahāj apu r̄p krā katswir t̄?hi
 velha PRG cachorro cabeça machucar.NF muito
 ‘a velha está machucando muito a cabeça do cachorro’

- (725) ka ha n̄e kupē?k3 j-apro nare
 3 IRR NEG pano PR-levar NEG
 ‘você não vai comprar pano’

A ocorrência e o condicionamento do sistema de marcação de caso e das formas verbais estão sintetizados no quadro abaixo:

	Passado simples	Operador pós-verbal	Nenhum dos anteriores
sistema marcação caso forma verbal	ergativo-absolutivo não-finita	nominativo-absolutivo não-finita	ativo-estativo finita

4.3.1.2.2 Predicados Transitivos com ‘Sujeito’ Experienciador

Os predicados transitivos com ‘sujeito’ experienciador caracterizam-se por terem como núcleo um verbo cujo ‘sujeito’ é seguido pela posposição dativa. ‘Sujeito’ dativo, na definição de Givón (2001), representa um participante sem pretender ou iniciar ativamente o evento.

O ‘sujeito’ pode ser representado por um SN ou por um prefixo pronominal. O ‘objeto’ pode ser representado por um SN antes do verbo ou por um prefixo pessoal no verbo.

- (726) j̄t̄kahi mā a-k̄n
 J̄t̄kahi DAT 2-sentir.alegria
 ‘J̄t̄kahi gosta de você’
 (lit.: ‘você dá alegria para J̄t̄kahi’)

- (727) ku-mā i?-kra p̄em
 3-DAT3-filho dar.à.luz
 ‘ela deu à luz (o seu filho)’
 (lit.: ‘o filho dela caiu para ela’)

Assim como nos predicados intransitivos com ‘sujeito’ experienciador, não há variação na forma verbal. O tempo passado e o modo *irrealis* ocorrem marcados nesses predicados através das partículas *pe* e *ha*, respectivamente. Já o aspecto é expresso por operadores pós-verbais.

- (728) ka ha a-mā i?-k̄n
 2 IRR 2-DAT3-gostar
 ‘você vai gostar dele’

- (729) pe ku-mã iʔ-kra pəm
 PD 3-DAT 3-filho dar.à.luz
 ‘há um tempinho atrás ela deu à luz’
- (730) ke ha ku-mã iʔ-kra pəm
 3 IRR 3-DAT 3-filho dar.à.luz
 ‘ela vai dar à luz’

Importante observar que o verbo präm ‘querer’ pode ocorrer com dois tipos de ‘sujeito’: prefixo pronominal seguido da posposição de dativo ou pronome livre.

- (731) i-mã tep nã präm
 1-DAT peixe POSP querer
 ‘eu quero peixe’
- (732) wa tep nã präm
 1 peixe POSP querer
 ‘eu quero peixe’

Nos casos com o verbo präm, o complemento do verbo, quando nominal, vem marcado pela posposição nã. Se complemento verbal, essa posposição não precisa ocorrer.

4.3.1.2.3 Predicados com Verbos Bi-Transitivos

Predicados com verbos bi-transitivos codificam eventos com três participantes obrigatórios, um com a função de ‘sujeito’ sintático e os outros dois de ‘objetos’. Dos dois objetos, um assume a função sintática de ‘objeto direto’ e o outro de ‘objeto indireto’ (Givón: op.cit).

Os ‘objetos indiretos’ são de três tipos:

- Objeto indireto dativo-benefactivo
- (733) ku ha pedro mã məkə jn-ɔ
 1incl IRR Pedro DAT mocó PR-dar
 ‘nós vamos dar o mocó para o Pedro’
- (734) wa i-te ku-mã rɔpti j-akrə
 1 1-ERG 3-DAT onça PR-mostrar
 ‘eu mostrei a onça para ele’
- Objeto indireto locativo
- (735) ø apu pur kām kwər krə
 3 PRG roça LOC mandioca plantar
 ‘ele está plantando mandioca na roça’

- (736) i-tε pej kãm a-pupun
1-ERG espelho LOC 2-ver
'eu vi você no espelho'

- Objeto indireto instrumental

- (737) ke ha pej ita to h-akεp
3 IRR espelho DEM INS 3-cortar
'ele vai cortá-lo com o espelho'

4.3.1.2.4 Predicados com Complemento Oracional

Os verbos que ocorrem nesse tipo de predicado podem ocorrer como núcleo de outros predicados também. Dependendo do verbo, seus complementos podem ser finitos ou não-finitos.

A partir das características semânticas e sintáticas do seu verbo, os predicados transitivos com complemento oracional podem ser divididos em três tipos:

- Predicados com verbos de modalidade

O 'sujeito' desses verbos é marcado com o caso dativo ou, no caso verbo prām 'querer', podendo ser expresso também por um pronome livre. O complemento verbal é sempre uma sentença não-finita (entre []).

- (738) i-mã [i-j-akrε] kīn
i-DAT 1-PR-plantar.NF gostar
'eu gosto de plantar'

- (739) i-mã [kro jn-í krēr] prām
1-DAT porco PR-carne comer.NF querer
'eu quero comer carne de porco'

- (740) wa [i-jñt] prām
1 1-dormir.NF querer
'eu quero dormir'

- Predicados com verbos de manipulação

O 'sujeito' desses verbos pode ser marcado pelo caso ergativo ou ser expresso por nominal ou um pronome livre. O complemento verbal é sempre uma sentença finita.

- (741) ka a-te i-kujahek [wa i-kator]
2 2-ERG 1-mandar DS 1-sair
'você me mandou sair'

- (742) ka i-to= tʃa [i-tε a-pupun nã]
2 1-CAUS= obrigar 1-ERG 2-ver POSP
'você me obrigou a te olhar'

- Predicados com verbos de cognição, percepção e expressão

A característica semântica do ‘sujeito’ desses verbos (se experienciador, paciente ou agente) é que vai determinar a sua forma de expressão (se marcado com o caso dativo ou não). O complemento verbal é sempre uma sentença não-finita.

- (743) i-kra mā [bisikr̥t tɔ= iʔ-mprar] j-aʔkr̥e=pej
1-filho DAT bicicleta CAUS= 3-andar.NF PR-saber=POST
'meu filho sabe andar de bicicleta'
- (744) a-te [kupẽʔkə j-apro] tɔ= a-j-apak=ket
1-ERG pano PR-levar CAUS= 2-PR-lembrar=NEGT
'você esqueceu de comprar pano'
- (745) kahāj te i-kra pupun [pur wər mōr nā]
mulher ERG 1-filho ver.NF roça DIR ir.NF POSP
'a mulher viu meu filho indo pra roça'

Esses verbos, por ocorrerem como núcleos da oração principal (numa oração complexa), serão analisados em detalhes no capítulo 5.

4.3.2 Predicados não-verbais

Os predicados não verbais são expressos na língua por meio de duas construções: construções com cópula e construções justapostas. A ordem não marcada de seus constituintes é sempre sujeito + predicado.

Semanticamente, sentenças copulares representam estados (permanentes ou temporários). Seu sujeito ocupa o papel semântico de paciente ou de dativo do estado (Givón, 2001). A palavra copular (um verbo, por exemplo) que ocorre nessas construções expressa a relação existente entre um sujeito e um predicado nominal.

Em Apâniekrá não há verbos copulares. A palavra que expressa essa relação é uma posposição. Essas construções com cópula são representadas por um sujeito expresso por uma locução posposicional (seguida pela posposição **pe**), enquanto que uma locução nominal (nome ou um verbo nominalizado) funciona como predicado.

O outro tipo de estrutura de predicado não-verbal na língua são as construções justapostas. Na justaposição não há nenhum elemento gramatical que expresse a relação entre o sujeito e o predicado nominal, ao contrário, essas construções consistem apenas de um nome em posição de predicado mais seu sujeito.

As construções com cópula são encontradas em predicados equativos enquanto as construções com justaposição também são encontradas em predicados equativos, possessivos e locativos.

4.3.2.1 Predicados Equativos

Esses predicados têm como características 1) indicar uma relação de identidade entre entidades co-referentes e 2) serem expressos por dois tipos de construção (cópula ou justaposição).

Nas construções com cópula, a posição de sujeito do predicado equativo pode ser ocupada por um pronome dependente (prefixado à cópula) ou por um ou mais nomes (próprios ou não) coordenados. O núcleo do predicado pode ser ocupado por um nome próprio ou por um nome alienável ou inalienável. Pode ocorrer ainda, no início da sentença, uma partícula indicando tempo passado:

- (746) a-pe hūmre
2-COP homem
'você é homem'

- (747) ku-pe ko
3-COP água
'é água'

- (748) kahāj mē a?krajrε pe apənjekra
mulher CONJ criança COP apāniekrá
'a mulher e a criança são apāniekrá'

- (749) anelivaldo mē zequinha pe i?‑kahok kahitkate
Anelivaldo CONJ Zequinha COP 3-estudar NMZ
'Anelivaldo e Zequinha são professores'

- (750) ku-pe a-prō
3-COP 2-esposa
'ela é a tua esposa'

- (751) pe ramā ku-pe pa?hi
PD ASP 3-COP chefe
'ele já foi chefe'

Nas construções justapostas, a posição de sujeito é ocupada por um demonstrativo. O núcleo do predicado pode ser ocupado por um nome próprio ou por um nome alienável ou inalienável.

- (752) ita mā alice
DEM TOP Alice
'esta é Alice'

- (753) ita a-jn-ítſi
DEM 2-PR-esposa
'esta é tua esposa'

É possível que o sujeito seja expresso também por pronomes dependentes prefixados ao nome (este, por sua vez, o núcleo do predicado). No entanto, os nomes que

ocorrem nesse tipo de construção precisam ser ao mesmo tempo não possuíveis e flexionáveis⁵:

- (754) i-kahāj
1-mulher
'eu sou mulher'

- (755) a-tʃ-ūm-re
2-PR-masc-hum
'você é homem'

não sendo possível nesses exemplos uma interpretação possessiva de 'minha mulher' ou 'meu homem'.

Há ainda as construções justapostas cujos sujeitos e núcleos do predicado são representados por locuções nominais:

- (756) kahāj j-aprē maria
mulher PR-nome Maria
'o nome da mulher é Maria'

- (757) flavia maria amélia tōj
Flávia Maria Amélia irmã
'Flávia é irmã da Maria Amélia'

4.3.2.2 Predicados Possessivos

Esses predicados apresentam vários tipos de construção. Uma delas é constituída por um nome (alienável ou inalienável) que ocorre na posição de núcleo do predicado, o qual é precedido por seu sujeito, marcado pelo caso dativo.

- (758) ku-mā tēp
3-DAT peixe
'ele tem peixe'

- (759) ke ha i-mā tēp
3 IRR 1-DAT peixe
'eu vou ter peixe'

- (760) kōrmā i-mā i-jʒpən-tʃʒ
ainda 1-DAT 1-comer-NMZ
'eu ainda tenho comida'

⁵ Em futuros estudos, verificarei a possibilidade de os termos *kahāj* 'mulher' mas também 'fêmea' e *hūmrε* 'homem' mas também 'macho', assim como *aka* 'branco', *vɛj* 'velho' e *pñt̪* 'pesado', constituírem uma classe de adjetivos.

- (761) mẽ ku-mã amjĩ-kĩn-tʃɛ
PL 3-DATRFL-sentir.alegria-NMZ
'eles têm namorada'

Nos casos em que o nome é inalienavelmente possuído, o sujeito e o prefixo de posse são co-referentes. Para os nomes alienavelmente possuídos, o nome pode ou não receber a marca de genitivo -õ.

- (762) a-mã a-tõ
2-DAT 2-irmão
'você tem irmão'

- (763) a-mã pɔrkre
2-DAT canoa
'você tem canoa'

- (764) kupri mã h-õ tʃü
menina DAT 3-GENpai
'a menina tem pai'

Importante observar também que, quando ocorrem em orações negativas ou interrogativas, o sujeito dos predicados possessivos pode vir seguido pela posposição malefactiva **pe** (ao invés da dativa **mã**):

- (765) a-mã pɔrkre? ou a-pe pɔrkre?
2-DAT canoa
'você tem canoa?' 2-MAL canoa
'você não tem canoa?'

- (766) ku-mã i?-prõ inare ou
3-DAT 3-esposa NEG

ku-pe i?-prõ inare
3-MAL 3-esposa NEG
'ele não tem esposa'

O outro tipo de construção dos predicados possessivos é constituído por um ou mais nomes (referentes humanos) ou um prefixo pronominal em posição de sujeito. O núcleo do predicado é preenchido por uma palavra que indica posse **kje**. Nessas construções, quando o sujeito é expresso por um pronome dependente, este vem marcado pela posposição **te** (genitivo).

- (767) i-te kje
1-GENPOS
'é meu'

- (768) maría rosa mẽ pedro sinduca amjí tō i?‑kje
 Maria Rosa CONJ Pedro SinducaRFL irmão 3-POS
 ‘Maria Rosa e Pedro Sinduca são irmãos’

4.3.2.3 Predicados Locativos

Esses predicados são constituídos por um sintagma nominal em posição de sujeito e um sintagma posposicional (indicando lugar) como predicado.

- (769) h-ɔ?tō h-arkwa kām
 3PG-língua 3PG-boca LOC
 ‘a língua está na boca’

- (770) kwər pur kām
 mandioca roça LOC
 ‘tem mandioca na roça’

Algumas construções locativas apresentam um verbo posicional no final da sentença.

- (771) ma intſe j-ūkwa kām alice apu
 DIR mãe PR-casa LOC Alice em.pé
 ‘Alice está na casa da minha mãe (andando)’

- (772) ma intſe j-ūkwa kām alice jn-i
 DIR mãe PR-casa LOC Alice PR-sentado
 ‘Alice está na casa da minha mãe (sentada)’

- (773) pɔrk̩rē kām jn-i
 canoa LOC PR-sentado
 ‘(ele está) na canoa (sentado)’

4.4 Tipos de oração

Considerando o estatuto da informação (informação velha (pressuposta) e informação nova (não-pressuposta)), apresento a seguir as propriedades de articulação das oposições tópico-comentário e foco-pressuposição do Timbira Apāniekrá, estabelecidas a partir do seu contraste com as orações declarativas básicas e clivadas.

Com relação à articulação tópico-comentário, foi possível reconhecer na língua dois tipos de construções topicalizadas: o tópico propriamente dito e o tópico contrastivo. Embora seja possível considerá-los como duas estratégias diferentes de codificação do tópico, esse contraste pode ser neutralizado:

- (774) wakə ka ha a-pi
 faca 2 IRR 2-pegar
 ‘a faca (,) você vai pegá-la’

- (775) wakə a-te i-pir
 faca 2-erg 3-pegar
 ‘a faca (,) você a pegou’

Nos exemplos acima, a única maneira de identificar o tipo de tópico seria via entonação (entonação simples para o tópico contrastivo, entonação de vírgula para o tópico propriamente dito). O que não me parece uma tarefa muito fácil, a não ser que os dados trabalhados sejam elicitados. Nas narrativas, esse trabalho é extremamente complicado.

Com relação à articulação foco-pressuposição, considero que as construções com foco apresentacional já estão preliminarmente descritas. No entanto, ainda tenho dúvidas em algumas construções com foco contrastivo: as que usam a coordenação de sentenças. Talvez uma descrição das estratégias de combinações das sentenças em Apāniekrá permita uma análise mais abrangente dessas sentenças coordenadas, utilizadas para codificar o foco contrastivo.

A descrição das propriedades de tópico e foco em Apāniekrá apresentada aqui representa apenas um esboço do problema. No entanto, tem como objetivo servir de roteiro para futuros estudos que aprofundem o tema na língua. Essa pesquisa, desenvolvida a partir de textos orais, só será possível quando se tiver uma boa compreensão da língua.

Um dos critérios usados para distinguir construções topicalizadas de construções focalizadas é o estatuto da informação. Rizzi (1997) considera que tópico é o elemento mais à esquerda e expressa uma informação velha. Já o foco introduz uma informação nova. A partir dos testes para identificação do foco apresentacional e do foco contrastivo, propostos por Zubizarreta (1998), e das considerações sobre construções de tópico, apresentadas por Rizzi (1997), foram elaborados testes compostos de perguntas e respostas que apliquei a meus informantes do Timbira Apāniekrá.

A análise dos resultados foi feita utilizando a metodologia proposta em Givón (2001). Nesse livro, o autor discute as estratégias de codificação do tópico (principalmente o uso pragmático da ordem dos constituintes e, algumas vezes, morfologia e entonação) e de codificação do foco (entonação, ordem dos constituintes e morfologia).

4.4.1 Orações declarativas

4.4.1.1 Declarativas básicas

As declarativas básicas são orações não-marcadas. Seguem, portanto, a ordem dos constituintes apresentada em 4.1:

- (775) wa ha tʃ-wa
 1 IRR PR-banhar
 ‘eu vou banhar’

- (776) ku-te a-mã kukrit pĩr
 3-ERG 2-DAT anta matar.com.flecha
 ‘ele matou anta pra você’

4.4.1.2 Declarativas clivadas

As construções clivadas apresentam um constituinte deslocado para a esquerda da oração seguido pela partícula ri:

- (777) ku-te ri i-pĩr
 3-ERG CLV 3-matar.com.flecha
 ‘foi ele que matou’
- (778) kukrit ri i-te i-pĩr
 anta CLV 1-ERG 3-matar.com.flecha
 ‘foi anta que eu matei’
- (779) a-mã ri i-te kukrit pĩr
 2-DATCLV 1-ERG anta matar.com.flecha
 ‘foi pra você que eu matei anta’

4.4.1.3 Declarativas focalizadas

As construções focalizadas são expressas via acento (foco *in situ*) e na posição final da sentença (ambas estratégias utilizadas para o foco apresentacional), via sentenças clivadas (foco apresentacional e contrastivo) e via deslocamento do constituinte contrastado para a periferia sintática esquerda (foco contrastivo).

4.4.1.3.1 Foco apresentacional

As características sintáticas e tipológicas do foco apresentacional são:

- ocorrência *in situ* ou no final da sentença:
- (780) ku-te [hĩ tʃet]_{Foco}
 3-ERG carne assar
 ‘ele assou carne’
 (contexto ‘o que o Pedro fez’)
- (781) [ku-te kars kuran]_{Tóp} [pedro te]_{Foco}
 3-ERG veado matar Pedro ERG
 ‘ele matou veado, o Pedro’
 (contexto ‘quem matou o veado’)
- fronteamento do constituinte focado via clivagem.

- (782) pedro te ri i-tʃet
 Pedro ERG CLV 3-assar
 ‘foi o Pedro que a assou’
 (contexto ‘quem assou a carne’)
- (783) karʒ ri ku-te i?-kuran
 veado CLV 3-ERG3-matar
 ‘foi veado que ele matou’
 (contexto ‘o que o Pedro matou’)
- (784) kars ita intʃe mã ri ku-te i?-kuran
 veado DEM mãe DAT CLV 3-ERG3-matar
 ‘o veado, foi para a minha mãe que ele matou’
 (contexto ‘para quem ele matou o veado’)

4.4.1.3.2 Foco contrastivo

As características do foco contrastivo são:

- fronteamento do constituinte contrastado (via deslocamento à esquerda ou clivagem);
- concordância pronominal obrigatória com o ‘objeto’ deslocado.

Para os dois tipos de focalização, há manutenção da marcação de caso do NP nominal. Quando o elemento contrastado for pronominal, este ocorrerá em sua forma enfática, podendo muitas vezes vir marcado pela posposição que marca o tópico.

- (785) ta mã wa i-te ø kakwĩn
 3 TOP 1 1-ERG3-bater
 ‘foi nele que eu bati (e não em outro)’
- deslocamento à esquerda
- (786) ke [kumtum nã]FocoCont ku-te ø kator
 não capivara POSP 3-ERG3 assar
 ‘não, capivara ele assou’
 (contexto ‘ele assou veado?’)
- (787) [karʒ]FocoCont nẽ [kumtum]Top nẽ ku-te ø nã kator
 veado e capivara NEG 3-ERG3 POSP assar
 ‘veado, e não capivara, ele assou’
 lit.: ‘veado e, capivara, ele não a assou’
 (contexto ‘ele assou a capivara?’)
- clivagem
- (788) i-te ri a-kakwĩn
 1-ERG CLV 2-bater
 ‘fui eu que bati em você (e não outro)’

- (789) atar ri keha i-mã amjí kín narε
lá CLV FUT 1-DAT RFL alegre NEG
‘naquele lugar é que eu vou ficar triste (e não em outro)’

4.4.1.4 Declarativas topicalizadas

As estratégias utilizadas nas construções topicalizadas são deslocamento à esquerda (*left dislocation*) e tópico contrastivo (*Y-movement*).

4.4.1.4.1 Tópico (deslocamento à esquerda)

As características sintáticas e tipológicas do deslocamento à esquerda são:

- um contorno entonacional separado do NP deslocado;
- neutralização da marcação de caso do NP tópico;
- retomada pronominal do NP tópico na sentença (se OD).

- (790) [hūmre]_{TÓP} ku-te karʒ kuran
homem 3-erg veado matar
‘o homem, ele matou veado’
- (791) [karʒ]_{TÓP} hūmre te i?-kuran
veado homem ERG 3-matar
‘o veado, homem o matou’
- (792) [karʒ kuran]_{TÓP} pedro te kojkwakrʒ kām
veado matar Pedro ERG verão LOC
‘matar veado, o Pedro (matou) no verão’
(contexto ‘em que época o Pedro matou muito veado?’)

Há ainda uma alternativa paratática, em que se pode expressar a informação pressuposta na construção de foco. Essa parte é freqüentemente dispensada porque está altamente acessível. Uma hipótese seria considerar essas construções como uma saída encontrada pela língua para manter o foco na posição final da sentença (muitas línguas rigidamente SOV preferem colocar o foco na última posição da sentença):

- (793) [ku-te karʒ kuran]_{TÓP} pedro te
3-ERG veado matar Pedro ERG
‘ele matou veado, o Pedro’
(contexto ‘quem matou o veado?’)
- (794) [ku-te i?-kuran]_{TÓP} kojkwakrʒ kām
3-ERG 3-matar verão LOC
‘ele o matou, no verão’
(contexto ‘em que época o Pedro matou muito veado?’)

4.4.1.4.2 Tópico contrastivo

As características sintáticas e tipológicas do tópico contrastivo são:

- um contorno entonacional simples;
- manutenção da marcação de caso do NP;
- concordância pronominal obrigatória com o ‘objeto’ deslocado.

(795)	[kī]TC	wa	ha	ku-krē	nē	[tēp]TC	wa	ku-tf-i
	carne	1	IRR	3-comer	CONJ	peixe	1	3-PR-guardar
‘a carne, eu vou comer e o peixe, eu vou guardar’								

4.4.2 Orações negativas

A negação dos predicados em Apâniekrá é feita por *nē* (partícula de intensificação da negação) e *na*, *nare* ou *inare* (operadores de negação). A negação categórica é *ke* ‘não’.

(796)	ke	nē	i-j-ʒpən	nare
	não	NEG	1-PR-comer	NEG
‘não, eu não comi’				

A partícula *nē* ocorre sempre em 2^a posição (3^a se houver a partícula de modo *irrealis*) na sentença no sistema nominativo-absolutivo (ou seja, seguindo o sujeito, quando este é expresso por nominal ou pronome livre). No sistema ergativo-absolutivo ou nas sentenças com cópula *nē* ocorre em primeira posição na sentença, embora possa ocorrer também em segunda se o sujeito for ergativo.

A variação *na* e *nare* ainda não está clara, já que as duas formas ocorreram como operadores de polaridade na mesma posição (sempre no final da sentença). Essas formas negam os predicados verbais (com exceção dos não-ativos) e os equativos e locativos.

Já a forma *inare* ocorre na negação dos predicados verbais com verbos intransitivos não-ativos e na negação dos predicados não-verbais (com exceção dos equativos). A forma *hamnare* ocorre apenas na negação dos predicados possessivos.

A diferença entre *nare* e *inare* parece estar relacionada com o estado + ou – contingente expresso nos predicados. No entanto, essa hipótese ainda precisa ser verificada.

4.4.2.1 Negação do predicado verbal

No sistema nominativo-absolutivo *nē* ocorre sempre seguindo o sujeito (nominal ou pronominal (pronome livre)) com *nare* ocorrendo no final da sentença.

(797)	a?krajre	nē	r̥p	kahir	prām	nare
	menino	NEG	cachorro	bater.NF	querer	NEG
‘o menino não quer bater no cachorro’						

- (798) ke ha n̄e i?̄-təj r̄op kah̄ir pr̄am nare
 3 IRR NEG 3-força cachorro bater.NF querer NEG
 ‘ele não vai querer (com certeza) bater no cachorro’

Para *n̄e* ocorrer em primeira posição na sentença só quando a língua está operando no sistema ergativo-absolutivo.

- (799) n̄e hūmr̄ tʃwər nare
 NEG homem banhar NEG
 ‘o homem não banhou’

- (800) n̄e a-te i-pupun nare
 NEG 2-ERG 1-ver NEG
 ‘você não me viu’

Embora com os sujeitos ergativos (pronominais e nominais), a partícula de ênfase possa ocorrer também em segunda posição:

- (801) i-te n̄e irərə nā i-nām to=i-j-apak=ket nare
 1-ERGNEG cedo 1-levantar CAUS=1-PR-lembrar=NEGT NEG
 ‘eu esqueci de levantar cedo’

- (802) a?krajr̄ te n̄e hī kr̄ēr nare
 criança ERG NEG carne comer NEG
 ‘a criança não comeu carne’

Exatamente por se tratar de uma partícula de ênfase, *n̄e* muitas vezes não ocorre. Também não encontrei ocorrências de ênfase nos predicados intransitivos com sujeito experienciador:

- (803) a?krajr̄ mā pr̄am nare
 criança DAT sentir.fome NEG
 ‘a criança não está com fome’

Como mencionado anteriormente, a negação do predicado não-ativo se faz com o uso do operador *inare*:

- (804) kah̄aj ita n̄e kakr̄o inare
 mulherDEM NEG estar.quente NEG
 ‘a mulher não está com febre’

Sendo que quando o verbo não-ativo termina em consoante, o operador realiza-se foneticamente como *nare* (ao invés de *inare*):

- (805) rɔp tərtet (i)nare
 cachorro tremer NEG
 'o cachorro não está tremendo'

4.4.2.2 Negação do predicado não-verbal

Nos predicados não-verbais, a negação é indicada pela ocorrência do operador de negação *nare* (nos predicados equativos e locativos) ou por *inare* ou *hamnare* (nos predicados possessivos).

- (806) ita a-ji-̄t̄j̄i nare
 DEM 2-PR-esposa NEG
 'esta não é a sua esposa'

- (807) n̄e ku-pe a-prō nare
 NEG 3-COP 2-esposa NEG
 'ela não é a sua esposa'

- (808) kwər pur kām nare
 mandioca roça LOC NEG
 'não há mandioca na roça'

- (809) intuw pe amj̄i-k̄in-t̄ʃ̄s inare ou
 rapaz MAL RFL-sentir.alegria.NMZ NEG

- intuw pe amj̄i-k̄in-t̄ʃ̄s hamnare
 rapaz MAL RFL-sentir.alegria.NMZ NEG
 'o rapaz não tem namorada'

5. SENTENÇAS COMPLEXAS

Neste capítulo serão descritas algumas das construções com dois verbos na língua. Os tipos de sentenças tratadas aqui serão as subordinadas completivas e relativas e as coordenadas.

5.1 Sentenças completivas

As completivas verbais são sentenças que funcionam como argumentos sujeito ou objeto de outras sentenças. As sentenças complemento são análogas aos objetos sentenciais. Os verbos que tomam sentenças como complementos, podendo ter complemento verbal ou objeto nominal, pertencem a três classes principais: verbos de modalidade, verbos de manipulação e verbos de percepção, cognição e expressão. (Givón, 2001)

Em Apāniekrá, a principal característica das sentenças complemento é a ocorrência do verbo em sua forma não-finita, i.e. em uma estrutura nominalizada.

Uma sentença é mais comumente nominalizada (Givón, op.cit.) quando ela ocupa uma posição/função prototípica nominal – sujeito, OD, OI ou predicado nominal – de outra sentença. A nominalização gramatical (ao invés da derivação lexical) pode ser definida como um processo pelo qual uma sentença verbal finita – uma sentença complemento ou um sintagma verbal sem sujeito – é convertido em um sintagma nominal. Com o sintagma nominalizado, o deverbal assume a função sintática de núcleo nominal, enquanto outros constituintes sentenciais – sujeito, objetos, complementos verbais ou advérbios – assumem a função de modificadores.

A nominalização é mais bem descrita nos termos dos ajustes sintáticos do protótipo da sentença verbal finita para o protótipo nominal. Os componentes de tais ajustes em Apāniekrá são:

- verbo freqüentemente adquire morfologia nominalizada;
- é comum a perda da morfologia tempo-aspecto-modo.

A sintaxe da complementação em Apāniekrá, na perspectiva de uma gramática ‘escalar’ da integração de eventos subjacente ao complexo *continuum* cognitivo-semântico (Givón (op. cit.)), é esboçada no quadro abaixo. O objetivo do quadro é mostrar o isomorfismo sistemático entre a semântica e a sintaxe da complementação em Apāniekrá:

Integração máxima do evento (um evento simples)

M	O	DALIDADE
M	A	PERCEPÇÃO
NIPULAÇÃO		COGNIÇÃO
		EXPRESSÃO (PCU)

Integração mínima do evento (dois eventos distintos)

Ou seja, quanto maior a integração entre os verbos em Apāniekrá (i. e., os de modalidade), maior a relação de dependência sintática entre as sentenças, e vice-versa (os de manipulação e de percepção, cognição e expressão (PCU)).

A seguir, as sentenças complemento em Apāniekrá são descritas de acordo com a classe do verbo da sentença principal.

5.1.1 Verbos de modalidade

Verbos em Apāniekrá como ‘querer’, ‘acabar’, ‘parar’ e ‘continuar’ apresentam como características (a partir de Givón, op. cit., sobre verbos de modalidade):

Protótipo semântico:

- o verbo principal codifica a ação, estado ou atitude aspectual (início, término, continuação) ou modal (intenção) de seu sujeito em relação ao evento/estado codificado na sentença complemento;
- o sujeito da sentença principal é co-referente com o sujeito da sentença complemento.

Protótipo sintático:

- o sujeito do verbo principal é também o sujeito da sentença complemento;
- o sujeito da sentença complemento concorda com o sujeito;
- o verbo da sentença complemento é sempre não-finito;
- a sentença complemento é análoga ao objeto da sentença principal OV.

Como exemplos desses verbos de modalidade em Apāniekrá, encontrei alguns verbos intransitivos não-ativos, que são causativizados para expressar categorias aspectuais. Nesses casos, a forma do verbo intransitivo complemento (não-finito) apresenta concordância com o sujeito:

(810)	ø	apu	[h-ʒpən]	to=	h-amrə
	3	PRG	3-trabalhar.NF	CAUS=	3-acabar
‘ele está acabando de trabalhar’					

(811)	ka	ha	[a-j-ʒpən]	to=	h-iku
	2	IRR	2-PR-comer.NF	CAUS=	3-parar
‘você vai parar de comer’					

(812)	ka	ha	[hĩ kur]	to=	h-iku
	2	IRR	carne comer.NF	CAUS=	3-parar
‘você vai parar de comer carne’					

Uma outra construção co-ocorrendo na língua, também utilizada para expressar categorias de aspecto, apresenta esse verbo não-ativo em sua correspondente não-causativa:

(813)	ka	ha	[a-j-ʒpən]	j-iku
	2	IRR	2-PR-comer.NF	PR-parar
‘você vai parar de comer’				

- (814) ka ha [hī kur] j-iku
 2 IRR carne comer.NF PR-parar
 ‘você vai parar de comer carne’
- (815) ø apu [h-əpen] j-am=re
 3 PRG 3-trabalhar.NF RP-acabar
 ‘ele está acabando de trabalhar’

Os verbos *pa* e *ŋkrə* podem também ser causativizados para expressar aspecto continuativo. Nesses casos, o verbo principal e o da oração complemento (se transitivo) apresentam concordância com o sujeito (nominal ou pronome livre):

- (816) ka kři ita kām apu a-pa
 2 aldeia DEM LOC PRG 2-viver
 ‘você mora na aldeia’
- (817) wa [i-kakok] tɔ= i-pa
 1 1-falar.NF CAUS= 1-viver
 ‘eu vivo falando’
- (818) ka [a-j-əpən] tɔ= a-pa
 2 2-PR-comer.NF CAUS= 2-viver
 ‘você vive comendo’
- (819) rɔp [hī kur] tɔ= i?̩-pa
 cachorro carne comer.NF CAUS= 3-viver
 ‘o cachorro vive comendo carne’
- (820) ko ŋkrə
 água estar.seco
 ‘a água secou’
- (821) wa [i-kakok kām] tɔ= i-ŋkrə
 1 1-falar LOC CAUS= 1-continuar
 ‘eu continuo falando’

O verbo *prām* ocorre com dois tipos de sujeito: dativo e pronome livre. Se sujeito dativo, sua sentença complemento ocorre preferencialmente (mas não categoricamente) marcada pela partícula *nā*:

- (822) i-mā [i-ŋlōt na] prām
 1-DAT 1-dormir.NF SUB querer
 ‘eu quero dormir’

(823)	i-mã	[kro jn-í	krēr]	prām	nare
	1-DAT	carne	PR-carne	comer.NF	querer NEG
‘eu não quero comer carne de porco’					

Se o sujeito é um nominal ou pronome livre, o subordinador não ocorre:

(824)	wa	[i-jnōt]	prām
	1	1-dormir.NF	querer
‘eu quero dormir’			

(825)	wa	mẽ	[rosane	mã	kuhe	jn-ōr]	prām
	1	PL	Rosane	DAT	arco	PR-dar.NF	querer
‘nós queremos dar arco pra Rosane’							

5.1.2 Verbos de manipulação

Verbos em Apâniekrá como ‘fazer’, ‘deixar’, ‘pedir’ e ‘falar’ apresentam como características (a partir de Givón, op. cit., sobre verbos de manipulação):

Protótipo semântico:

- o agente do verbo principal manipula o comportamento do **manipulado** (*manipulee*), um agente potencial;
- o manipulado do verbo principal é **co-referente** com o agente do verbo complemento;
- a sentença complemento codifica o **evento alvo** a ser realizado pelo manipulado.

Protótipo sintático:

- o agente-manipulador do verbo principal é o sujeito da sentença principal;
- o manipulado do verbo principal é o objeto direto da sentença principal;
- o manipulado do verbo principal é também o sujeito da sentença complemento;
- o sujeito-manipulado da sentença complemento é codificado como zero na sentença complemento (se verbo transitivo) ou indicado por um prefixo pronominal (se verbo intransitivo);
- o verbo da sentença complemento apresenta uma morfologia não-finita (se um evento simples) ou finita (se dois eventos), dependendo do verbo de manipulação;
- duas ordens são possíveis para a sentença complemento: Comp SOV e SOV Comp;
- as duas sentenças podem ser separadas por uma partícula subordinadora.

(826)	hūmrē	ita	te	pije	nā	h-3?wər	[ke	ku-mã	ape]
	homem	DEM	ERG	mulher	POSP	3-pedir	DS	3-DAT	trabalhar
‘o homem pediu para a mulher para ela trabalhar para ele’									

(827)	i-te	hūmrē	ita	mã	[ke	i-mã	ø to]
	1-ERG	homem	DEM	DAT	DS	1-DAT	3-fazer
‘eu (falei) para o homem para ele fazer para mim’							

O verbo *prām* pode ser usado como verbo de manipulação. Nessas construções, ele ocorre causativizado e o sujeito da sentença principal é um pronome livre. A ordem é Comp SOV:

- (828) [t̪ep kr̩r nã] wa a- tɔ= prām
 peixe comer.NF SUB 1 2- CAUS= querer
 ‘eu quero que você coma peixe’
- (829) [a- ɪkr̩r nã] wa a- tɔ= prām
 2- cantar.NF SUB 1 2- CAUS= querer
 ‘eu quero que você cante’

Para ‘deixar’, encontrei na língua quatro verbos diferentes. O traço semântico que diferencia esses verbos parece estar relacionado com a categoria de tempo:

Presente: (*-amār* e *tɔ=tɔ=i-nō¹*), ordem Comp SOV. A sentença complemento é marcada pela partícula *nā* e o seu verbo apresenta morfologia não-finita.

- (830) [i-ɪkr̩r nã] ka i-j-amār
 1-cantar.NF SUB 2 1-PR-deixar
 ‘você me deixa cantar’
- (831) [i-ɪkr̩r nã] ka i-tɔ= tɔ= i-nō
 1-cantar.NF SUB 2 1-CAUS= CAUS= 1-deixar
 ‘você me deixa cantar’
- (832) [a-ɪkr̩r nã] wa a-tɔ= tɔ= i-nō
 2-cantar.NF SUB 1 2-CAUS= CAUS= 1-deixar
 ‘eu deixo você cantar’

Futuro (*ūte*) e Passado (*a-ɪk̩re* e *hūten*): ordem SOV Comp. A sentença complemento tem a mesma estrutura da principal; não há ocorrência da partícula subordinadora *nā*.

- (833) ke ha i-mā h-ūte [wa ha ku-ku]
 3 IRR 1-DAT3-deixar DS IRR 3-comer
 ‘ele vai me deixar comer’
- (834) ke ha a-mā h-ūte [ka ha a-ku]
 3 IRR 2-DAT3-deixar DS IRR 2-comer
 ‘ele vai deixar você comer’

¹ Talvez a forma causativizada do verbo *nō* ‘deitar’ tenha se gramaticalizado com o prefixo de 1ª pessoa *i-* (assim como *tɔ=tɔ=i-kō* ‘beber’ (transitivo)). Curiosamente também, nesse verbo há dois clíticos causativos.

- (835) i-te a-mã h-a?kre [ka a-ku]
1-ERG 2-DAT 3-deixar DS 2-comer
'eu deixei você comer'
- (836) a-te i-mã h-a?kre [wa ku-ku]
2-ERG 1-DAT 3-saber DS 3-comer
'você me deixou comer'
- (837) a-te i-mã h-ūten [wa ku-ku]
2-ERG 1-DAT 3-deixar DS 3-comer
'você me deixou comer'

Com os verbos *kujahek* 'mandar' e *tōn* 'fazer', embora a sentença complemento não seja marcada pela partícula *nã*, o seu verbo apresenta morfologia não-finita. A ordem é SOV Comp. A ocorrência do marcador de mudança de sujeito (*mã*) será analisada no item sobre *switch-reference*.

- (838) wa i-te i?-kujahek mā [ø kator]
1 1-ERG 3-mandar DS 3-sair
'eu mandei ele sair'
- (839) ku-te i-kujahek [wa i-kator]
3-ERG 1-mandar DS 1-sair
'ele me mandou sair'
- (840) i-te ø tōn mā [h-aka]
1-ERG 3-fazer DS 3-branco
'eu fiz ele ficar (pintado de) branco'
- (841) i-te [alice jn-̃t nã] i?-tōn
1-ERG Alice PR-dormir.NF SUB 3-fazer
'eu fiz a Alice dormir'

Há pelo menos duas construções para expressar o verbo 'obrigar'. Na primeira, não há ocorrência do verbo de manipulação na sentença principal e o verbo da subordinada apresenta morfologia não-finita:

- (842) [ka i-pupun nã] wa a-mã
2 1-ver.NF SUB 1 2-DAT
'eu te (obriguei) a me olhar'

A segunda construção, com o verbo causativizado *tɔ=tʃa*, a sentença complemento é marcada pelo subordinador *nã* e o verbo apresenta morfologia não-finita. A ordem é SOV Comp:

(843)	ka	i-to=	tʃa	[i-te a-pupun	nã]
	2	1-CAUS=	obrigar	1-ERG2-ver.NF	SUB
‘você me obrigou a te olhar’					

(844)	ka	ø to=	tʃa	[ku-te a-pupun	nã]
	2	3-CAUS=	obrigar	3-ERG2-ver.NF	SUB
‘você o obrigou a te olhar’					

A exceção é a sentença abaixo (ainda sem explicação), na qual a sentença complemento não é marcada pela partícula *nã* e o verbo não apresenta morfologia não-finita:

(845)	wa	ha	i?-kra-kahāj	tɔ=tʃa	[ke	i?-kra-tʃ-ūm-re
	1	IRR	3-filho-mulher	CAUS=obrigar	3	3-filho-PR-masc-hum
	mã	kwər		ɪjō]		
	DAT	mandioca		dar		
‘eu vou obrigar a menina a dar mandioca para o menino’						

A negação das sentenças com *tɔ=tʃam*, os dois verbos (principal e complemento) apresentam uma morfologia não-finita:

(846)	ku	nẽ	ø to=	pa?-tʃam	[ke	pa-pupun	nã]
	1incl	NEG	3-CAUS=	1incl-obrigar.NF	DS	1incl-ver.NF	SUB
	nare						
NEG ‘nós não obrigamos ele a nos olhar’							

(847)	wa	nẽ	mẽ	ø to=	i-tʃam	[ke	mẽ	i-pupun
	1excl	NEG	PL	3-CAUS=	1-obrigar.NF	DS	PL	1-ver.NF
	nã]	nare						
	SUB	NEG						
NEG ‘nós não obrigamos ele a nos olhar’								

Importante notar que o sujeito da sentença complemento, mesmo no passado simples, não é seguido pela posposição ergativa (cf. (843)-(844)).

5.1.3 Verbos de percepção, cognição, expressão (PCU)

Verbos em Apāniekrá como ‘saber’, ‘esquecer’, ‘ver’ e ‘dizer’ apresentam como características (a partir de Givón, op. cit., sobre verbos de percepção, cognição, expressão):

Protótipo semântico:

- o verbo na sentença principal codifica ou um estado ou evento mental de um ato verbal de percepção, cognição ou expressão;
- o sujeito do verbo é ou um dativo ou um agente;

- o estado ou evento codificado no complemento é análogo ao paciente do verbo da sentença principal.

Protótipo sintático:

- o verbo da sentença complemento apresenta uma morfologia não-finita (se um evento simples) ou finita (se dois eventos), dependendo do verbo PCU;
- o sujeito da sentença complemento pode ser co-referente ou com o sujeito ou com o objeto direto da principal;
- as duas sentenças podem ser separadas por um morfema subordinador;
- três ordens são possíveis para a sentença complemento: S Comp V, Comp SOV e SOV Comp.

(848)	i-kra	mã	[bisikret	tɔ=	mprar]	j-a?kre=pɛj
	1-filho	DAT	bicicleta	CAUS=	andar	PR-saber=POST
'meu filho sabe andar de bicicleta'						

(849)	i-te		[irərənã	i-niãm]	tɔ=	i-japak=ket
	1-ERG		cedo	1-levantar	CAUS=	1-lembrar=NEG
'eu esqueci de levantar cedo'						

(850)	i-te		[kupẽ?kə	j-apro]	tɔ=	i-japak=ket
	1-ERG		pano	PR-levar	CAUS=	1-lembrar=NEG
'eu esqueci de comprar pano'						

O morfema subordinador **nã** ocorre apenas com determinados verbos PCU:

(851)	i-te		[a-mõr	nã]	a-pupun	
	1-ERG		2-ir.NF	SUB	2-ver	
'eu vi você sair'						

(852)	wa	ha	[a-mõr	nã]	a-pupu	
	1	IRR	2-ir.NF	SUB	2-ver	
'eu vou ver você sair'						

(853)	ku-te	i-pupun	[wa	i-pikahur	nã]	
	3-ERG	1-ver	DS	1-correr.NF	SUB	
'ele me viu correr'						

(854)	ku-te	a-pupun	[a-pikahur	nã]		
	3-ERG	2-ver	2-correr.NF	SUB		
'ele viu você correr'						

(855)	a-te	h-õmpun	[i-pikahur	nã]		
	2-ERG	3-ver	3-correr.NF	SUB		
'você viu ele correr'						

Com outros verbos, no entanto, a partícula subordinadora não ocorre:

(856)	[h-ír]	wa	i-tε	h-õmpun	
	3-sentar.NF	DS	1-ERG	3-ver	
'eu vi ele sentado'					

(857)	wa	i-tε	h-õmpun	mã	[jíir]
	1	1-ERG	3-ver	DS	sentar.NF
'vi que ele está sentado'					

Com outros verbos PCU, **nã** também não ocorre:

(858)	ku-tε	i-mã	[ke]	ha	ma	tε]
	3-ERG	1-DAT	3	IRR	DIR	ir
'ele (disse) pra mim que vai sair'						

(859)	ku-tε	mẽ	a-mã	[ke]	ha	mẽ	awjahe]
	3-ERGPL	2-DAT	3	IRR	PL	caçar	
'eles (disseram) pra você que vão caçar'							

5.2 Sentenças relativas

Sentenças relativas são, sintaticamente, orações subordinadas que funcionam como modificadores do SN. Uma indicação comum de tal dependência é que a oração relativa ‘precisa de um argumento’, o qual é co-referencial com o núcleo nominal. Tradicionalmente, isso tem sido descrito como apagamento sob co-referência.

O nominal co-referente necessário pode ocupar várias funções (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.). Essa diversidade potencial das funções, associada à característica do apagamento sob co-referência das orações relativas, dá origem, pelo menos em princípio, ao problema da retomada do caso (*case recoverability problem*). A tipologia sintática das orações relativas pode ser vista como a tipologia das várias estratégias empregadas pelas línguas para resolver esse problema. (Givón, op.cit.)

As orações relativas podem apresentar características sintáticas de outros tipos principais de subordinadas na língua. Em Apāniekrá, as orações relativas apresentam características das orações coordenadas (que serão vistas a seguir).

Na tipologia das orações relativas (as estratégias das línguas para a retomada do caso), o Apāniekrá apresenta uma combinação de duas estratégias de relativização:

- estratégia paratática: a oração relativa precede a oração principal (deslocamento do núcleo nominal para a esquerda, como nas construções com tópico (ver item 4.4.1.4)); o argumento co-referente é expresso por um SN pleno na relativa e por um pronome anafórico ou *ø* na oração principal;
- estratégia do pronome relativo: um morfema subordinador relativo (expresso pelo demonstrativo *ita* ‘este’ ou *ata* ‘aquele’) segue o nominal co-referente (se sujeito, objeto direto e indireto) e ocorre marcando a fronteira da oração relativa (exceto se o nominal co-referente for o sujeito).

5.2.1 Relativização primária

5.2.1.1 Relativização do sujeito

As orações com relativização do sujeito apresentam o mesmo sistema de *switch-reference* encontrado nas orações coordenadas. A diferença é que, nessas relativas, um morfema especial (*ita*, demonstrativo) segue o nome co-referente.

- (860) hūmre ita pur tō ape nē i-poj
 homem DEM roça LOC trabalhar MS 3-chegar
 'o homem que trabalhou na roça chegou'

- (861) hūmre ita poj nē pur tō ape
 homem DEM chegar MS roça LOC trabalhar
 'o homem que chegou trabalhou na roça'

5.2.1.2 Relativização do objeto

As orações com relativização do objeto apresentam um morfema especial (*ita*, demonstrativo) segue o nome co-referente e outro morfema (*ata*, também demonstrativo) que ocorre na fronteira da oração relativa.

- (862) a-te pije ita j-apror ma kři wər
 2-ERG mulher DEM PR-levar DIR aldeia DIR
 'vocês levaram a mulher pra aldeia'

- (863) pije ita a-te h-apror ma kři wər ata ø třk
 mulher DEM 2-ERG 3-levar DIR aldeia DIR DEM 3-morrer
 'a mulher que vocês levaram pra aldeia morreu'

5.2.2 Relativização de objeto indireto

As orações com relativização do objeto indireto apresentam um morfema especial (*ita* (que pode ocorrer pluralizado, *ita-je*)) que segue o nome co-referente e que ocorre na fronteira da oração relativa. No entanto, em algumas dados, esse pronome não ocorreu (em nenhuma das duas posições mencionadas acima).

Outra característica dessas orações é que elas apresentam o mesmo sistema de *switch-reference* encontrado nas orações coordenadas.

- (864) i-te pije te kaipar
 1-ERG mulher POSP ajudar
 'eu ajudei as mulheres'

- (865) pije ita-je i-te mě i?-te kaipar ita-je mā mě pra
 mulher DEM-PL 1-ERG PL 3-POSP ajudar DEM-PL DS PL ir
 'as mulheres que eu ajudei foram embora'

- (866) hūmre pe pur pok mā ma tē
 homem MAL roça queimar DS DIR ir
 ‘o homem, cuja roça foi queimada, foi embora’

5.2.3 Relativização de oblíquo

As orações com relativização de oblíquo apresentam o morfema demonstrativo *ata* que ocorre na fronteira da oração relativa.

- (867) ka krī ita kām apu a-pa
 2 aldeia DEM LOC PRG 2-viver
 ‘você mora na aldeia’

- (868) krī kām ka apu a-pa ata ampa mā
 aldeia LOC 2 PRG 2-viver DEM longe DIR
 ‘a aldeia onde você mora é longe’

- (869) cidade wər kupē tē ata ampa mā
 cidade DIR branco ir DEM longe DIR
 ‘a cidade para onde o branco vai é longe’

Quando o nominal co-referente não é topicalizado, é necessário que o SN pleno se repita na oração principal.

- (870) kupē h-ō krī pīn tē ata h-ō krī ampa mā
 branco 3-GENaldeia ING ir DEM 3-GENaldeia longe DIR
 ‘a cidade de onde o branco veio é longe’

A descrição das propriedades das sentenças relativas em Apāniekrá apresentada aqui representa apenas um esboço do problema. No entanto, tem como objetivo servir de roteiro para futuros estudos que aprofundem o tema na língua.

5.3 Sentenças coordenadas

Em Apāniekrá, a interação gramatical entre as orações coordenadas, embora menor que nas completivas e relativas, é comprovada pelas estratégias de marcação de co-referência do sujeito nessas orações. Segundo o sistema de *switch-reference* da língua (codificado por um tipo de marcação não-canônica e pela ocorrência de diferentes operadores sintáticos) é possível marcar se o sujeito transitivo ou intransitivo (S) é o mesmo em todas as orações coordenadas. Dessa forma, não é possível considerar que as orações coordenadas se opõem às subordinadas no sentido tradicional desses termos (em que as subordinadas dependem de uma oração principal e as coordenadas são consideradas mais independentes). Pelo contrário, também as construções coordenadas constituem-se de uma oração principal e uma (ou mais) oração dependente.

Outra evidência que mostra a interação gramatical das orações coordenadas é o fato de seu sistema de *switch-reference* ser também uma característica das orações subordinadas relativas e completivas.

As orações coordenadas podem ser combinadas numa relação de conjunção ou de disjunção.

- (871) r̩p pe i?-hire n̩ i?-tik
 cachorro PD 3-magro CONJ 3-morrer
 ‘o cachorro era magro e morreu’

- (872) r̩p pe h-ikoti n̩ i?-tik
 cachorro PD 3-gordo CONJ 3-morrer
 ‘o cachorro era gordo e morreu’

- (873) r̩p pe h-ikoti kãm i?-tik
 cachorro PD 3-gordo DISJ 3-morrer
 ‘o cachorro era gordo mas morreu’

5.3.1 Mecanismos de co-referenciação

As estratégias na língua para marcar a co-referência dos sujeitos nas sentenças coordenadas são duas: apagamento do mesmo SN sujeito da segunda oração (apagamento sob co-referência) e uso da conjunção n̩:

$S_1 = S_2$ (em que sujeito (transitivo ou intransitivo) da oração principal é co-referente com sujeito da oração dependente)

- (874) wa ha poj n̩ ø a-pupu
 1 IRR chegar CONJ co-ref 2-ver
 ‘eu vou chegar e te ver’

- (875) ke ha alice poj n̩ ø i-pupu
 3 IRR Alice chegar CONJ co-ref 1-ver
 ‘Alice vai chegar e vai me ver’

- (876) i-t̩ a-pupun n̩ ø ma t̩
 1-ERG2-ver CONJ co-ref DIR ir
 ‘eu vi você e fui embora’

No entanto, se o sujeito da segunda oração é ergativo, ainda que seja possível, não é muito comum apagá-lo. Nesses casos, como nos exemplos acima, só ocorre a conjunção:

- (877) i-poj n̩ i-t̩ a-pupun
 1-chegar CONJ 1-ERG2-ver
 ‘eu cheguei e vi você’

- (878) hūmre poj nē ku-tē a-pupun
homem chegar CONJ 3-ERG 2-ver
'O homem chegou e te viu'
- (879) intse tē intſū pupun nē ø amjī j-atſ̄r
mãe ERG pai ver CONJ co-ref RFL PR-voltar
'a mãe viu o pai e voltou'

Já as estratégias que a língua utiliza para marcar que o sujeito da principal não é co-referente com o sujeito da dependente podem ser divididas em duas: uma utilizada quando a língua está operando no sistema ergativo e o sujeito da oração dependente é de 3^a pessoa e outra nos demais situações.

Quando sistema ergativo e sujeito de 3^a pessoa, nominal ou pronominal, o operador utilizado para a conjunção das orações é mā:

$S_1 \neq S_2$ (3^a pessoa)

- (880) i-tē hūmre pupun mā ø ma tē
1-ERG homem ver CONJ 3 DIR ir
'eu vi o homem e ele foi embora'
- (881) i-poj mā hūmre tē i-pupun
1-chegar CONJ homem ERG 1-ver
'eu cheguei e o homem me viu'

Com S_1 e S_2 nominais, o sujeito da segunda oração não é apagado (mesmo já tendo aparecido como objeto na primeira oração e com o uso do operador que marca que S_1 e S_2 não são co-referentes):

$0_1 = S_2$ (em que o objeto da primeira oração é co-referente com o sujeito da segunda oração)

- (882) pedro tē joão pupun mā joão mōr
Pedro ERG João ver CONJ João ir
'Pedro viu o João e João foi embora'
- (883) rōp tē i-kra ntſar mā i-kra ma tē
cachorro ERG 1-filho morder CONJ 1-filho DIR ir
'o cachorro mordeu meu filho e meu filho fugiu'
- (884) intse tē intſū pupun mā intſū tē amjī j-atſ̄r
mãe ERG pai ver CONJ pai ERG RFL PR-voltar
'a mãe viu o pai e o pai voltou'

As demais estratégias utilizadas para marcar que S_1 e S_2 não são co-referentes ocorrem quando o sujeito não é de 3^a pessoa ergativo (nominal ou pronominal). Ou seja,

quando a língua opera no sistema de marcação de caso ativo-estativo e nominativo-absolutivo e, quando no sistema ergativo-absolutivo, o sujeito restringe-se à 1^a e 2^a pessoas. Nesses casos, não há uso de operadores sintáticos. O que vai marcar a não co-referência de S₁ e S₂ é o uso dos pronomes independentes, podendo, algumas vezes, ocorrer a conjunção n̄s:

- (885) h̄mr̄ te i-pupun (n̄s) wa ma t̄s
homem ERG 1-ver CONJ 1 DIR ir
'o homem me viu e eu fui embora'

- (886) i-te a-pupun ka ma t̄s
1-ERG 1-ver 2 DIR ir
'eu te vi e você foi embora'

- (887) a-poj wa i-te a-pupun
2-chegar DS 1-ERG 2-ver
'você chegou e eu te vi'

O sujeito de terceira pessoa expresso pelo pronome livre *ke* (quando não há ambigüidade (3^a pessoa e 1^a ou 2^a pessoas)), embora não seja utilizado no sistema ergativo para marcar a mudança do sujeito na oração dependente, vai ocorrer quando a língua operar no sistema ativo-estativo:

- (888) ka ha poj ke ha a-pupu
2 IRR chegar 3 IRR 2-ver
'você vai chegar e ele vai te ver'

- (889) wa ha poj ke alice i-pupu
1 IRR chegar 3 Alice 1-ver
'eu vou chegar e a Alice vai me ver'

5.3.2 Continuidade do tópico e *switch-reference*: uma perspectiva diacrônica

Um sistema de *switch-reference* canônico é uma categoria flexional do verbo, que indica se o seu sujeito é idêntico ao sujeito do outro verbo. *Switch-reference* pode ser marcada por um morfema independente ou por um afixo no verbo. A função desses sistemas é evitar ambigüidade na referência. (Haiman & Munro, 1983).

Givón (1983a) considera que o mais interessante e funcionalmente importante na descontinuidade do tópico em uma língua é naturalmente a mudança do sujeito. Se, no entanto, estivermos interessados em descobrir os princípios gerais (funcionais e de codificação) que determinam a gramática da distinção 'canônica' SS (mesmo sujeito) / DS (sujeito diferente), então será preciso ter uma compreensão de todo o domínio funcional da continuidade do tópico no discurso, no qual o contraste 'canônico' SS/DS naturalmente tem um papel importante.

O autor também sugere que a discussão da *switch-reference* tradicional (i.e. relevância do sujeito) poder-se-ia limitar ao alçamento de um número de contraste de

candidatos óbvios, do qual poderia surgir, potencialmente, algum tipo de sistema de *switch-reference* gramaticalizado diacronicamente.

Nesse sentido, os mecanismos de co-referenciação encontrados nas orações coordenadas e em algumas orações subordinadas em Apâniekrá, analisados de uma perspectiva diacrônica, configuram um sistema não-canônico de *switch-reference* gramaticalizado. A origem desse sistema teria sido a gramaticalização do contraste entre anáfora zero e príome independente (ver exemplos 77-81).

Abaixo, a cisão no sistema de *switch-reference* na língua, dependendo do sistema de marcação de caso e da categoria de pessoa:

Sistema	SS	DS	
ergativo	nẽ	1 ^a e 2 ^a pessoas	3 ^a pessoa
ativo-estativo		pronomes	
nominativo-absolutivo		livres	mã

A conjunção nẽ que ocorre na coordenação das sentenças com mesmo sujeito é a mesma que ocorre para coordenar nominais e pronominais no SN:

- (890) pa nẽ ka
 1enf CONJ 2enf
 'eu e você'

- (891) ko nẽ h-᷑
 água CONJ 3-comida
 'água e comida'

Os pronomes livres em algumas construções, embora não amplamente investigados nessa questão, parecem se comportar mais como tópicos do que como sujeitos gramaticais². Por outro lado, a conjunção mã que ocorre na coordenação das sentenças com sujeitos diferentes (3^a pessoa) parece ser a mesma que ocorre para marcar o tópico.

- (892) pa mã i-kakro
 1enf TOP 1-quente
 'eu estou com febre'

Numa conversa com informantes Kríkatí, falantes de uma outra variante da língua Timbira, consegui coletar o seguinte contraste:

- (893) ken te wakə mã ko-te ej-mã h-᷑r
 pedra GEN faca TOP 3-ERG 1-DAT3-dar
 'a faca de pedra, ele a deu para mim'

² O Timbira Apâniekrá parece tratar-se de uma língua tópico-proeminente.

- (894) papto mā ko-te ej-mā h-ōr
mocó TOP 3-ERG 1-DAT3-dar
'o mocó, ele o deu para mim'

- (895) papto wa ej-te ko-mā h-ōr
mocó 1 1-ERG 1-DAT3-dar
'o mocó, eu o dei para ele'

Nessas construções, o tópico (propriamente dito) ocorre marcado pela posposição *mā*. A diferença do Apâniekrá em relação ao Krikati é o fato dessa partícula, no primeiro, só ocorrer marcando os pronomes enfáticos, não os nominais, que são sempre Ø marcados (ver tipos de oração).

No entanto, uma hipótese pode ser levantada: 1) na tentativa de entender o sistema de *switch-reference* do Apâniekrá dentro do domínio funcional da continuidade do tópico no discurso; e 2) considerando os princípios universais que classificam a ordem TÓPICO-COMENTÁRIO como mais contínuo e a ordem COMENTÁRIO-TÓPICO como mais descontínuo: o Apâniekrá apresenta, nas sentenças coordenadas e em algumas subordinadas com sujeito de 3^a pessoa, uma outra estratégia de *switch-reference* (a marcação canônica). A primeira oração seria marcada como tópico, pela posposição *mā*, e a dependente como comentário.

Por último, segundo a tipologia proposta por Givón (op. cit.), que considera que o contraste 'canônico' SS, "the one most commonly referred to as 'real' switch-reference" (p.77), pode ser:

- (a) antecipatório – este tipo classifica o verbo de uma oração precedente como uma antecipação da situação SS/DS da oração seguinte;
- (b) não-antecipatório – este tipo projeta para trás a relação entre uma oração mais alta ou precedente e a identificação da continuidade ou mudança do referente.

o sistema de *switch-reference* canônica do Apâniekrá é do tipo (a), utilizando como operadores sintáticos nē (SS) e mā (DS). Por outro lado, um sistema não-canônico também opera na língua, de maneira muito mais produtiva que o canônico. Diacronicamente, é possível que, em conjunção com outras propriedades funcionais e de codificação do tópico, a marcação canônica de *switch-reference* tenha se originado da gramática de distinção 'não-canônica' do sujeito na língua. Nesse, o contraste SS/DS é marcado com apagamento sob co-referência e partícula nē vs pronome livre, respectivamente.

6. AS FORMAS VERBAIS: DESCRIÇÃO SINCRÔNICA E HIPÓTESE DIACRÔNICA

A descrição dos sistemas de marcação de caso do Timbira Apāniekrá, feita com base nas generalizações encontradas nos construtos teóricos da perspectiva funcional-tipológica, dá conta dos fatos que encontramos nessa língua. No entanto, a compreensão desse fenômeno será ainda mais abrangente (e interessante) se fizermos referência à história do Timbira, lançando mão de reconstruções hipotético-dedutivas.

A família lingüística Jê atual¹ comprehende as seguintes línguas: Akwén (Xakriabá, Xavante, Xerente), Apinajé, Kaingáng (Kaingáng do Paraná, Kaingáng Central, Kaingáng do Sudoeste, Kaingáng do Sudeste), Kayapó (Gorotíre, Kararaô, Kokraimoro, Kubenkrankegn, Menkrangnoti, Mentuktíre, Xikrín), Panará, Suyá (Suyá, Tapayúna), Timbira (Apāniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatejé, Pykobjé, Kréjé, Kríkatí), Xokléng.

É possível reconhecer dentro dessa família de línguas o subgrupo Apinajé – Kayapó – Suyá – Timbira. Essas quatro línguas compartilham muitas propriedades morfossintáticas, inclusive no que diz respeito à morfologia ergativa. Por exemplo, em Apinajé e Kayapó, com relação à forma do verbo, que sofre modificações quando ocorre numa oração subordinada (é a sua forma não-finita, em que há a ocorrência de uma consoante, lexicalmente pré-especificada, no final do radical).

Kayapó (dados M.A.Reis Silva, 2001)

- (896) tū̄ / tū̄m ‘cair’
 krē / krēn ‘comer’
 pumū / pumūn ‘ver’
- (897) ga tēp krē
 2 peixe comer
 ‘você come(u) peixe’

- (898) i-mā̄ [ajε tēp krēn] prā̄m
 1-DAT 2ERG peixe comer querer
 ‘eu quero que você coma peixe’

Apinajé (dados C.C. de Oliveira: 2003)

- (899) tṣa / tṣəm ‘levantar’
 kato / kator ‘sair’
 pubu / pubup ‘ver’
- (900) [it-te a-mā̄ b̄i jarēŋ] na ø tē kr̄i
 [1-ERG 2-DATHomem contar.NF] RLS 3 HAB aldeia
 õ kamõ pa
 DEM LOC viver
 ‘Esse homem [que eu estou te falando] vive em outra aldeia’

¹ Primeiro o nome da língua e, entre parênteses, as suas variantes. Fonte Rodrigues, 1986.

Essa variação na forma verbal, juntamente com o sujeito transitivo expresso por um pronome ergativo (no caso do Kayapó) ou seguido pela posposição ergativa (no caso do Apinajé), pode ser analisada como a expressão do padrão ergativo/absolutivo, condicionada pelo contexto de subordinação da sentença (como Oliveira (2003) para o Apinajé).

No entanto, o condicionamento para a expressão do padrão ergativo em Timbira Apāniekrá é diferente: o sistema ergativo/absolutivo ocorre quando as construções sentenciais expressam tempo passado simples.

- (901) a-te tep krēr
2-ERG peixe comer
'você comeu peixe'

- (902) ka tep krēr
2 peixe comer
'você come peixe'

Com relação às sentenças subordinadas em Timbira, foram encontradas as ordens [S [S (O) V]_{subordinada} V]_{principal} do Kayapó (exemplos (903)-(905)), [S (O) V]_{subordinada} [S V]_{principal} no Apinajé (exemplo (906)), mas também [S V]_{principal} [S (O) V]_{subordinada} (exemplos (907)-(911)):

- (903) wa [i-jiõt] prām
1 1-dormir.NF querer
'eu quero dormir'

- (904) i-mã [kro j-ĩ] krēr] prām
1-DAT carne PR-carne comer.NF querer
'eu quero comer carne de porco'

- (905) a-mã [jūri i-tēm-tʃ̃] ita nã] i-ja?krē=pej (dados Popjes, 1986)
2-DAT onde 1-ir-NMZ DEM SUB 1-saber
'você sabe aonde eu estou indo'

- (906) [tep krēr nã] wa a- tɔ= prām
peixe comer.NF SUB 1 2- CAUS= querer
'eu quero que você coma peixe'

- (907) wa a-pupu [a-pikahur nã]
1 2-ver 2-correr.NF SUB
'eu vejo você correndo'

- (908) i-te h-õmpun mã [ma tẽ]
1-ERG 3-ver DS MOV ir
'eu vi ele ir'

- (909) i-tε kahāj tōn [ke tēp krē]
 1-ERGmulher fazer 3 peixe comer
 ‘eu fiz a mulher comer o peixe’
- (910) i-tε a?krajre mān [ke ha ma mō]
 1-ERGmenino mandar 3 IRR DIR sair
 ‘eu mandei o menino sair’
- (911) hūmre te tēp krēr nē [ma tē]
 homem ERG peixe comer MS DIR ir
 ‘o homem comeu o peixe e foi embora’
 (para ‘o homem que comeu o peixe foi embora’)

Observando os dados acima, vemos que os contextos de subordinação das sentenças do Apāniekrá não desencadeiam o sistema ergativo como no Kayapó e Apinajé. Embora o verbo da sentença subordinada ocorra em sua forma não-finita ((903-904), (905) com verbo nominalizado, (907)), essa característica está relacionada com a nominalização gramatical (nos termos de ajustes sintáticos do protótipo da sentença verbal finita para o protótipo nominal) de algumas sentenças subordinadas da língua. Contudo, não se pode falar em sistema ergativo uma vez que o sujeito transitivo não é marcado ergativamente (pela posposição *tε*).

Nos outros exemplos (908-911), a forma verbal das subordinadas é finita, ou seja, não há ocorrência da nominalização gramatical. Uma explicação seria que na sintaxe da subordinação em Apāniekrá quanto maior a integração entre os verbos (i. e., verbos de modalidade e alguns de manipulação e de PCU), maior a relação de dependência sintática entre as sentenças. Já para outros verbos de manipulação e de PCU, mas principalmente para os verbos das sentenças coordenadas, exatamente pela integração sintática entre os verbos ser menor, a relação de independência sintática entre os verbos é maior.

Ao contrário do Timbira Apāniekrá, em Apinajé, Kayapó e Suyá, o que desencadeia o sistema ergativo é a ocorrência do verbo em contextos de subordinação. Nessas construções ergativas, a forma verbal é expressa pela forma não-finita do verbo. Em Apāniekrá, a forma verbal não-finita associada ao ergativo nas outras três línguas ocorre em dois tipos de construções: na primeira, essa forma verbal morfológicamente marcada (*krēr*, *mō*) ocorre nas sentenças independentes que expressam o tempo passado simples (ou passado ‘vívido’). Na segunda construção, a forma não-finita do verbo ocorre quando seguido de um operador que codifica categorias de aspecto e polaridade (o qual é indicado lexicalmente pelo uso de alguns verbos não-ativos (‘ser.muito’, ‘ser.pouco’, ‘estar.bem’, ‘estar.mal’, negação etc.)).

O que é particularmente interessante na ocorrência desses operadores em Timbira Apāniekrá é que o fenômeno desencadeado pela posição não-final da forma não-finita do verbo é um indicativo de que as quatro línguas têm uma origem comum, o que poderia ser reconstruído nos termos do proto-Timbira. A hipótese seria de que as quatro línguas apresentavam a forma não-finita do verbo limitada à sua ocorrência em contextos de subordinação (com o Timbira se diferenciando depois, por apresentar essa forma verbal também nas sentenças independentes no passado simples).

Essa análise justifica-se, uma vez que em Timbira, Suyá e Kayapó² a ocorrência desses operadores pós-verbais (na minha análise para o Apāniekrá) condiciona o alinhamento para o sistema ergativo-absolutivo em Suyá e Kayapó e o sistema nominativo-absolutivo em Timbira Apāniekrá:

Suyá (dados L.C. Santos)

- (912) wa η gre
 1 dançar
 ‘eu dancei’

- (913) i- η grere kere
 1-dançar.NF NEG
 ‘eu não dancei’

- (914) pedro ra tē
 Pedro MS ir
 ‘Pedro foi’

- (915) pedro ra tēm mā
 Pedro MS ir.NF FUT
 ‘Pedro vai’

- (916) kare i-kaken kere
 2ERG 1-arranhar.NF NEG
 ‘você não me arranhou’

Kayapó (dados M.A. Reis Silva)

- (917) dʒa ba tuū
 FUT 1 cair
 ‘eu cairei’

- (918) i-tuūm ɣrr
 1-cair.NF PROSP
 ‘eu cairei’

- (920) dʒa ga i-pumū
 FUT 2 1-ver
 ‘você me verá’

- (921) aje i-pumūjí mā
 2ERG 1-ver.NF PROSP
 ‘você me verá’

² No trabalho de Oliveira (2003) sobre o Apinajé não há dados de sentenças com ocorrência desses operadores.

- (922) ga tep krẽ
 2 peixe comer
 'você come(u) peixe'

- (923) ajε tep krẽn ket
 2ERG peixe comer.NF NEG
 'você não come(u) peixe'

Nos exemplos acima, por causa da ocorrência dos operadores aspectuais e de polaridade, o sujeito transitivo ocorre expresso por um pronome ergativo³ e o verbo ocorre em sua forma não-finita.

No Apāniekrá, quando os operadores ocorrem no final das sentenças para expressar categorias de aspecto e polaridade, o sujeito intransitivo é marcado pleonasticamente (expresso por um pronome livre e por uma marca de concordância no verbo (um prefixo pronominal)). Ou seja, está alinhado tanto com o sujeito transitivo quanto com o objeto direto.

- (924) ke apu a?kukrẽ
 3 PRG correr
 'ele está correndo'

- (925) ke apu [h-3?kukrẽn] mpej
 3 PRG 3-correr.NF estar.bem
 'ele está correndo bem'

- (926) a-j3?kukrẽn
 2-correr
 'você correu'

- (927) ka ha [a-j3?kukrẽn] na
 2 IRR 2-correr.NF NEG
 'você não vai correr'

Com as informações apresentadas acima, pode-se concluir que dentre as propriedades verbais compartilhadas pelas quatro línguas em questão destacam-se:

- a diferença morfológicamente visível na raiz verbal (a distribuição complementar da forma não-finita e da forma finita do verbo) está associada ao sistema de marcação de caso cindido nessas línguas: ora ativo-estativo (Timbira Apāniekrá), de intransitividade cindida (Apinajé) ou nominativo / acusativo (Kayapó e Suyá), ora ergativo / absolutivo (Apinajé, Kayapó, Timbira), ora nominativo-absolutivo (Timbira Apāniekrá);

³ Importante notar que, em Suyá e Kayapó, o sujeito transitivo nominal é o marcado no sistema ergativo.

- o sistema ativo-estativo (Timbira Apâniekrá), nominativo (Kayapó e Suyá) ou de intransitividade cindida (Apinajé) (dependendo da análise (Alves (neste trabalho), Santos (1997) e Reis Silva (2001) ou Oliveira (2003), respectivamente) caracteriza-se pelo verbo sempre final, na sua forma finita, e pelo sujeito ser expresso por pronomes livres;
- o sistema ergativo caracteriza-se pelo verbo em sua forma não-finita, embora no Apinajé, Kayapó, Suyá em posição não-final e no Timbira em posição final;
- o sistema ergativo é condicionado pela ocorrência do verbo em contextos de subordinação em Apinajé, Kayapó, Suyá, enquanto que em Timbira esse sistema é condicionado pelo tempo passado simples;
- em Timbira, o verbo quando ocorre em contextos de subordinação condiciona o sistema nominativo-absolutivo.

A tabela a seguir resume essas informações:

	Apinajé, Kayapó, Suyá	Timbira
Sistema Ativo-Estativo (Timbira Apâniekrá), Nominativo-Acusativo (Kayapó e Suyá) ou de Intransitividade Cindida (Apinajé)		características verbo forma finita verbo em posição final
Sistema Ergativo-Absolutivo	condicionamento e características oposição oração principal/subordinada verbo forma não-finita verbo em posição não-final	tempo passado simples verbo forma não-finita verbo em posição final
Sistema Nominativo-Absolutivo		condicionamento e características oposição oração principal/subordinada verbo forma não-finita verbo em posição não-final

Uma segunda questão, que é na verdade a minha hipótese para o aparecimento da morfologia ergativa na língua Timbira⁴, é o fato de o sistema ergativo poder ser derivado da reanálise de um **sistema de nominalização⁵ da protolíngua organizado ergativamente⁶**.

⁴ E mais especificamente à variante falada pelos índios Apâniekrá, o Timbira-Apâniekrá.

⁵ Essa nominalização pode ser descrita, seguindo a proposta de Comrie & Thompson (1985) como *clausal nominalization* (nominalização sem nome derivado lexicalmente). O seu traço característico é que não há evidências a favor de seu núcleo ser um nome lexical. No entanto, suas propriedades morfossintáticas (como a categoria de pessoa) sugerem que é mais apropriado ver essas sentenças como sofrendo certas modificações que as permitem funcionar como um NP, ao invés de pensar que o verbo se transforme em nome em tais nominalizações.

O fenômeno ainda produtivo em Apinajé, Kayapó e Suyá, analisado sincronicamente como a expressão do sistema de marcação de caso ergativo nessas línguas, nos dá pistas de como pode ter sido na protolíngua. Assim, a estrutura do NP em

- (928) * ka *i-kra* pupu⁷
 2 1-filho ver
 ‘você viu (vê) meu filho’ (literalmente)

seria a mesma que a do verbo na forma não-finita em

- (929) * ka *i-mɔ̄r* pupu
 2 1-sair ver
 ‘você viu (vê) o meu sair’ (literalmente)

ou seja, [S [prefixo pessoal-N (lexical ou derivado de verbo)] V]. Ou ainda em

- (930) * ka [i-te i?-pir] pupu
 2 1-GEN 3-pegar.NF ver
 ‘você viu (vê) o meu pegar (dela)’ (literalmente)
- (931) * ka [i-te wakə pir] pupu
 2 1-GEN faca pegar.NF ver
 ‘você viu (vê) o meu pegar da faca’ (literalmente)

[S [prefixo pessoal-genitivo prefixo pessoal-N derivado de verbo] V], em que o ‘sujeito’ da sentença nominalizada é um oblíquo, marcado com o caso genitivo.

O alinhamento dos constituintes nas sentenças com verbo nominalizado (que caracteriza um sistema ergativo) fica evidente quando visto através do contraste sentenças independentes / sentenças subordinadas:

	Sentenças independentes		Sentenças subordinadas	
	Pronome Independente	Prefixo Pessoal	Prefixo Pessoal + Genitivo	Prefixo Pessoal
Verbo transitivo	A	O-V	A - te	O-V
Verbo intransitivo	S	Ø V		S-V
Forma verbal	Finita		Não-finita	

Nas sentenças independentes, o verbo estaria na sua forma finita (*pupu*, *mɔ̄r*, *pi*). Nas subordinadas, o verbo assumiria sua forma não-finita (*pupun*, *mɔ̄r*, *pir*).

⁶ Tipologicamente, essa hipótese não é nenhuma novidade. Gildea (1992, 1998) já considerava ser assim o sistema de subordinação em Proto-Caribe.

⁷ Como não há proposta de reconstrução do sistema fonológico da protolíngua do subgrupo Apinajé-Kayapó-Suyá-Timbira, estarei escrevendo as sentenças utilizando os fonemas do Timbira Apāniekrá.

A forma não-finita do verbo ocorria também quando argumento sujeito de verbos que tomam orações como complementos da protolíngua (os operadores depois da reanálise):

- (932) * a-te i-kra pupun nare
 2-GEN 1-filho ver.NF negação existencial
 'não é / não há o seu ver do meu filho' (literalmente)

- (933) * i-te hĩ tset mpej
 1-GEN carne assar estar.bom
 'está bom / é bom o seu assar da carne' (literalmente)

Essas sentenças reconstruídas como as construções nominalizadas do proto-Timbira, com a ocorrência do sujeito genitivo e da forma não-finita do verbo (uma construção possessiva oblíqua), teriam sido reanalisadas no Timbira como construções finitas, passando a ser usada em orações independentes.

Já o verbo complemento em sua forma não-finita teria sido reanalizado como verbo principal, enquanto que o verbo *complement-taking* teria sido reanalizado como um operador.

A seguir, tentarei mostrar que o que coincide, sincronicamente, com a morfologia ergativa do Apāniekrá pode representar primeiramente a reanálise das construções nominalizadas (os argumentos sujeito de verbos *complement-taking* no proto-Timbira) como sentenças finitas, as quais passam a ser usadas na língua como sentenças independentes, denotando tempo passado recente.

As construções nominalizadas ocorriam como sujeito de verbos *complement-taking*, como por exemplo:

- (934) * [[i-te wakẽ pir]subordinada na]principal
 1-GEN faca pegar.NF negação existencial
 'não é / não há o meu pegar de faca' (literalmente)

com a 1^a pessoa do singular seguida pela marca de genitivo te. Essa marca te é usada ainda hoje em Apāniekrá em certas construções genitivas, como as para indicar o material com que o item especificado é feito:

- (935) karẽk te prire
 argila GEN animal
 'animal de argila'

- (936) kẽn te wakẽ
 pedra GEN faca
 'faca de pedra'

A inexistência de marcas morfológicas para marcar tempo (passado ou presente) deixava ambígua uma sentença como:

- (937) * wa a-pupu
 1 2-ver
 'eu vejo/vi você'

(essa ambigüidade ainda é encontrada no Apinajé, no Kayapó e no Suyá atuais). Por outro lado, a ocorrência de *te* numa posição em que ocorrem outras marcas de aspecto e modo pode ter facilitado sua interpretação como marca de tempo/aspecto/modo⁸.

- (938) wa ha a-kakwĩ
 1 IRR 2-bater
 'eu vou te bater'

- (939) wa apu a-kakwĩ
 1 PRG 2-bater
 'eu estou te batendo'

Se essa previsão estiver correta, a oração assumiria uma outra estrutura: o que era considerado o verbo complemento passa a representar o verbo principal e o que era considerado o verbo principal passa a representar um operador:

- (940) * [[i-*tε* a-kakwĩ]_{Sujeito} nare]_{oração principal}
 1-GEN 2-bater.NF negação existencial
 'não é / não há o meu bater em você'

- (941) [i-*tε* _{Sujeito} a-kakwĩ]_{oração principal} [nare]_{operador}
 1-PAS/ERG 2-bater NEG
 'eu não te bati'

Essa proposta de estrutura justifica-se uma vez que encontramos em Timbira Apāniekrá atual essas construções etimologicamente nominalizadas sendo usadas como sentenças independentes (o que configura o sistema ergativo-absolutivo na língua atualmente, condicionado pela expressão do tempo passado simples).

- (942) [i-*tε* a-kakwĩ]_{oração principal}
 1-ERG 2-bater
 'eu te bati'

Sincronicamente, nas sentenças com a nominalização (sem nome derivado lexicalmente (*clause nominalization*, Comrie & Thompson (1985))) do verbo, não há ocorrência da posposição ergativa *te* marcando o sujeito dos verbos transitivos. Essa

⁸ A ordem não marcada dos constituintes nucleares em Timbira Apāniekrá é SOV. Os outros constituintes não nucleares, quando ocorrem, estão distribuídos da seguinte maneira:

S tempo ou advérbio e/ou locativo e/ou benefativo ou OV
 aspecto instrumental malefativo

com o sujeito em primeira posição e o verbo em última. Para maiores detalhes, ver capítulo 4.

nominalização afeta só o verbo (forma finita → forma não-finita) e seus argumentos internos (como sujeito intransitivo e objeto). Esse fenômeno, descrito anteriormente, representa uma expressão do sistema de marcação de caso nominativo-absolutivo na língua (o qual não tem ainda sua evolução explicada). Esse sistema representa também uma inovação do Timbira em relação às outras línguas Jê.

- (943) kahāj ke ha a?kukrē
 mulher 3 IRR correr
 ‘a mulher vai correr’

- (944) kahāj ke ha h-3?kukrēn mpej
 mulher 3 IRR correr.NF correr
 ‘a mulher vai correr bem’

Pelo menos duas são as evidências sincrônicas independentes para sustentar a hipótese de que a morfologia ergativa do Timbira Apāniekrá seja derivada de um sistema de nominalização da protolíngua:

- 1) a concordância pronominal com a posposição que marca o caso ergativo **te** é a mesma que concorda com a posposição que marca o caso dativo **mã**. Ou seja, podem ser analisados como sendo oblíquo (no caso de **mã**), ou como derivado de oblíquo (no caso de **te**).

- (945) i-mã 1-DAT ‘para mim’
 a-mã 2-DAT ‘para você’
 ku-mã 3-DAT ‘para ele’
 pa-mã 1incl-DAT ‘para nós’

- (946) i-te 1-ERG
 a-te 2-ERG
 ku-te 3-ERG
 pa?-te 1incl-ERG

- 2) os verbos que apresentam concordância com o sujeito de 2ª pessoa (como **ku** ‘comer’, **pi** ‘pegar’, **tʃ-i** ‘guardar’) no sistema ativo-estativo (segundo a hierarquia de pessoa 2A > 3O), apresentam concordância com o objeto no sistema ergativo. Ou seja, presença de uma morfologia para indicar que o sujeito ergativo de 2ª pessoa **a-te** não tem a mesma natureza que o **ka**.

ATIVO-ESTATIVO

- (947) wa ha **ku-ku**
 1 IRR 3-comer
 ‘eu vou comê-lo’

- (948) **ka** ha a-ku
 2 IRR 2-comer
 ‘você vai comê-lo’

ERGATIVO

- (949) i-te i?-kur
 1-ERG 3-comer
 ‘eu a comi’

- (950) a-te i?-kur
 2-ERG 3-comer
 ‘você a comeu’

Para explicar a interpretação de passado das sentenças nominalizadas da protolíngua no Timbira há uma hipótese que precisa ainda ser investigada. Em Apāniekrá, o predicado cujo núcleo é um verbo não-ativo é sempre interpretado como *realis*. Ao contrário, para ser interpretado como *irrealis*, a partícula **ha** precisa ocorrer no início da sentença. Pode ser então que o passado recente das construções nominalizadas seja derivada da interpretação sempre *realis* do complemento do verbo não-ativo.

Outra hipótese a ser investigada é a forma não-finita codificar o particípio passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma descrição de aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua Timbira falada pelos Apâniekrá da Área Indígena Porquinhos, localizada no estado do Maranhão. Embora seja uma primeira documentação da gramática dessa língua, a análise e a descrição de vários aspectos morfossintáticos se fizeram necessárias para uma compreensão mais ampla do Apâniekrá. Nunca é demais repetir que se trata de uma descrição parcial e incompleta da língua e, como já apontadas em vários momentos do texto, muitas questões ainda necessitam de uma investigação mais aprofundada.

O trabalho comprehende cinco capítulos. O primeiro apresentou informações gerais sobre os povos Timbira, sobre os trabalhos anteriores sobre a(s) língua(s) falada por esses povos e sobre a minha proposta de classificação, baseada na comparação dos inventários fonêmicos, das categorias de tempo, aspecto e modo, da ordem dos constituintes e da ergatividade morfológica, de serem duas as línguas dos povos Timbira (a língua Timbira, falada pelos povos Timbira à esquerda do Rio Tocantins (Apâniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Gavião Pykobjê e Kríkatí) e pelos Gavião do Pará, e a língua Apinajé, falada pelos Apinajé que estão à direita do mesmo rio).

O capítulo dois apresentou uma análise de aspectos da fonologia do Apâniekrá, resultado de uma revisão da minha dissertação de mestrado. A maior modificação em relação ao trabalho de 1999 foi a inclusão das consoantes *n* *ŋ* na série das nasais no sistema fonológico da língua.

Os capítulos de três a cinco apresentaram uma descrição de tópicos selecionados da morfossintaxe do Apâniekrá que contribuíram para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da ergatide em Timbira e nas línguas Jê. O capítulo três descreveu as características semânticas, sintáticas e morfológicas das principais classes de palavras: nome, verbo, advérbio, pronome, numerais, posposições, conjunções e partículas.

O capítulo quatro descreveu a ordem dos constituintes, os sistemas de marcação de caso (Ativo-Estativo, Nominativo-Absolutivo e Ergativo-Absolutivo), os principais tipos de predicado (verbais e não-verbais) e a estrutura das orações declarativas e negativas das orações simples da língua.

O capítulo cinco descreveu as sentenças complexas (as subordinadas completivas, com verbos de modalidade, de manipulação e de percepção, cognição, expressão, as relativas e as coordenadas), os mecanismos de co-referenciação e o sistema de *switch-reference*.

Finalmente, o capítulo seis apresentou, a partir da comparação de determinadas propriedades morfossintáticas com outras três línguas Jê (Apinajé – Kayapó – Suyá), uma hipótese para o aparecimento da ergatividade em Timbira. Foi proposto considerar também, dentro da família lingüística Jê, o subgrupo Apinajé – Kayapó – Suyá – Timbira.

O objetivo principal de terem sido esses (e não outros) os tópicos abordados na tese foi fornecer uma descrição de aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua que dessem subsídios para levantarmos (o leitor e eu) nossas próprias hipóteses em relação à ergatividade em Timbira Apâniekrá. E, mais especificamente, fornecer informações de uma língua Jê para as teorias sobre sistemas de ergatividade cindida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

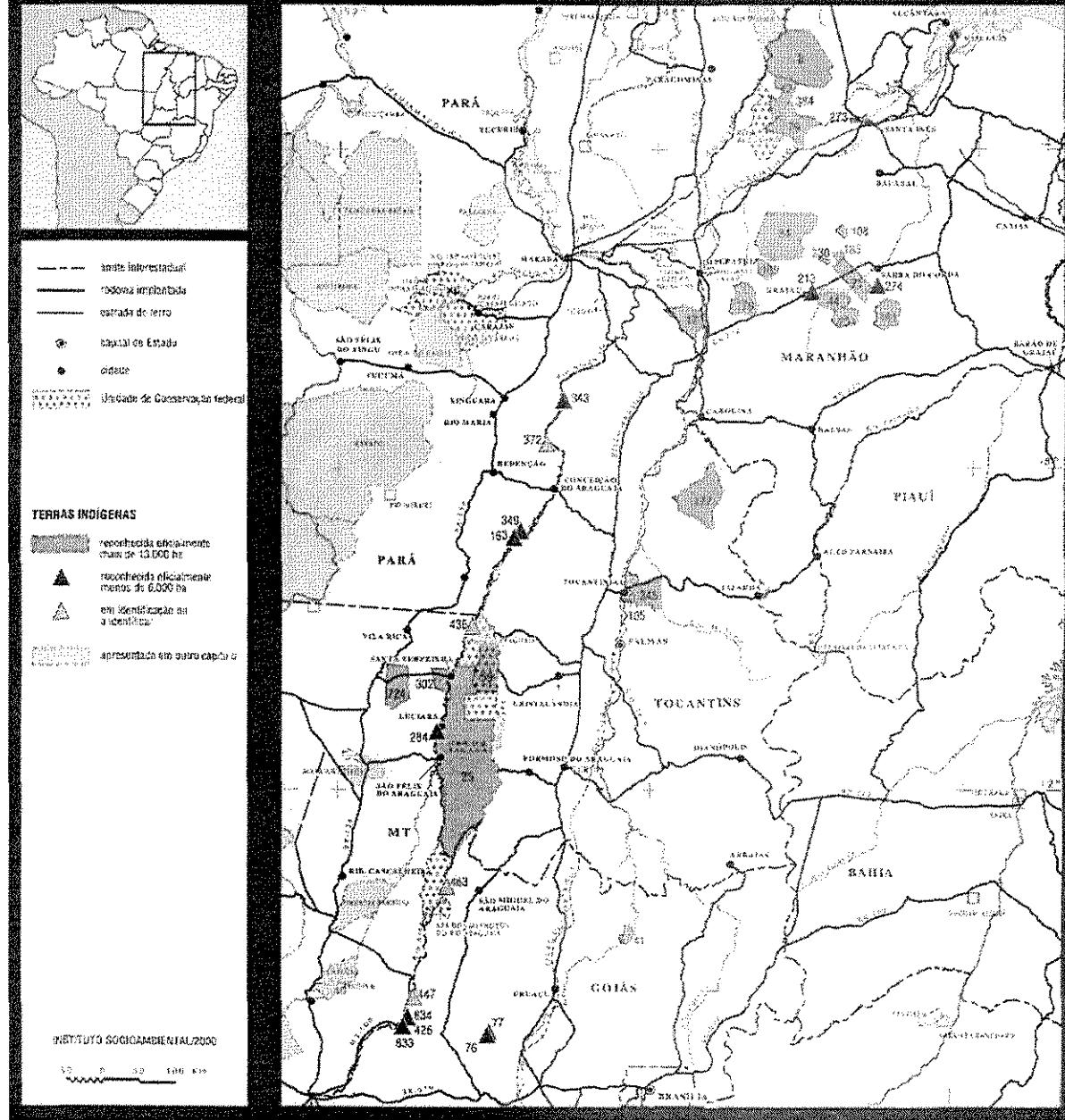
- ANDERSON, S. R. (1977). On mechanisms by which languages become ergatives. In C. Li (ed) *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press.
- (1986). Morphological change. In F.J.Newmeyer (ed) *Linguistics: The Cambridge Survey vol.1 (Linguistic Theory: Foundations)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALVES, F. C. (1995). Levantamento contrastivo dos fonemas das línguas Apinajé, Canela e Krahô (família lingüística Jê). Trabalho apresentado no *XLIII Seminário do GEL*.
- ALVES, F. C. (1999). *Aspectos fonológicos do Apâniekrá (Jê)*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).
- ALVES, F. C. (2000). As classes de pronomes em Apâniekrá (Jê). Unicamp, manuscrito.
- ALVES, F. C. & SÁ, R.M. (2000). As estruturas silábicas do Apâniekrá e do Pykobjê: uma contribuição ao estudo da sílaba nas línguas Timbira. *Anais do Congresso da ABRALIN*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- ALVES, F. C. (2001a) Aspectos da ergatividade cindida em Apâniekrá (Jê). In SANTOS, L. (2001). *Línguas Jê: textos vários*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.
- ALVES, F. C. (2001b). A variação entre os marcadores de terceira pessoa presos ao verbo em Apâniekrá (Jê). Trabalho apresentado no I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL, na Universidade Federal do Pará.
- ALVES, F. C. (2001c). Processos desencadeados pelo uso da negação nas orações independentes do Apâniekrá (Jê). Trabalho apresentado no VII Seminário de Teses em Andamento, no IEL/Unicamp.
- ALVES, F. C. (2002). A relação entre as línguas do complexo Timbira: uma análise comparativa preliminar. Trabalho apresentado no 2º Macro-Jê (*Encontro de Pesquisadores das Línguas Jê e Macro-Jê*), no IEL/Unicamp.
- AMADO, R. S. (2003). *Aspectos Morfológicos do Gavião-Pykobjê*. Relatório Fapesp.
- ARAÚJO, L. M. S. (1977). *Semântica gerativa: um estudo do dialeto Gavião-Jê*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (Dissertação de Mestrado).
- ARAÚJO, L. M. S. (1989). *Aspectos da língua Gavião-Jê*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Tese de doutorado).
- ARAÚJO, L. M. S. (1993). Fonologia e grafia da língua da Comunidade Parkatêjê (Timbira). In SEKI, L. (org). *Lingüística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: Editora da Unicamp.
- ARAÚJO, L. M. S. & FERREIRA, M. N. O. (2002). Revisitando os prefixos relacionais do Parkatêjê. Trabalho apresentado no 2º Macro-Jê (2º Encontro de Pesquisadores das Línguas Jê e Macro-Jê), no IEL/Unicamp.
- AZANHA, G. (1984). *A forma Timbira: estrutura e resistência*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de mestrado).
- BURGESS, E. & HAM, P. (1968). Multilevel conditioning of phoneme variants in Apinayé. *Linguistics: An International Review* 41.
- CALLOW, J. C. (1962). *The Apinayé Language: phonology and grammar*. University of London (Tese de doutorado).
- CAMPBELL, L. (1999). *Historical linguistics (an introduction)*. Cambridge / Massachusetts: MIT Press.

- CLEMENTS, G. N. & HUME, E. V. (1995). The internal organization of speech sounds. In J. Goldsmith (org) *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COMRIE, B. (1976). The syntax of causative constructions. In Shibatani, M. (ed) *The Grammar of the causative constructions*. Syntax and Semantics, vol.6. New York: Academic Press.
- COMRIE, B. (1978). Ergativity. In W.P.Lehmann (ed) *Syntactic Typology: studies in the phenomenology of language*. Austin: University of Texas Press.
- COMRIE, B. (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COMRIE, B. (1985). Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description, vol. III*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1988). Passive and voice. In M.Shibatani (ed) *Passive and voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- COMRIE, B. (1989). *Language universals and linguistics typology*. 2^a ed. Oxford: Basil Blackwell.
- COMRIE, B. & THOMPSON, S. (1985). Lexical nominalization. In T.Shopen (ed) *Language Typology and Syntactic Description, vol. III*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSERIU, E. (1987). *Teoria da linguagem e lingüística geral*. 2^a edição. Rio de Janeiro: Presença.
- CROCKER, W. (2002). www.socioambiental.org/website/pib/epi/canela/aspectos.
- D'ANGELIS, W. R. et al. (orgs) (2002). *Bibliografia das línguas Macro-Jê* (2002). Campinas: DL/IEL/Unicamp.
- DAVIS, I. (1966). Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos - Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, 1 (2).
- DIXON, R. M. W. (1977). Where have all the adjectives gone? *Studies in Language* 1: 19-80.
- DIXON, R. M. W. (1979). Ergativity. In *Language* 55 (1): 59-138.
- DIXON, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DOURADO, L. G. (2001). *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Campinas: Unicamp. (Tese de Doutorado).
- ESTIVAL, D. & MYHILL, J. (1988). Formal and functional aspects of the development from passive to ergative systems. In M.Shibatani (ed). *Passive and voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- FERREIRA, M. N. O. (2003). *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Campinas: Unicamp. (Tese de Doutorado).
- FIORIN, J. L. (2002). Teoria dos signos. In J.L.Fiorin (org) *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto.
- FOLEY, W. A. (1986). *The Papuan languages of New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FOLEY, W. A. & Van Valin, R. D. (1984). *Funtional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HAM, P. (1961). *Apinaye phonemic statement*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- HARRIS, A. & CAMPBELL, L. (1995). *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

- GILDEA, S. L. O. (1992). *Comparative Cariban Morphosyntax: on the Genesis of Ergativity in Independent Clauses*. Eugene: University of Oregon. (Tese de doutorado).
- GILDEA, S. L. O. (1998). *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. New York: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. (1983a). Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In Haiman, J. & Munro, P. (orgs).
- GIVÓN, T. (1983b). *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam: John Benjamins.
- GIVÓN, T. (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- GIVÓN, T. (2001). *Syntax I, II (an introduction)*. Amsterdam: John Benjamins.
- HAIMAN, J. & MUNRO, P. (1983). *Switch-reference and universal grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- HAYES, B. (1995). *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago/London: University of Chicago.
- KEENAN, E. L. (1985). Passive in the world's languages. In T. Shopen (ed) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MELATTI, J. C. (1999). www.socioambiental.org/website/pib/epi/timbira/aspectos.
- MUNRO, P. (1976). *Mojave syntax*. New York & London: Garland Publishing.
- NICHOLS, J. & WOODBURY, A. C. (ed) (1985). *Grammar inside and outside the clause*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NICHOLS, J. (1986). Head-marking and dependent marking grammar. *Language* 62 (1).
- NIMUENDAJÚ, C. (1946). *The Eastern Timbira*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, vol.XLI. Berkely and Los Angeles: University of California Press.
- OLIVEIRA, C. O. (2003). Lexical categories and descriptives in Apinajé. *IJAL* 69 (3).
- POPJES, J. & J. (1971). *Tentative phonemic statement of Canela*. Summer Institute of Linguistics.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). Canela-Krahô. In DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. (eds) (1986). *Handbook of Amazonian Languages, v.1*. Berlin / New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- REIS SILVA, M. A. (2001) *Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)*. Dissertação de mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- RIZZI, L. (1997). The fine structures of left periphery. In HAEGEMAN (ed.) *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publishers.
- RODRIGUES, A. D. (1986). *Línguas Brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- RODRIGUES, A. D. (s.d.). A piece of grammatical congruity among Tupi, Carib and Je. UnB, manuscrito.
- SÁ, R. M. (1999). *Análise fonológica preliminar do Pykobjê*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).
- SALANOVA, A. P. (2001). *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Campinas: Unicamp. (Dissertação de mestrado).
- SANTOS, L. C. (1997). *Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá/Kisêdjê (Jê)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (Tese de doutorado).
- SCHRÖDER (2002). www.socioambiental.org/website/pib/epi/guajajara/aspectos.

- SEEGER, A. (1986). Oratory is spoken, myth is told, and song is sung, but they are all music to my ears. In Sherzer, J. & Urban, G. (eds) *Native South American Discourse*. Berlin / New York / Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- SEKI, L. (1989). Evidências de relações genéticas na família Jê. In *Estudos Lingüísticos XVIII*.
- SHELL, O. (1952). Grammatical outline of Kraho (Ge family). *International Journal of American Linguistics 18*.
- SHOPEN, T. (ed) (1985). (ed) *Language typology and syntactic description*. 3 vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- SOUZA, S. M. (1990). *O sistema de referência pessoal da língua Krahô*. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia. (Dissertação de mestrado).
- SOUZA, S. M. (1997). *A sintaxe de uma língua de verbo no final : krahô*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Tese de doutorado).
- URBAN, G. (1985). Ergativity and Accusativity in Shokleng (Ge). *IJAL 51* (2).
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998). *Prosody, Focus and Order Word*. Massachusetts: MIT Press.

14. GOIÁS TOCANTINS MARANHÃO



Fonte: **Povos Indígenas no Brasil 1996-2000** / (Carlos Alberto Ricardo (editor))
São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

Pënkwýj Hëmpejxý, 14 de dezembro de 2003.

Hypy, mëjkwy, amcro ëtaný wa mëjpé ë'ky'höc to më ëhempej catëtjë te cöprön në më ajpën mÿ më ècaköc, më pa'te ajpën par catëjë te ë'köc ëta köt ajpën par në, ajpën köt to ë'köc xÿ'nÿ.

Mym ëtajë pë oprô he, Pynhë, Tep-hot, Höjawën, Cöjam, Pëkën, Krÿ'hy, Pëhöc, Jahët, Cöket, Kën më, më côte São Paulo kym cöprön 1995 nÿ. Më pa'te ajpën köt to'köc xÿ'nÿ. Pë wa më ëte ëta kym ë'köc ëta to më hanë, në më to pyxët në ë'köt më ajpën kÿmpa pej to hanë.

Në wa ha më amy ë'ky'höc ëta pë ca më hõmpö në më cahyt kë ëmpej cö më ta'nÿ ajpën kÿmpa pej. Kë ë'köc ajpën pyrÿc. Në wyr cö më pa'caköc to antöw. Në ha më a'pÿn nÿ më pa'caköc to më pa'caköc.

Në mym më ëte më pa'caköc nÿ ë'köc to (± 350) më pa'caköc köt më ate hõmpön xÿ'nÿ. Wa camy më ëte to ë'köc cape xÿ'nÿ më ëte to ë'köc to hajÿr.

Ëtajë te my to ë'köc ëta jëpej:

Cornélio Pëapëte, Jonas Pynhë, Mário Pröjapë, Neide Apinajé, Joel, Iramar, Diana, Ari Karömpej, Edmar, Célio, Creuza Prümkwýj, Sabino Cöjam, Iltom I'prÿ, Gregório Hú'të, Benedito Hyc, Anelivaldo Pëhöc, Boaventura Xwaxwa, Dórcio Hô'hë, Zé Antônio Xëkaprö, Rosane Cö'tetet e Flávia Pa'nõ.

TRADUÇÃO (por Cornélio Canela (Ramkokamekrá), da Aldeia Escalvado)

Pēnxwìj Hémpejxì, 14 de dezembro de 2003.

Bom minha comunidade, a partir de hoje nós que somos professores nos unimos e nós combinamos entre nós para fazer essa grafia (uniformizada), para que nós podemos se entender melhor através da escrita, principalmente o povo que fala a mesma língua. Antes teve lá em São Paulo com essas pessoas Pýnhë, Tep-hot, Höjawën, Cöjam, Pékëñ, Kry'hy, Pöhöc, Jahët, Cöxet, Këñ, no ano de 1995, para podermos escrever igualmente. Por isso uniformizamos essas grafias e fizemos uma só escrita para que nós podemos se entender melhor.

E nós vamos mostrar essa escrita para vocês verem e entenderem. A escrita não pode mudar a fala da comunidade, continua falando do mesmo jeito. E primeiro nós fizemos como experiência (mais ou menos 350 palavras) para vocês lerem e terem uma idéia e corrigirem. São essas pessoas que fizeram: Cornélio Pëapëte, Jonas Pýnhë, Mário Prôjapë, Neide Apinajé, Joel, Iramar, Diana, Ari Karömpej, Edmar, Célio, Creuza Prûmkwyj, Sabino Cöjam, Iltom I'prìy, Gregório Hû'të, Benedito Hyc, Anelivaldo Pöhöc, Boaventura Xwaxwa, Dórcio Hô'hë, Zé Antônio Xëkaprò, Rosane Cö'tetet e Flávia Pa'nõ.

GRAFIA UNIFORMIZADA PARA OS DIALETOS TIMBIRA

LETRAS APROVADAS EM 12 DE DEZEMBRO DE 2003

CONSOANTES:

p - t - x - c - k - ' - m - n - g - w - j - r - h

VOGAIS:

a - e - ē - ĕ - ī - y - ÿ - o - ö - õ - ū

Explicação das consoantes:

1) c - qu - k

Não vão usar **qu**

c para final da sílaba - *hapac*

c - k para início de sílaba - *ca, kop*

2) ' - h

h para início de sílaba - *hapac*

' para final de sílaba - *Pa'nō*

3) g - h

Os Krikati vão escrever **h** onde os falantes dos outros dialetos timbira vão escrever **g** - *cahy* / *cagŷ, hōr / gōr*.

4) j - x

Os Gavião vão escrever **x** no final de algumas palavras, enquanto os falantes dos outros dialetos timbira vão escrever **j** - *ipoj / ejpux*.

5) p - t - x - m - n - w - r

Como em todos os dialetos timbira essas letras já estavam sendo escritas da mesma forma, elas foram mantidas.

Explicação das vogais:

1) a - ÿ

ca, pa

cahyj, jhyj, myj

2) y - ÿ

Alguns povos vão dizer [ʒ] ou [ə], onde outros vão dizer [ɛ] ou [i], mas todos vão escrever **ÿ** - *crÿ, hy, py, kwÿr*.

Alguns povos vão dizer [i] onde outros vão dizer [ə], mas todos vão escrever **y** - *cōkryt, tyc, kry*.

3) e – é

Alguns vão dizer [ɛ] e outros vão dizer [e], mas todos vão escrever e - *tep, ate*.

Alguns vão dizer [e] e outros vão dizer [i], mas todos vão escrever é - *caapér, caté*.

4) o – ö

Alguns vão dizer [ɔ] e outros [o], mas todos vão escrever o - *kop, é'to*.

Alguns vão dizer [o] e outros vão dizer [u], mas todos vão escrever ö - *caprö, cömxë*.

5) ê – ï

Alguns vão dizer [ẽ] e outros vão dizer [é], mas todos vão escrever ê - *cökré, té*.

Alguns vão dizer [í] e outros vão dizer [ẽ], mas todos vão escrever ï - *pí, mí*.

6) õ – ü

Alguns vão dizer [õ] e outros vão dizer [ö], mas todos vão escrever õ - *mõ, põ*.

Alguns vão dizer [ü] e outros vão dizer [õ], mas todos vão escrever ü - *ënxit, hümre*.

LISTA DE PALAVRAS - ANIMAIS

PORtuguês

Bicho doméstico
Bicho de caça
Papagaio
Juruva (ave)
Arara azul
Tatu
Tamanduá
Gambá
Mucura (tipo de gambá)
Raposa
Ratão
Rato
Morcego
Macaco
Guariba (bugio)
Coelho
Porco
Capivara
Paca
Cutia
Gato
Lobo guará
Quati
Onça
Anta
Veado
Cabra
Gado
Ave
Asa
Pena
Ema
Ovo
Lambu
Perdiz
Jaó
Garça

TIMBIRÁ

pry pëjaparë
pry jöphë
krÿjtë pej
rõ'të
pÿn
tön
pÿt
pyke
krotë
xore
amxötë
amxo
xëp
cököj
cöpyt
krÿjacra
krö
cömtöm
cra
cökën
ropre
pöte / xöte
wakō
rop
cökryt
cary
popejre
prytë
pryre jara
hara
ëncwÿn
mÿ
ëncré
a'tor.re
pëkë
capöre
caaprë

Socó (ave)	crawcrawre
Pato	cöxöj
Urubu	xön
Galinha	xŷ'xŷc
Gavião	hŷc
Mutum / jacu	pytēc
Pomba	tötre
Periquito	krēre
Coruja	porpot
Beija-flor	jönre
Tartaruga	caprŷn
Jacaré	mĩ
Enguia	pŷp
Caracol	twŷn
Escorpião	pacre
Gafanhoto	xycxyc
Grilo	aröj
Barata	po'pojre
Cupim	rör
Formiga	prömre
Piolho	ëncö
Pulga / bicho-do-pé	wapre
Vaga-lume	wajca rŷ'rŷ
Cigarra	co'kot / kör
Borboleta	wewe
Mariposa	krytjarare
Lagarta	amcö
Mosca	köp
Mosquito	köpre
Pernilongo	jöjöjre
Borrachudo	prýmtë
Pium	prýmre
Mutuca de cavalo	pöhöttë
Besouro	ajïnkö'köjtë
Iguana / teiú	kÿcatêtëctë
Calango	wetre
Camaleão	kõc
Cobra	cahŷ / cagŷ
Sucuri	ro'të
Jibóia	hŷkatë

Sapo	pröttë
Peixe	tep
Cascudo	këtë
Surubim	pöpöre
Arraia	xëwxët

LISTA DE PALAVRAS - BOTÂNICA

PORtuguês	TIMBIRa
Cajá	pyrëj
Urucum	py
Murici	cötë
Mamão	prýmxö
Jenipapo	protë
Algodão	caxytjí
Fumo	pýrhö
Pimenta	pýrhy
Laranja	rýj
Pequi	prën
Fava	pýnkryt
Pau d'arco	töcre
Amendoim	cahy
Pimentão	pýrhy'të
Milho	pöhy
Espiga de milho	pöhy ca'kö
Milho verde	pöhy tetet
Raspa de espiga	pöhyxöm
Palha de milho	pöhy'pry
Folha de milho	pöhy'hö
Pé de milho	pöhypyr
Capim miçanga	capare'hy / acyre
Gengibre	xëxëp
Arroz	ary
Abóbora	cö'köncahyç / jarëj
Cabaça	cö'kön
Feijão	pýtjytöj
Melancia	pratxë
Inhame	krerö
Batata & batata doce	jìt

Mandioca	kwyr
Tucum	ronre
Buriti	crow
Coco	rortë / rötë
Açaí	tëre
Bacaba	caapér
Inajá	awar
Banana	pypyre / panýnxö / pöpxö
Abacaxi	pröprötxö / pröprö
Bambu	po'hë
Timbó	a'krö
Samambaia	cratë / craatepÿr
Cacau	höncrytëxö
Caju	a'krÿt
Macaúba	ronhÿc
Bacuri	cömxë
Araçá	tëcrÿj
Puçá	crotot
Mangaba	pënkö / a'pënkö
Mel	pen

LISTA DE PALAVRAS - CULTURA MATERIAL

PORtUGUÊS	TIMBIRA
Jirau	pÿr / kwyc / par
Casa	ëkre ëjkre
Palha de inajá	awarhö
Palha de piaçaba	rö pejhö / rör pejhö / pö
Palha de buriti	crowhö
Fita de buriti	crowhö jör
Abano de talo de buriti	kajhy'te cajpér xy
Cinto	cagÿ cöhë / xy
Esteira	cö'pëp / ca'ty / pap
Esteira p/ meninos(as)	cöpëp
Pacará	paptö / caj / cas
Mocó (bolsa pequena)	maco / paptö
Arco	cöhë
Flecha	kröw
Pau-de-leite	arÿmhöc

Jenipapo	pörtë / pröttë
Carvão	projproj / prÿprÿj / prÿjprÿj
Pote	pot
Cuia	crat
Maracá	cö'tōj / cö'tox
Flautinha	hykörxì / po'pa
Cocar	hì'kì
Pulseira	ë'paxë
Lança (flecha afiada)	kröwaxwa
Borduna	kötì / ku
Cesta	hìmcjënxì
Colar	hōkrexë
Tiririca	capare
Munguru (olho-de-cabra)	catëcre
Dentes de animais	pryrexwa
Linha de tucum	ronrexë
Peña da asa	a'prì
Peña do corpo	a'kwyn / ènkwyn
Pau roxo (casca escura)	cöhë kì'tyc
Galheiro	po
Dente de macaco	cököj xwa
Esteira de coco de babaçu	rõrhöte cö?pëp

LISTA DE PALAVRAS - PARTES DO CORPO

PORtUGUÊS	TIMBIRa
Cabeça	ë'krÿ
Cabelo	ë'kî
Testa	ë'köcatyx
Sobrancelha, cílio	ëntohö
Lágrima	ëntocacö
Nariz	ë'krÿt
Ranho	hijarop
Bochecha	hîte
Boca	harkwa
Dente	wa
Lábio	ha'kì
Saliva	har.rÿ
Baba	har.rÿ.të

Cuspe	harcö
Ele cuspiu	harcörē
Língua	hō'to
Mandíbula	hama
Queixo	hahë / harhë
Barba	hamahö / harhö
Bigode	é'krÿhö / harhö
Orelha	hapac
Ouvido	höparxì / hapac.kre
Pescoço	ëmpöt
Nuca	ëmpöt kat / ëmpöt krat
Garganta	hökrë / hōkre
Joelho	ë'kōnkrÿ
Ele se ajoelhou	ë'kōnkrÿ'najÿ
Cotovelo	ë'pakön
Axila	harakre
Ombro	hëkre
Mão	hū'kra
Pulso	hūntÿj / hūmtÿx
Braço	hara , è'pa
Antebraço	harakat / harakrat , pakrat
Dedo da mão	hū'kra'hë / hū'hë
Osso da mão	hū'kra'hë
Unha	hū'kop
Tornozelo	hō'cojre / è'parkön
Calcanhar	è'parkat / è'parkrat
Pé	è'par
Sola do pé	è'parjökwa
Dedo do pé	è'parkrÿ'hë
Canela	è'te'hë
Perna	è'te
Coxa	è'kjë
Quadril	è'kat / è'krat
Nádegas	hōjì / èntotjì
Bunda	hō / èntot
Ânus	hōka'kre / èntotkre
Peido	è'pëc
Cocô	hīn
Pênis	hëxöt
Testículos	ëncre

Menstruação	caprö
Vulva	ë'hëkrÿt
Vagina	ë'hëkre / hë
Mijo	hÿ
Fazer amor (substantivo)	ajní
Grávida	e'kra / ë'tëc / ra'kra
Nascer	ë'pÿm
Dar à luz, parir	cömÿ ë'kra pÿm
Peito	ë'kÿ
Teta	ë'kÿ'krÿt
Peito de mulher	hököt
Leite de mulher	ë'kÿcacö
Barriga	ë'tö
Pança	ë'tëctë
Estômago	hôxÿ
Intestino	hïnkratetet / hïnkra
Coração	ë'totoc
Sangue	caprö
Fígado	ëmpa
Rim	a'nÿprïn / ë'cakry
Veia	cöxëc
Osso	ë'hë
Coluna vertebral	ë'köhë
Costela	hëwrÿ'hë / hõrõ
Tutano	cajñ
Gordura	ë'twÿm
banha	e"tonÿ'twÿm
Nervo	hïcöxëc
Gordo	hëcot
Pele	ë'kÿ
Suor	a'nÿcö
Carne (de pessoa)	mëhï
Carne (de comer)	hï körxÿ
Corpo	hïkönëa / hïkonë
Miolos	ë'krÿcajñ
Cara	ë'koc
Pêlo	ë'kö
Goela	hõkrekat / hõkrekrat
Gogó	hõkac / ë'ka
Esqueleto	më'hë

LISTA DE PALAVRAS - TERMOS DE PARENTESCO

PORTUGUÊS	TIMBIRA
Pai	ënxit
Sogro de H	pìjkët / pìjkëtjë
Sogro de M	krÿ'tümjë / prekëtjë
Sogra de H	hìxwìjë / è'pÿnjë
Sogra de M	propekëj / prekyxjë
Avô, vovô	këttë / wej
Avô paterno, avô materno	këttë / krÿtümwej
Avó, vovó	tyjtë / tyre
Avó paterna, avó materna	tyjtë / tyre
Tio paterno mais velho	ënxitkì
Tio paterno mais novo	ënxitcöprì
Marido da irmã do pai de H	këttë
Marido da irmã do pai de M	ëmpjën
Tia paterna	tyre
Tia materna mais velha	ënxitkì
Tia materna mais nova	ënxitcöprì
Esposa do irmão da mãe de H	è'prò
Esposa do irmão da mãe de M	-----
Marido	ëmpjën
Esposa	è'prò / hìxë
Irmão	è'tò
Irmão mais velho	è'tò'kì
Irmã	è'tòj / è'tòx
Irmã mais velha	è'tòjkì / è'tòxkì
Irmão de esposa	ëmpyjë
Irmão de marido	è'pjë / tokìjë
Irmã de esposa	è'prò / è'pÿnjë
Irmã de marido	toctyjë / è'prejë / awprejë
Filho, filha	è'kra
Genro de H	è'pëjòjë
Genro de M	è'wawì / e'pëjòjë
Nora de H	ëpÿnjë
Nora de M	ëxwyje
Filho de irmão de H	è'kra
Filho de irmão de M	è'tòmxwì
Filho de irmã de H	è'tòmxwì
Filho de irmã de M	è'kra

Filha de irmão de H	ë'kra
Filha de irmão de M	ëjaparxwìj / japarxwìx
Filha de irmã de H	ëjaparxwìj / japarxwìx
Filha de irmã de M	ë'kra
Neto	ë'tìmxwì
Neta	ëjaparxwìj / japarxwìx
Parente	ë'kwì
Casar-se (H)	ëjèkwatòwa
Casar-se (M)	jìkwa
Madrasta	ënxètow
Padrasto	ënxùtow
Enteado, enteada	ë'kra